

Mariana Moretto Gementi

**Estudo das sibilantes nas *Cantigas
de Santa Maria***



Araraquara/SP

2013

Mariana Moretto Gementi

Estudo das sibilantes nas *Cantigas de Santa Maria*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp / Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Linha de pesquisa: Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gladis Massini-Cagliari

Bolsa: FAPESP – Processo 2011/03373-7

Araraquara – S.P.
2013

Mariana Moretto Gementi

Estudo das sibilantes nas *Cantigas de Santa Maria*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/ Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Linha de pesquisa: Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gladis Massini-Cagliari
Bolsa: FAPESP – Processo 2011/03373-7

Data da defesa: 29 de julho de 2013.

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gladis Massini-Cagliari (UNESP/ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” / *Campus* de Araraquara).

Membro Titular: Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP / São Paulo)

Membro Titular: Prof. Dr. Daniel Soares da Costa (UNESP/ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” / *Campus* de Araraquara).

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP- *Campus* de Araraquara.

*Aos meus pais, Luiz Antônio e Maria Izabel,
pelo dom da vida, por incentivarem o meu
sonho e me ajudarem a concretizá-lo.*

Agradecimentos

Começo os agradecimentos com um pequeno trecho de um poema de Rubem Alves que li certa vez: “Quero viver ao lado de gente humana, muito humana. Que sabe rir de seus tropeços, não se encanta com triunfos, não se considera eleita antes da hora, não foge de sua mortalidade [...]”. Este poema me faz lembrar de todas as pessoas “humanas” que fazem parte da minha vida e agradeço de coração a cada uma delas, que de uma forma ou de outra moram no meu coração.

Primeiramente agradeço a Deus. Eu não seria nada sem a fé que tenho n’Ele. O mundo muitas vezes nos faz chorar, mas Deus sempre nos quer sorrindo e confiante na vida.

Um obrigado especial à minha orientadora, Gladis Massini-Cagliari, por, além de ter sido minha mãe-acadêmica durante anos de estudo, ser também uma grande amiga. A ela dedico todas as minhas conquistas acadêmicas, todo o tempo de orientação e toda paciência. Agradeço também aos momentos alegres e descontraídos de nossas reuniões e à toda sua sabedoria, que me deixa encantada e vivamente incentivada à vida acadêmica. Muito obrigada por me valorizar como uma “notinha de cem reais”.

Ao grupo de pesquisa “*Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro*”, coordenado pela docente já aqui referida, ao qual a presente pesquisa está vinculada, que auxiliou imensamente no seu desenvolvimento.

À agência de pesquisa FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – processo 2011/03373-7), que financiou este trabalho e permitiu que eu me dedicasse exclusivamente à pesquisa.

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari, meu eterno mestre, pela confiança e pelo apoio, por ter apostado em meu futuro acadêmico. Agradeço ainda pelos seus conselhos e suas valiosas sugestões ao presente estudo.

Agradeço imensamente aos professores da minha banca de qualificação, Prof. Dr. Daniel Soares da Costa, que, além de Professor, é um grande amigo, e Prof^ª. Dra. Angélica Rodrigues, pela leitura minuciosa e pelas valiosas contribuições dadas para o crescimento e para a conclusão desta Dissertação.

Agradeço aos meus pais, Luiz Antônio e Maria Izabel, que, com muito amor e carinho, nunca mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida. Pelo amor incondicional e por acreditarem em minha capacidade de sonhar. A você

mãe, um obrigada especial, por ter sido sempre o meu espelho e meu porto seguro. Com certeza, sem você este sonho não seria realizado.

Agradeço ainda à minha irmã, Marina, pelo companheirismo e por tudo que já passamos juntas; afinal, "ter um irmão é ter, pra sempre, uma infância lembrada com segurança em outro coração".

Ao meu namorado, Gabriel, pelo companheirismo, pelo incentivo, por todo amor e carinho que dedicou a mim, durante a elaboração desta Dissertação.

Agradeço a todos os meus amigos. Em especial, a Larine Bueno, Natália Pedroni, Savana Benjamin, Aline Martins Pereira e ao grupo Birolas, pela confiança e por todos os momentos divertidos e únicos juntos. Agradeço ainda às amigas Priscila Picinato, Thais Abreu, Gisela Favaro, Audinéia Ferreira, Carolina Cangemi e Tauanne Amaral, por serem sempre muito atenciosas e prestativas nos momentos mais difíceis desta caminhada.

A TODOS, MEU MUITO OBRIGADA.

Mar Portuguez

Ó Mar Salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão resaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,
Mas nelle é que espelhou o céu.

Fernando Pessoa (1981, p. 42)

GEMENTI, Mariana Moretto. *Estudo das sibilantes nas Cantigas de Santa Maria*, 145 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2013.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo fazer o mapeamento das consoantes fricativas sibilantes nas *Cantigas de Santa Maria* (CSM). Foram focalizados os grafemas fricativos: <s>, <z>, <x>, <c>, <ç>, <sc> e <ss>. A análise das consoantes fricativas sibilantes nas CSM partiu da consideração das possibilidades de representação e de variação gráfica para essas consoantes, através da comparação entre os manuscritos originais das cantigas do *corpus*. Em primeiro lugar, foi feito um mapeamento das ocorrências das consoantes fricativas sibilantes do *corpus*, levando-se em consideração sua posição na sílaba (se no *onset* ou na rima), tendo, como objetivo, apresentar o sistema das consoantes fricativas empregado pelos trovadores que compuseram as cantigas religiosas em galego-português. A análise do sistema consonantal do Português Arcaico (PA), especificamente no que concerne às fricativas sibilantes, foi embasada, principalmente, nas teorias fonológicas não lineares, especialmente os modelos de Geometria de Traços (CLEMENTS; HUME, 1995) e, para o Português Brasileiro (PB), Cagliari (1998a). A abordagem inicial dos dados, para estabelecer se há ou não oposição entre os sons representados pelos grafemas focalizados, foi tomada a partir do modelo estruturalista de Pike (1947), segundo a leitura que dele faz Cagliari (2002). O *corpus* de base, para o PA, foi constituído pelas CSM, que são a maior coleção de poemas religiosos em louvor de Santa Maria compostos em galego-português, mandada compilar por Afonso X (1121-1284), rei de Castela. A justificativa para a escolha de textos poéticos como *corpus* desta pesquisa deve-se ao fato de que, por meio da análise das rimas encontradas nas CSM, é possível obter pistas satisfatórias sobre a realização fônica de consoantes em momentos passados da língua, dos quais não se têm registros orais. Nesta pesquisa, optou-se por trabalhar com as cantigas religiosas porque estudos revelam que as CSM, em termos de léxico e de rima, são mais ricas do que as cantigas profanas. A metodologia utilizada foi baseada na observação da possibilidade (ou não) de variação gráfica na representação das consoantes e na consideração da possibilidade (ou não) de rima entre essas palavras específicas para determinar sua possível realização fonética naquela época. Observamos que é possível obter informações sobre a realização fonética das fricativas sibilantes do português partindo de dados da escrita, desde que sejam levadas também em consideração informações de outra natureza, tais como a natureza das rimas possíveis. Através da análise dos dados, verificamos que os grafemas encontrados em posição de *onset* foram <s>, <sc>, <ç>, <z>, <x> e <c> e na posição de coda foram <s>, <x> e <z>. Constatamos também que o inventário de grafemas possíveis na posição de coda é bem menor do que na posição de *onset*. Além disso, foi possível concluir que, apesar de haver dúvidas sobre as realizações fonéticas das sibilantes em *onset* e em coda no PA, do ponto de vista fonológico, o sistema consonantal, no que se refere às fricativas sibilantes, já apresentava as mesmas características que encontramos hoje no Português Brasileiro.

Palavras-chave: Português Arcaico; *Cantigas de Santa Maria*; Fonética; Fonologia; Fricativas sibilantes.

GEMENTI, Mariana Moretto. *Estudo das sibilantes nas Cantigas de Santa Maria*, 145 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2013.

ABSTRACT

The purpose of this study is to map the sibilant fricative consonants existing in the *Cantigas de Santa Maria* (CSM). The following are the fricative graphemes on which we focused: <s>, <z>, <x>, <c>, <ç>, <sc>, and <ss>. The analysis of the sibilant fricative consonants in the CSM started from the consideration of the representation and graphic variation possibilities for these consonants, by means of comparison among the original manuscripts of the *cantigas* contained in the corpus. First, the occurrence of sibilant fricative consonants on the corpus were mapped according to their position in the syllable (whether onset or on the rhyme), with the purpose of presenting the fricative consonant system employed by the troubadours who composed the religious *cantigas* in Galician-Portuguese. The analysis of the Archaic Portuguese (AP) consonantal system, specifically on what concerns the sibilant fricative consonants, was mainly based on non-linear phonological theories, specially the Feature Geometry models (CLEMENTS; HUME, 1995), and, for Brazilian Portuguese (BP), Cagliari (1998). In order to establish the existence or non-existence of opposition between the sounds represented by the focused graphemes, the initial data approach was employed based on Pike's (1947) structuralist model, following Cagliari's (2002) understanding. The base corpus for AP was comprised of the CSM, which are the largest collection of religious poems in praise of Saint Mary, composed in Galician-Portuguese, whose compilation was requested by Afonso X (1121-1284), king of Castile. The reason behind the selection of poetic texts as the corpus of this research lies in the fact that, through the analysis of the rhymes found in the CSM, it is possible to obtain satisfactory clues about the phonetic realization of consonants in past moments of the language, of which no oral records are available. For this research, we chose to work with religious *cantigas* because previous studies have shown that when it comes to lexicon and rhyme, CSM are richer than secular *cantigas*. The methodology employed was based on monitoring the possibility (or not) of graphic variation in the consonant representation, as well as on considering the possibility (or not) of rhyme between the specific words in which the sibilant consonants appear, in order to establish their possible phonetic realization in that time. We have noticed that it is possible to obtain information about the phonetic realization of sibilant fricative consonants in AP by analyzing written data, provided information of other natures, such as the nature of the possible rhymes, are also taken into consideration. Through data analysis, we have verified that the graphemes found in onset position are <s>, <sc>, <ç>, <z>, <x>, and <c>, while the ones found in the coda position are <s>, <x> and <z>. We have also found that the inventory of possible graphemes in the coda position is quite smaller than that in the onset position. Furthermore, it was possible to conclude that, in spite of uncertainties regarding the phonetic realization of onset and coda sibilants for the AP, on the phonological level and on what regards the sibilant fricatives, the consonantal system already showed the same characteristics as the ones currently found in Brazilian Portuguese.

Keywords: Archaic Portuguese; *Cantigas de Santa Maria*; Phonetics; Phonology, Sibilant Fricatives.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Afonso X, entre seus colaboradores, na miniatura de abertura do Códice Escorial rico (T).	27
Figura 2	Cantiga X, sexta vinheta.	27
Figura 3	Página de ilustração da Cantiga 28 – <i>Códice rico</i> de El Escorial (T).	29
Figura 4	CSM24 em To26.	37
Figura 5	Página de ilustração da Cantiga XXXIII- Códice T.	38
Figura 6	Ilustração: Códice dos músicos (E).	40
Figura 7	Representação esquemática da variação de pressão da corrente-de-ar usada para a respiração normal (a) e para a fala (b).	73
Figura 8	Modelo de geometria de traços proposto por Clements (1985).	92
Figura 9	Terceira estrofe de CSM39 em E39.	105
Figura 10	Terceira estrofe de CSM39 em To53.	105
Figura 11	Terceira estrofe de CSM39 em T39.	105
Figura 12	Análise do problema da oposição.	115

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Consoantes sibilantes na posição de <i>onset</i> .	101
Gráfico 2	Consoantes sibilantes na posição de coda.	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Subperiodização do PA.	23
Quadro 2	Sistema Latino “Clássico”.	43
Quadro 3	Sistema Português atual.	43
Quadro 4	Diferentes propostas das sibilantes no português arcaico.	57
Quadro 5	Distribuição das sibilantes [s, z, ʃ, ʒ].	68
Quadro 6	Sibilantes em <i>onset</i> em posição inicial de palavra.	109
Quadro 7	Sibilantes em <i>onset</i> em posição medial de palavra, em contexto intervocálico.	112
Quadro 8	Sibilantes em <i>onset</i> em posição medial de palavra, em contexto entre consoante e vogal.	113
Quadro 9	<i>Onset</i> simples.	114
Quadro 10	Sibilantes em coda em posição medial de palavra.	119
Quadro 11	Sibilantes em coda em posição final de palavra.	119
Quadro 12	Consoantes na posição de coda simples.	122
Quadro 13	Realizações gráficas na posição final de palavra.	125
Quadro 14	Matriz de traços das consoantes.	129
Quadro 15	Levantamento dos grafemas encontrados em posição de <i>onset</i> e em posição de coda nas CSM.	135
Quadro 16	Relação entre letras e sons nas CSM.	135

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Quantificação das ocorrências nas consoantes fricativas mapeadas no <i>corpus</i> .	100
Tabela 2	Consoantes sibilantes em posição de <i>onset</i> .	101
Tabela 3	Consoantes sibilantes em posição de coda.	102

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

A	ataque
C	consoante
Co	coda
CPI	lugar da consoante
CSM	Cantigas de Santa Maria
E	Códice dos Músicos – El Escorial, Real Monasterio de San Lorenzo
F	Códice de Florença
FGT	Fonologia de Geometria de Traços
GLP	Gramática da Língua Portuguesa
GT	Gramática Tradicional
GU	Gramática Universal
Nu	núcleo
O	onset
OC	<i>oral cavity</i> (cavidade oral)
PA	Português Arcaico
PB	Português Brasileiro
PCO	Princípio do Contorno Obrigatório
PE	Português Europeu
R	rima
r	raiz
SPE	<i>The sound pattern of English</i> , livro de Chomsky e Halle (1968)
T	Códice rico ou Códice das histórias. El Escorial, Real Monasterio de San Lorenzo, MS T.I.1
To	Códice de Toledo. Madrid, Biblioteca Nacional, MS 10.069
V	vogal
VT	vogal temática
x	unidade abstrata de tempo
[]	fone, transcrição fonética ou trecho inserido
/ /	fonema, transcrição fonológica
< >	grafema
σ	sílaba
#	fronteira de palavra
:	oposição fonológica entre dois fonemas

As transcrições fonéticas seguem o padrão do IPA (*International Phonetic Alphabet*).

SUMÁRIO

Introdução	16
1 Apresentação e Delimitação temporal do <i>Corpus</i>	20
1.1 Considerações sobre o Português Arcaico	20
1.2 <i>Corpus: As Cantigas de Santa Maria</i>	25
1.2.1 <i>A autoria das CSM</i>	33
1.2.2 <i>As fontes</i>	35
1.3 Considerações finais	40
2 O sistema consonantal do Português Arcaico e do Português Brasileiro	41
2.1 As sibilantes, do latim ao português	41
2.2 O sistema de sibilantes no Português Arcaico: controvérsias	50
2.3 O sistema de representação ortográfica de sibilantes em épocas posteriores ao Português Arcaico	58
2.4 As fricativas no sistema consonantal do Português Brasileiro atual	63
2.5 Considerações Finais	70
3 Embasamento teórico	71
3.1 Sílabas e Estrutura silábica	71
3.1.1 <i>Consoantes geminadas</i>	78
3.2 Teoria estruturalista	82
3.3 O surgimento da Fonologia Não Linear	88
3.3.1 <i>A Fonologia Autossegmental - Geometria de Traços</i>	89
3.3.1.1 <i>A subespecificação</i>	94
3.3.1.2 <i>O status fonológico dos arquifonemas</i>	94
3.4 Considerações Finais	96
4 Apresentação da metodologia e dados quantitativos	97
4.1 Metodologia utilizada e quantificação dos dados	97
4.2 Considerações finais	107
5 Interpretação e análise das fricativas sibilantes nas CSM	108
5.1 Apresentação e análise dos dados das CSM em posição de <i>onset</i>	108
5.1.1 <i>Sibilantes em onset em posição inicial de palavra</i>	108
5.1.2 <i>Sibilantes em onset em posição medial de palavra</i>	111
5.2 Apresentação e análise dos dados das CSM na posição de coda	118
5.3 A contribuição das Rimas nas CSM para a análise das sibilantes no PA	124
5.4 Fricativas sibilantes sob a perspectiva da Geometria de Traços	129

CONCLUSÃO	135
Referências	138

Conteúdo do CD-Rom (Anexo)

Apêndice A – Consoantes sibilantes em posição de coda silábica

Apêndice B – Consoantes sibilantes em posição de *onset* silábico

Introdução

O objetivo desta dissertação de mestrado¹ é analisar as fricativas sibilantes nas *Cantigas de Santa Maria* (doravante, CSM) e observar seu comportamento em relação à posição que ocupam na sílaba. Em outras palavras, pretende-se observar se existem as oposições apontadas pelos estudiosos, entre fricativas surdas e sonoras e entre dentais e alveolares, em todas as posições silábicas, ou se essas oposições são condicionadas pela posição da consoante na sílaba. Portanto, este estudo pretende investigar se, em todas as posições, as palavras contendo consoantes grafadas com <s>, <z> e <x>, e também as grafadas com <c>, <ç>, <sc>, <ss>, podiam alternar graficamente ou rimar entre si ou não, estabelecendo se, naquela época, havia ou não oposição entre os fonemas representados por esses grafemas, nos contextos de início e de final de sílaba. Ou seja, a pesquisa investiga se, naquele momento, os processos de neutralização das fricativas existiam ou não no português, para estabelecer se esses grafemas representavam sons de caráter distintivo ou não no contexto de início e de travamento silábico.

A relevância desta dissertação reside, principalmente, na descrição da relação entre letras e sons com relação às grafias possíveis da lírica medieval, tema inexplorado no que diz respeito à consideração da posição da sílaba, em uma abordagem não linear. É neste ponto que nossa pesquisa possui ineditismo, uma vez que adotamos uma metodologia (cf. seção 4) que se utiliza de um *corpus* poético (as CSM) do período arcaico de nossa língua. Os textos poéticos, a partir da consonância das rimas, podem fornecer pistas mais seguras, no que diz respeito às fricativas sibilantes, em um momento na história passada de uma língua de que não se têm registros orais.

Além de contribuir para o desenvolvimento de um projeto coletivo, investigando fatos da história da língua ainda nele não contemplados, de modo geral, esta pesquisa vem contribuir para a compreensão da história do português, no sentido de que a retomada de fatos do passado linguístico da língua portuguesa traz uma maior compreensão da estrutura do português atual e da identidade dos falantes desta língua. A esse respeito, Mattos e Silva (2006, p. 48) afirma:

¹ A presente dissertação de mestrado vincula-se ao grupo de pesquisa “*Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro*”, que congrega um grupo de estudantes de Graduação e de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), *Campus* de Araraquara, e é coordenado pela orientadora deste projeto de mestrado. O grupo tem por objetivo o estudo comparativo de aspectos da Fonologia do Português Arcaico e do Português Brasileiro, nas suas dimensões segmental e suprasegmental ou prosódica, através do recorte de temas interessantes à composição de um mosaico da fonologia do português na época dos trovadores.

a teoria da gramática do gerativismo atual começa a considerar fatos pretéritos das línguas como argumentos significativos para a construção de gramáticas possíveis para as línguas naturais; *a teoria da mudança* da Sociolinguística considera que o passado pode informar sobre as variações e mudanças em curso no presente, na mesma forma que a análise de variação e mudança no presente abre caminhos para uma melhor interpretação de fatos do passado.

Pode-se dizer, portanto, que a presente dissertação, ao apresentar uma descrição fonológica das fricativas sibilantes do Português Arcaico (de agora em diante, PA), traz também informações que poderão contribuir para o estudo das fricativas no Português Brasileiro (doravante, PB) atual.

O fato de escolher as fricativas sibilantes dá-se primeiramente pela sua grande ocorrência no *corpus* das CSM e, além disso, pelo fato de haver controvérsias quanto à consideração da oposição entre fricativas nos estudos de autores que vêm estudando o assunto.

As CSM foram escolhidas como *corpus* de pesquisa em PA porque, além de serem parte do *corpus* do grupo de pesquisa ao qual este projeto está vinculado, elas são uma das fontes mais ricas do galego-português (METTMANN, 1986a, 1988, 1989, 1972; PARKINSON, 1998; LEÃO, 2002). Segundo Mattos e Silva (2006, p. 37), a documentação lírica fornecida pelo conjunto galego-português é riquíssima e seus dados são de extrema importância para o conhecimento do léxico e de outros aspectos da língua:

O fato de serem poemas de estrutura formal em versos rimados os torna fundamentais, no que concerne a estudos de história da língua, para o conhecimento de fatos fonéticos desse período, como sejam, por exemplo, questões referentes aos encontros entre vogais (hiatos/ditongos), ao timbre vocálico (abertura/fechamento), vogais e ditongos nasais/orais. A morfologia tanto a nominal como a verbal também tem nessa documentação uma fonte fundamental. A questão da sintaxe aí representada deve ser considerada, tendo sempre presente que o caráter excepcional e variável é essencial na construção poética.

Outra justificativa para a escolha de textos poéticos como *corpus* da pesquisa deve-se ao fato de que, por meio da análise das rimas, é possível obter pistas

satisfatórias sobre a realização fônica de vogais e consoantes em momentos passados da língua, dos quais não se têm registros orais.

Os dados coletados nessas cantigas foram analisados à luz da teoria das fonologias não lineares, sobretudo nos modelos de Geometria de Traços (CLEMENTS; HUME, 1995) - para o PB, Cagliari (1998a). A abordagem inicial dos dados, para estabelecer se há ou não oposição entre os sons representados pelos grafemas focalizados, será tomada a partir do modelo estruturalista de Pike (1947), segundo a leitura que dele faz Cagliari (2002).

Para desenvolver o trabalho, a presente dissertação está dividida em seis seções:

A primeira seção é reservada à delimitação do período que abarca este estudo (PA) e também à apresentação do *corpus* e suas características mais relevantes, como a sua constituição estrutural, os códices remanescentes, a temática envolvida, a autoria, entre outros.

Na segunda seção, serão expostas as principais teorias utilizadas na análise dos resultados.

Na terceira, objetiva-se mostrar os principais estudos publicados sobre as consoantes fricativas na Língua Portuguesa. Essa revisão de literatura que perpassa a fonética e a fonologia dos sons fricativos na língua portuguesa ajuda na discussão sobre as ideias contraditórias entre os autores a respeito da oposição entre as fricativas, com o intuito de evidenciar o que se tem pesquisado sobre o tema no decorrer do tempo (do latim ao português, português arcaico, épocas posteriores ao português arcaico e português brasileiro) e também fornecer subsídios para a análise e a discussão dos resultados.

Na quarta seção, será apresentada a metodologia de nosso trabalho, ou seja, será explicado como foi realizada a coleta dos dados utilizados na análise das fricativas nas CSM.

Na quinta seção, serão apresentados os resultados quantitativos obtidos por meio de tabelas e gráficos. Trata-se de uma análise que revela numericamente as ocorrências encontradas para as fricativas sibilantes nas CSM e também da discussão e a análise dos dados coletados.

Após a última seção desta dissertação, realizamos a finalização de nosso estudo, apresentando a conclusão a que chegamos com a análise dos dados coletados. A partir do mapeamento das ocorrências dos dados das fricativas sibilantes nas CSM, esta

pesquisa permitiu constatar que em posição de *onset* ocorre oposição entre os grafemas encontrados e, na posição de coda, os grafemas <s>, <x> e <z> correspondem a um arquifonema fricativo. Além disso, a partir desta pesquisa, pudemos obter um quadro das fricativas sibilantes encontradas nas CSM, estabelecendo as relações entre letras e sons possíveis na lírica medieval.

Ao fim deste trabalho, no CD em anexo, encontram-se os apêndices, que trazem a coleta das fricativas sibilantes (grafadas por <s>, <z>, <x>, <c>, <ç>, <sc>, e <ss>) das cinquenta primeiras CSM.

1 Apresentação e Delimitação temporal do *Corpus*

O presente trabalho pretende estudar as fricativas sibilantes nas CSM e observar seu comportamento em relação às posições que ocupam na sílaba. Diante dessa proposta, em um primeiro momento, é importante que façamos uma contextualização e delimitação do período temporal do PA (1.1) e das CSM (1.2), na história e na literatura portuguesa. Em seguida, vamos apresentar as características mais relevantes das CSM (subseções 1.2.1 e 1.2.2), com o intuito de justificar a escolha de textos poéticos como *corpus* para uma análise fonológica de um período passado da língua.

1.1 Considerações sobre o Português Arcaico

O assunto apresentado nesta subseção é a questão da delimitação temporal do PA. Como afirma Massini-Cagliari (2005a, p. 32), “o Português Arcaico, além de ser de difícil delimitação e compreensão como um todo (assim como qualquer outra língua no universo), na qualidade de língua morta, é de difícil abrangência na totalidade de suas remanescentes atuais”; por isso faz-se necessário um recorte.²

Denominamos PA o período histórico da Língua Portuguesa que corresponde às primeiras manifestações de uma língua diferente do latim, mas que deriva dele, já chamada de “português” (MASSINI- CAGLIARI, 1995, p. 8).

Não se pode saber com absoluta segurança quando é o início e o término do período do PA; historiadores da língua, que estudam esse período, situam o seu início no século XIII. Mattos e Silva (2006, p. 21) afirma que o PA é denominado como o período da língua portuguesa situado entre os séculos XIII e XV (MATTOS E SILVA, 2006, p. 21). Isso acontece pelo fato de, naquele momento, estarem surgindo os primeiros documentos escritos. A autora afirma ainda que historiadores e filólogos que estudam esse período são unânimes em situar seu início no século XIII, pois é nesse período que a língua portuguesa aparece documentada pela escrita, embora reconheçam que, para que uma língua apareça registrada na escrita, é preciso que ela existisse anteriormente na fala.

² Esse rótulo de “língua morta”, em Massini-Cagliari (2005a), se refere ao fato de não mais haver falantes nativos vivos da variedade que se quer analisar; entretanto, a autora tem consciência de que, enquanto língua, o PA não se encaixa na categoria de língua morta, uma vez que continua sendo falado até os dias de hoje, transformado, como não poderia de ser, nas variedades atuais do PB e do Português Europeu (PE).

É importante observar que, mesmo antes de existirem os primeiros registros escritos em galego-português, já havia manifestações dessa língua na oralidade. Quando se delimita um determinado período, não se deve perder de vista que as características referentes a uma época não desaparecem automaticamente para que outras possam surgir, ou seja, as características já existentes na língua e as novas que estão sendo incorporadas coexistem, juntas continuam evoluindo até que não se percebam mais determinadas ocorrências que eram mais recorrentes em época anterior.

Segundo Mattos e Silva (2006, p. 22), o nascimento do PA, ou seja, o início da história escrita da língua portuguesa é marcada pelo *Testamento de Afonso II*, de 1214, e pela *Notícia do Torto*, de 1214-1216. Além disso, há também outros documentos situados nessa época, como a *Cantiga da Ribeirinha* e a *Cantiga da Garvaia*; ambas têm como prováveis datas de produção o período entre 1185 e 1212.

No entanto, Tavani (1988) propõe recuar a data de produção do texto poético mais antigo para 1196, fundamentado na cantiga de escárnio de Joam Soares de Paiva, que teria sido composta na mesma época dos eventos históricos situados no poema.

De acordo com Ilari e Basso (2007, p. 21), no século XIII, o galego-português foi usado como língua da poesia não só por trovadores portugueses, como Dom Dinis, rei a partir de 1290, mas também por trovadores de outras regiões da Ibéria – por exemplo, Afonso X, o Sábio, que escreveu as CSM nessa língua.

Segundo Teyssier (1987, p. 22), o galego-português é a língua da primitiva poesia lírica profana peninsular, que foi conservada em três compilações, que foram organizadas nos tempos trovadorescos: *Cancioneiro da Ajuda*, *Cancioneiro da Vaticana* e *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*. Essa afirmação não é partilhada por alguns autores. Para Massini-Cagliari (2007a, p. XXII-XXIII), somente o *Cancioneiro da Ajuda* foi produzido em época contemporânea aos trovadores ou pouco posterior a ela; já os *Cancioneiros da Biblioteca Nacional de Lisboa* e da *Vaticana* foram documentos copiados em época posterior aos trovadores, inclusive por falantes de outra língua (italiano), no século XVI, que talvez desconhecêssem o galego-português. Para a autora, o *Cancioneiro da Ajuda*, datável entre finais do século XIII e princípios do século XIV, é a coleção mais antiga de poesia lírica galego-portuguesa profana, que não transportou para dentro de si os problemas de sucessivas cópias, feitas em situações adversas e por pessoas que não conheciam a língua representada, como ocorreu com os outros dois *Cancioneiros* citados. Entre essas compilações, deve-se acrescentar as CSM,

de Afonso X (1221-1284), também escritas em galego-português, cuja base linguística são os falares da Galiza e do Norte de Portugal. Segundo Teyssier (1987, p. 23)

O galego-português, em suma, aparece nessa época como a língua exclusiva da poesia lírica, e quem quer que a quisesse praticar deveria, obrigatoriamente, adoptá-la. A assinatura de Afonso X, rei de Castela e de Leão de 1252 a 1284, junta-se assim, nos Cancioneiros, à de D. Dinis de Portugal, rei de 1279 a 1325. Toda essa explosão lírica termina, porém, em meados do século XIV, tendo sido D. Pedro, conde de Barcelos (1289-1354), filho bastardo de D. Dinis, um dos últimos trovadores.

Massini-Cagliari (2007b, p. 122) demonstra que o galego e o português não são línguas diferentes, mas sim “uma e a mesma língua”. A autora, a partir da comparação entre as cantigas profanas (provenientes de Portugal) e as religiosas (provenientes de Castela), ressalta que essas duas vertentes são muito próximas em relação aos elementos prosódicos e que “as distinções linguísticas [...] não são de tipologia dos fenômenos, mas de frequência. Não havendo distinções tipológicas, não há diferença de sistema” (MASSINI-CAGLIARI, 2007b, p. 122).

Outra questão ainda muito discutida, também sobre o PA, é a sua subperiodização, pois existem controvérsias entre os pesquisadores sobre a delimitação cronológica do período arcaico, como se pode ver nas diversas propostas dos autores abaixo.

Silva Neto (1970 [1957], p. 398) subdivide o período arcaico em duas fases: a *fase trovadoresca*, do último terço do século XII até 1350, ou 1385 (data da batalha de Aljubarrota), que denomina de *galego-portuguesa*, e a *fase da prosa histórica*, de 1385 até o século XVI. Portanto, assim como afirma Massini-Cagliari (2005a, p. 24), “é à língua registrada no período unanimemente denominado de *trovadoresco* e situado entre o finalzinho do século XII e meados do século XIV que se dedica esta pesquisa.”

De acordo com Nunes (1960, p. 16), a língua divide-se em duas fases, que, embora não se distingam uma da outra, apresentam características suficientes para se estabelecer uma separação, sendo elas: a *arcaica*, que se estende do século XII a meados do século XVI, e a *moderna*, que se estende do século XVI aos nossos dias. O autor afirma ainda que, antes mesmo de a língua ser fixada pela escrita, ela já existia e, por isso, admite outras duas fases anteriores àquelas: (I) a *pré-histórica*, que abrange

todo o período da formação da língua, e (II) a *proto-histórica*, que vai desde o século IX até o XII, espaço de tempo em que só se conhecem escritos em latim bárbaro.

Silva Neto (1970[1957], p. 405) divide o português arcaico em três períodos: (I) *período proto-histórico*, do século IX ao XII, que representa complexa e obscura elaboração, (II) *período trovadoresco* (até 1350), representa o período da língua literária com base no grupo linguístico galego-português, e, por fim, (III) o período chamado de *português comum*, que Michaëlis de Vasconcelos (19--[1912-1913]) chamou de prosa histórica, pois dali se alçou uma rica literatura em prosa.

As várias propostas de periodização do PA podem ser visualizadas no seguinte quadro:

Época	Leite de Vasconcelos	Silva Neto	Pilar V. Cuesta	Lindley Cintra
até s. IX (882)	pré-histórico	pré-histórico	pré-literário	pré-literário
até ± 1200 (1214-1216)	proto-histórico	proto-histórico		
até 1385/ 1420	português arcaico	trovadoresco	galego-português	português antigo
até 1536/ 1550		português comum	português pré-clássico	português médio
até s.XVIII	português moderno	português moderno	português clássico	português clássico
até s. XIX/XX			português moderno	português moderno

Quadro 1. Subperiodização do PA (CASTRO, 1988 *apud* MATTOS E SILVA, 2006, p. 25).

A partir do quadro acima, Mattos e Silva (2006, p. 25) mostra que a divisão feita por Pilar Vasquez Cuesta com a designação *galego-português* e de *português pré-clássico* não se baseia apenas na produção literária, mas também na hipótese de possível diferença dialetal da língua falada.

Messner (2002, p. 101) faz uma crítica aos autores que tentam delimitar o português arcaico e sua subperiodização, afirmando que quase todos seguem o mesmo esquema, sem oferecer novidades e sem se basear em estudos próprios, com exceção de dois, Bechara (2004) e Messner (2002).

A proposta de periodização de Bechara (2004, p. 25), apresentada abaixo, tem a seguinte definição:

- 1) – português arcaico: século XIII ao final do século XIV
- 2) – português arcaico-médio: 1ª metade do século XV à 1ª metade do século XVI
- 3) – português moderno: 2ª metade do século XVI ao final do XVII (podendo-se estender aos inícios do séc. XVIII)
- 4) – português contemporâneo: séc. XVIII aos nossos dias.

Bechara (2004, p. 25) reconhece que não há concordância e unanimidade entre os estudiosos a respeito da periodização da língua. A evolução da linguagem oral é ocultada pela escrita e pela literatura. Fora disso, há pouca pesquisa. Todavia, para ilustrar tais períodos, ele indica as obras da época. Assim, os Cancioneiros caracterizariam o primeiro período, o do PA; as crônicas de Fernão Lopes, o segundo período; as obras de João de Barros, Sá de Miranda, Camões, o terceiro período; Filinto Elísio e Tomas Antônio Gonzaga caracterizariam o quarto período, assim como todas as obras importantes de lá para cá. Essa é uma visão literária, apesar dos comentários sobre a linguagem oral e sua evolução. Talvez por falta de documentação linguística confiável e abrangente, o autor optou por seguir o modelo de base literária.

Para Messner (2002), não é possível se basear em fatores extralinguísticos para delimitar um período de evolução de determinada língua. Deve-se observar quais informações e rastros linguísticos são fornecidos para que se possa afirmar quando a língua deixou de ser latim e passou a ser PA, e quando deixou de ser PA e passou para o português moderno. Por fim, o autor afirma ainda que espera que um dia não se usem mais as denominações literárias para caracterizar as épocas, pois acredita que muitos trabalhos novos que são feitos no Brasil e em Portugal sobre o assunto contribuirão para melhorar a discussão e resolver a problemática desencadeada pela pouca exatidão da separação que se faz nos estudos do escrito e do oral.

Se o início do PA pode ser determinado pelos fatos já descritos, o fim desse período é muito difícil de se delimitar, pois, como afirma Mattos e Silva (2006, p. 22), não há um levantamento cronológico de características linguísticas que possam contrapor o português antigo com o português moderno. Porém, costuma-se marcar o fim do período arcaico com fatos extralinguísticos, como o surgimento do livro impresso, nos fins do século XV, a expansão imperialista portuguesa no mundo, que gerou o contato com novas culturas e novas línguas, e o começo de uma normatização gramatical com a gramática de Fernão de Oliveira, de 1536, e a gramática de João de Barros, de 1540.

Portanto, a partir das aproximações realizadas, fica evidente a importância de se estudar a História da Língua Portuguesa, resultante do latim falado, posto que, sendo a língua um organismo vivo, foi passando por transformações e recebendo influências de outros povos até resultar na língua que se fala hoje. Trata-se, pois, de privilegiar o olhar sobre o processo de evolução da língua durante os respectivos períodos.

As cantigas religiosas, presentes nas CSM, *corpus* deste trabalho, situam-se no final do século XIII, época do reinado do Rei Sábio, D. Afonso X, de Leão e Castela. O período da língua estudado nesta dissertação compreende a época em que foram compiladas as CSM, por volta de 1270 a 1284, ano da morte de D. Afonso X, que havia se tornado rei desde 1252 (BERTOLUCCI PIZZORUSSO, 2002a, p. 36).

1.2 Corpus: As Cantigas de Santa Maria

O *corpus* de base para o desenvolvimento desta pesquisa, para o PA, são as Cantigas de Santa Maria (CSM). As cantigas religiosas são a maior coletânea medieval de poesias em louvor à Virgem Maria. O Rei de Castela, Afonso X, as compôs para cantar os feitos da Virgem, e ele próprio as mandou compilar no princípio dos anos sessenta do século XIII. A obra mariana é um monumento literário, musical e artístico da mais elevada importância (PARKINSON, 1998, p. 179), o cancionero em louvor à Virgem Maria mais rico da Idade Média (METTMANN, 1986b, p. 7 e BERTOLUCCI PIZZORUSSO, 2002b, p. 142).

O conjunto das cantigas afonsinas é composto por 420 poemas marianos musicados, divididos entre cantigas narrativas ou de milagres, as quais contam os feitos milagrosos da Virgem Santa Maria, a respeito de ajuda com enfermidades, socorro e perigos, ou também na ajuda às decisões do Rei D. Afonso X, e cantigas líricas, de louvor à Virgem Maria como auxiliadora, mediadora e interventora (BERTOLUCCI PIZZORUSSO, 2002b, p. 143).

Mettmann (1986b, p. 7) afirma que, das 420 CSM (descontadas sete repetições), 356 são narrativas e relatam os milagres da Virgem, e as demais, excetuando-se uma introdução e dois prólogos, são cantigas de *loor* (louvor) ou referem-se a festividades do calendário cristão, relativas a episódios da vida de Santa Maria ou de seu Filho Jesus Cristo.

No que diz respeito à proporção das cantigas de milagre e das cantigas de louvor na coletânea, Leão (2007, p. 24) afirma que há predominância das primeiras sobre as segundas, em uma relação de nove para um. Assim, a cada grupo de nove cantigas de milagre segue uma cantiga de louvor, numerada com uma dezena inteira. Segundo Leão (2007, p. 24):

A estruturação das cantigas obedece, pois, a um ritmo regular, em que as cantigas de louvor ocupam sempre as dezenas, enquanto as de milagre têm números terminados pelas unidades de um a nove, comparando-se esse sistema, aproximadamente, ao de um rosário.

Nas cantigas de milagres, D. Afonso X agradece pelas curas de suas enfermidades, e também pode ser uma testemunha do fato miraculoso, ou ainda, um conhecedor que dele teve notícia por leitura ou por ouvir dizer, como podemos observar abaixo, no resumo da cantiga 7, feito por Leão (2007, p. 26):

Uma abadessa, que não era benquista pelas monjas suas subordinadas, engravida-se de um homem de Bolonha. As monjas, alegres por isso, vão acusá-la ao bispo de Colônia (diocese a que pertencia o convento), que vem, em comitiva, apurar o fato *in loco*. Reunida a comunidade diante o bispo, que pede explicações à monja, esta permanece silenciosa no interrogatório. Depois, retira-se e vai orar à Virgem diante do altar, chorando. Aí começa o milagre: ela se deita e adormece profundamente. Durante o sono, é salva pela Virgem Maria, num parto miraculoso, operado por dois anjos do séquito mariano, que, como se vê pelas iluminuras (mas não pelo texto), depois levam o recém-nascido para ser criado fora dali, por um ermitão, certamente devoto da Virgem. A abadessa acorda e, imune assim às acusações das monjas, vai se apresentar ao bispo. Este, após determinar que ela se dispa, examina-lhe os seios desnudos e a isenta de culpa, dizendo que nela nada pode encontrar para acusá-la.

Além de ser um exemplo de cantiga de milagre, Leão (2007, p. 27) explica que, a partir deste milagre, se pode avaliar a importância das CSM como testemunho social da época, pois explica a vida num convento e, a partir disso, podemos pensar que as cantigas de milagre são uma valiosa fonte histórica para o conhecimento do viver e do morrer, das doenças e das calamidades, do jogo e da prostituição, dos ofícios e dos lazeres, das crenças e das religiões, da vida quotidiana e do imaginário popular, enfim, de toda a cultura ibérica, na Idade Média.

As cantigas de louvor constituem a parte essencialmente lírica da coletânea, uma vez que mostram sempre o Rei-trovador diante da Virgem Maria, exaltando-lhe as qualidades, louvando sua beleza ou oferecendo-lhe a sua devoção. Leão (2007, p. 29) afirma que Dom Afonso X foi um apaixonado “trovador da Virgem”, pois, nas cantigas de louvor, o trovador da Virgem Maria tem um comportamento masculino semelhante ao das *cantigas d’amor*, ao mesclar os ideais do amor cortês com os do Cristianismo, e a mulher amada se sublima em Santa Maria.

As CSM foram escritas em galego-português e quase todas contêm notação musical, uma vez que eram compostas para serem cantadas.³ A autoria é atribuída geralmente a Afonso X, o Rei Sábio, porém, a autoria total das cantigas pelo rei é contestada, como poderemos observar mais adiante. Além da notação musical, as cantigas contêm, também, *iluminuras* - desenhos miniaturizados que representam o conteúdo que está sendo narrado na respectiva cantiga. Abaixo, nas figuras 1 e 2, estão algumas iluminuras para exemplificar:



Figura 1. Afonso X, entre seus colaboradores, na miniatura de abertura do Códice Escorial rico (T) (LEÃO, 2007, p. 16).

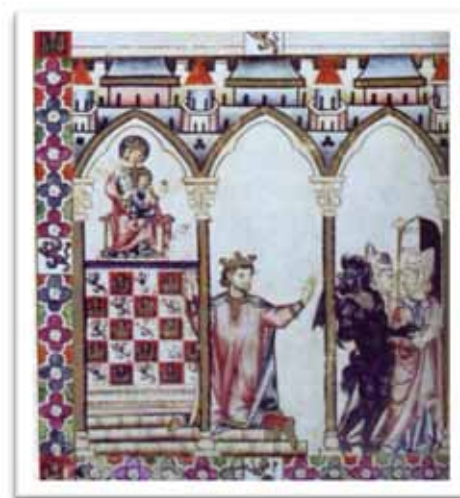


Figura 2. Cantiga CSM X, sexta vinheta (LEÃO 2007, p. 1).

Para Bertolucci Pizzorusso (2002b, p. 144), a coletânea das CSM é uma obra para ser vista e ouvida, na qual “uma milagristica por imagens junta-se à milagristica em versos”. Há um perfeito equilíbrio entre texto, melodias e pintura e, assim,

³ O *códice de Firenze* não contém notação musical, apenas o espaço destinado a colocá-la posteriormente; mas isto nunca chegou a acontecer.

Mettmann (1986b, p. 8) afirma que as CSM ocupam um lugar privilegiado na literatura medieval e revelam que, para seu principal idealizador, o Rei Afonso X, a música e a pintura não eram menos importantes do que o “contar”, o “trovar” e o “rimar”. Sobre esse assunto, Leão (2007, p. 30-31) declara:

Conforme se reconhece hoje, os textos, as iluminuras e as notações musicais, em conjunto, fazem das Cantigas de Santa Maria uma das mais ricas de toda a Idade Média - o que justifica que tenha sido caracterizada por Menéndez y Pelayo como “a Bíblia estética do século XIII”.

As cantigas de milagres são seguidas de uma página inteira de iluminuras, que se dividem em seis quadros ou vinhetas, no entanto, algumas cantigas são acompanhadas por doze vinhetas, que ocupam duas páginas, essas correspondem às “quintas”, ou seja, a cada cinco cantigas, nos *códices das histórias* (T e F), uma é acompanhada por uma iluminura que ocupa duas páginas, em vez de uma, e contém doze vinhetas, em vez de seis. Para Leão (2007, p. 27), “enquanto a narrativa verbal se expressa em sintético poema cheio de subentendidos, a narrativa visual a acompanha através da sequência das iluminuras, podendo às vezes extrapolá-la para preencher eventuais lacunas da narrativa poética”.

Além disso, a autora afirma ainda que o milagre é objeto de três narrativas complementares, sendo a primeira uma narrativa textual extensiva, em versos, a segunda uma narrativa iconográfica, em iluminuras, que se dispõem numa só página, dividida em seis quadros, e a última, uma narrativa textual, resumida, sob a forma de seis legendas, cada uma delas colocada acima de um quadro da sequência das iluminuras.

A seguir, está reproduzida uma das iluminuras que acompanham as cantigas de milagres do *códice rico* de El Escorial (T):

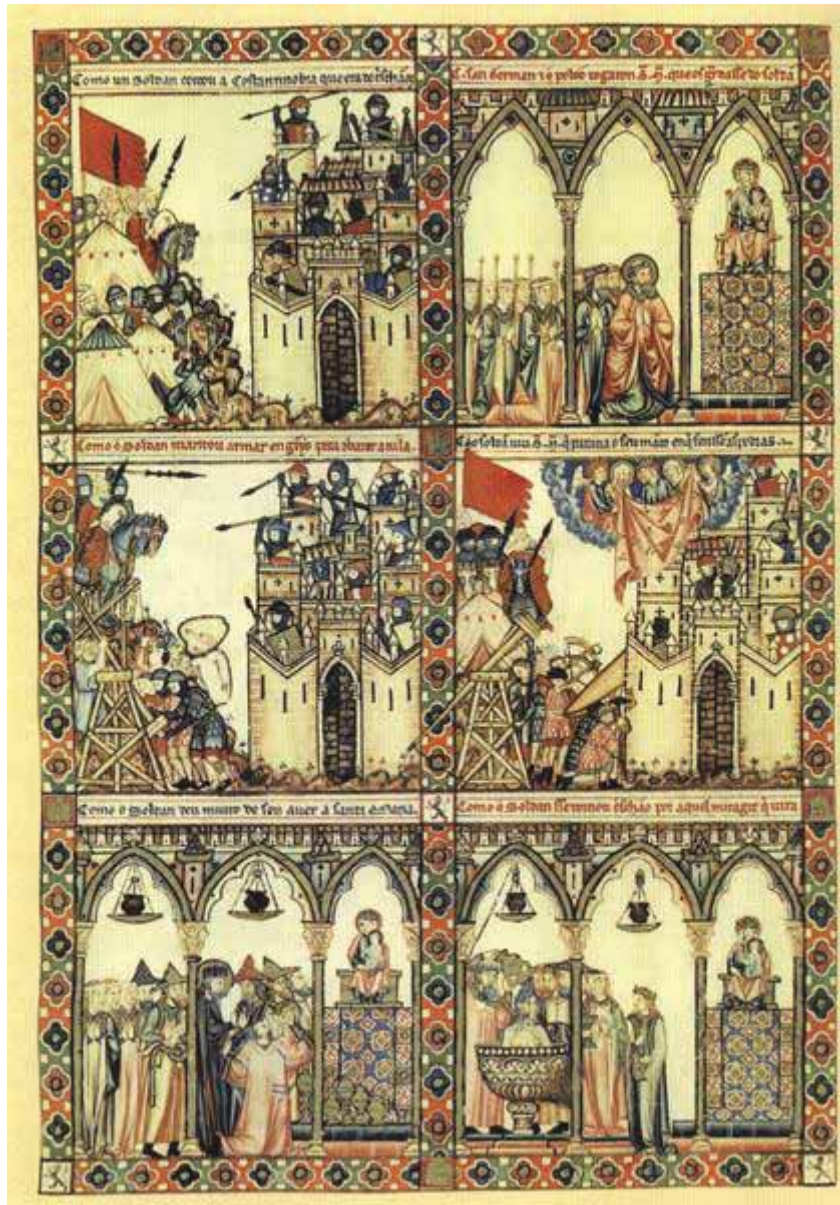


Figura 3. Página de ilustração da Cantiga 28 – *Códice rico* de El Escorial (T).
Fonte: http://cantigas.webcindario.com/cantigas/cantiga28/Cantiga_28.htm
 (acesso em 23/03/2011)

Parkinson (1998, p. 179) afirma que as CSM constituem um monumento literário, musical e artístico da mais elevada importância, uma vez que reúnem características poéticas, musicais e gravuras que constituem as fontes ricas de informação a respeito da cultura geral do período medieval. Mettmann (1986b, p. 8) confirma a relevância desse *corpus* para o estudo da época medieval:

Por haberse logrado en ellas un perfecto equilibrio entre texto, melodias y pintura ocupan las Cantigas de Santa Maria un lugar privilegiado en la literatura medieval, y no cabe duda de que para su regio autor, el “fazer sões” y el “pintar” no eran de menor importancia que el “contar”, “trobar” y “rimar”. Huelga subrayar el rango que en la historia de la espiritualidad les corresponde a las Cantigas como al monumento literario más destacado del culto mariano en la Península Ibérica, su interés para la historia de la métrica y, finalmente, su importancia como una de las fuentes más ricas del galaico-portugués antiguo.⁴

No que diz respeito à métrica das CSM, Parkinson (1998, p. 187) diz que a forma majoritária das CSM é o *zégel* ou *zadjal*, em que o refrão precede a estrofe inicial, e os versos finais desta reproduzem (totalmente ou em parte) a métrica do refrão. O *zéjel* está presente em mais de 380 cantigas na forma AA-bbba (AA), sendo AA, o refrão inicial; *bbb*, a segunda rima ou *mudanza*; *a*, o verso de volta (repetição da rima do refrão) e AA, a repetição do refrão que seguramente dava sofisticação nas interpretações cantadas das composições.

Fidalgo (2002, p. 178-179) também considera que a forma estrófica presente na grande maioria das CSM é o *virelai* ou *zéjel*, que pode ser definido como tendo um refrão inicial, geralmente composto por um ou dois versos rimados, seguido de um número indeterminado de estrofes, as quais são constituídas de quatro versos, dos quais os três primeiros rimam entre si e o último retoma a rima do refrão. Ou seja, o refrão (ou estribilho inicial) é repetido ao final de cada estrofe, como podemos ver no exemplo abaixo:

(1)

Esta é de loor de Santa Maria, com' é fremosa e boa
E á gran poder

Rosas das rosas e Fror das frores, A
Dona das donas, Sennor das sennores. A

⁴ “Por se haver alcançado nelas um equilíbrio perfeito entre texto, melodias e pintura, as Cantigas de Santa Maria têm um lugar privilegiado na literatura medieval, e não há dúvida de que para seu magnífico autor, o “fazer sões” e o “pintar” não eram menos importantes do que o “cantar”, “trovar” e “rimar”. É desnecessário destacar a situação elevada que corresponde às Cantigas na história da espiritualidade, como o monumento literário mais destacado da devoção mariana na Península Ibérica, seu interesse para a história da métrica e, finalmente, sua importância como uma das fontes mais ricas do antigo galaico-português.” (Tradução nossa)

Rosa de beldad'e de parecer b
 E Fror d'alegria e de prazer, b
 Dona en mui piedosa seer, b
 Sennor en toller coitas e doores. a
Rosa das rosas e Fror das frores... A

Atal Sennor dev'ome muit'amar, c
 Que de todo mal o pode guardar; c
 E pode-ll'os peccados perdoar, c
 Que faz no mundo maos sabores. a
Rosa das rosas e Fror das frores... A

Devemo-la muit'amar e servir, d
 ca punna de nos guardar de falir; d
 des i dos erros nos faz repentir, d
 que nos fazemos come pecadores. a
Rosa das rosas e Fror das frores... A

Esta dona que tenno por Sennor e
 e de que quero seer trobador, e
 se eu per ren poss'aver seu amor, e
 dou ao demo os outros amores. a
Rosa das rosas e Fror das frores... A

(Trecho da CSM 10- METTMANN, 1986b, p. 84-85)

A respeito dessa forma estrófica, Leão (2007, p. 137) reflete:

Após o refrão, vêm as quatro estrofes, cada uma constituída por um trístico monorrimo, seguido de um quarto verso que rima com o refrão, segundo o modelo do zéjel, na sua estrutura mais simples, que coincide com a do virelai da poesia ocidental. Relembremos que essa estrutura poemática se inicia por um refrão em forma de dístico monorrimo e prossegue com quadras compostas de três versos monorrimos que variam de uma estrofe para a outra (“mudança”), mais um quarto verso que retoma a rima do refrão (“volta”). O esquema seguido é, portanto, o seguinte: AA-bbba-AA-ccca-AA-ddda-AA, etc.

Além do zéjel, podem-se encontrar outras formas métricas, como o *rondeau*⁵ e a estrofe de quatro versos.

⁵ *Rondeau* ou rondo: “poema de forma fixa, composto em versos de oito ou dez sílabas, em duas rimas, com a seguinte estrutura: uma quintilha, um terceto, ao qual se ajusta(m), à guisa de refrão, a(s)

Segundo Mettmann (1986b, p. 40), “os 420 poemas oferecem mais de 280 combinações métricas distintas, das quais umas 170 aparecem apenas uma vez”. O autor afirma ainda que a extensão dos versos varia entre dois e vinte e quatro sílabas e que a forma estrófica que predomina é o *virelai*, ou *zéjel*, sendo usada em mais de 380 cantigas, seguindo o esquema AA/bbba.

Mongelli (2009, p. 287) afirma que “os muitos torneios sintáticos e a presença maciça de hipérbatos, anástrofes, anacolutos e outros tipos de inversão lembram que os textos foram feitos para serem cantados, sendo o repertório afonsino um dos mais esplêndidos documentos musicográficos da Idade Média”.

Mettmann (1986b, p. 13) revela ainda que a estrutura dos poemas narrativos, que aparece em mais de 90% das cantigas, se conserva invariável, e esta uniformidade contribui para a predominância da forma *virelai*. O estribilho inicial é a repetição depois de cada estrofe e apresenta a ideia principal do poema. Nas três primeiras estrofes, há a explicação mais ou menos concreta do lugar e do tempo em que ocorrem os fatos narrados e outras informações, sempre vagas, sobre a fonte do milagre narrado.

Sobre as cantigas de louvor, Mettmann (1986b, p. 14) diz que é mais difícil encontrar modelos concretos, pois a adoração e a súplica à Virgem Maria eram assuntos constantes nos poemas da Idade Média, e todos os temas, epítetos, comparações e imagens presentes nas cantigas de louvor afonsinas têm paralelos na literatura medieval. Embora as cantigas de louvor tenham sido inspiradas na literatura da época, não seguem os modelos de estrutura determinados pela época. Pode-se afirmar também que as cantigas de louvor tratam de temas de devoção, mediação e de pedidos de auxílio à Virgem Maria.

A respeito da linguagem utilizada para compor a obra poética, Rübecamp (1932, p. 280) afirma que Afonso X escreveu toda sua obra em galego-português, usando o castelhano (sua língua materna) apenas para os trabalhos em prosa. Segundo Leão (2002, p. 2), isso ocorreu devido ao prestígio da poesia, ou seja, “muitos trovadores, no ato de trovar, deixavam de lado a respectiva língua materna e adotavam uma das três línguas poéticas de então”. Leão (2002, p. 2) afirma que, apesar de a língua materna de Afonso X ter sido o castelhano, o Rei escreveu toda sua obra poética em galego-português, empregando o castelhano apenas em seus textos em prosa. Segundo Leão (2002, p. 2), o motivo que teria levado Afonso X a não utilizar a língua de Castela, na sua principal obra

primeira(s) palavra(s) da peça, e uma segunda quintilha, também seguida de refrão.” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2473)

poética (as CSM), e sim o galego-português, língua do noroeste ibérico, é o fascínio por uma língua que se mostrava apta, ou até mesmo ideal, para a poesia. Além do galego-português, a autora aponta outras duas línguas da Europa Medieval que gozavam da preferência dos trovadores: o provençal, no domínio galo-românico, e o toscano, no âmbito ítalo-românico. Leão (2002, p. 280) salienta ainda que a linguagem presente na composição das cantigas não deve ser confundida com o galego-português oral.

Ao contrário de Leão (2002), Filgueira Valverde (1985, p. 39) via a linguagem das CSM como popular, pois afirma que a língua dos trovadores não era algo artificial, mas sim um produto artístico, sincero e inspirado no galego vulgar.

Após o conteúdo exposto, podemos reforçar que a escolha das CSM como *corpus* deste trabalho é muito pertinente, uma vez que representam a linguagem dos trovadores galego-portugueses e os costumes da época. No que diz respeito à maior riqueza lexical das CSM, Leão (2007, p. 152-153) argumenta que:

Do ponto de vista do léxico, as Cantigas apresentam uma riqueza imensa (como também, embora em menor grau, as cantigas de escárnio), pois não se limitam à tópica amorosa como as cantigas de amigo e de amor. Ao contrário, elas nos falam não só da vida religiosa, mas da vida em toda a sua complexidade, constituindo talvez o mais rico documento para o conhecimento da mentalidade, dos costumes, das doenças, das profissões, da prostituição, do jogo, dos hábitos monásticos, de todos os aspectos enfim do quotidiano medieval na Ibéria.

1.2.1 A autoria das CSM

A autoria das CSM é uma questão discutida entre os estudiosos. Entretanto, quando pensamos nas CSM, ligamo-las rapidamente à figura de Afonso X, justamente pelo fato de algumas cantigas estarem em primeira pessoa e, além disso, por fazerem referência à sua vida, como pode ser observado, logo abaixo, na CSM 300:

(2)

E ar aja piadade
de como perdi meus dias
carreiras buscand' e vias
por dar aver e herdade
u verdade' e
lealdade

per ren nunca puid' achar,
 mais maldad'e
 falssidade,
 com que me cuidan matar.
 Muito deveria...

(Última estrofe da CSM nº300, METTMANN, 1989, p. 98)

Mettmann (1986b, p. 43) acredita que uma parte desse cancionero mariano pode ter sido escrita por um único autor, que fala em primeira pessoa das suas vivências, desejos e problemas pessoais ou políticos; o restante da obra, devido à diversidade estilística, leva-nos a crer na presença vários autores, mas é provável que o número de autores não tenha passado de meia dezena. Para Mettmann (1986b, p. 43), seria Aires Nunes, poeta de cuja identidade nada se sabe, o responsável por uma parte considerável da coletânea, uma vez que seu nome aparece grafado no manuscrito *E (códice dos músicos* de El Escorial) entre as colunas da cantiga 223.

Assim como Mettmann (1986b, p. 43), Parkinson (1998, p. 181) também não acredita que todas as cantigas sejam de autoria exclusiva do rei Afonso X, pois seu valor artístico é muito desigual, o que aponta para uma multiplicidade de autores. Para Parkinson (1998, p. 183), é possível que Dom Afonso X tenha composto algumas delas, sendo ele próprio um poeta e estando “empenhadíssimo na estruturação e na composição da obra” (MASSINI-CAGLIARI, 2005a, p. 61).

No entanto, há a hipótese de que não foi o Rei que compôs as CSM, mas que foi quem mandou fazê-las. Filgueira Valverde (1985, p. 31) cita alguns poetas que também poderiam ter contribuído no processo de composição do cancionero afonsino, uma vez que houve a participação de várias pessoas na obra mariana. Frei Juan Gil de Zamora poderia ter sido um dos colaboradores de Afonso X, pois era seu confessor e amigo, além de ser o autor do *Liber Mariae*, obra que apresenta 50 cantigas que coincidem com os milagres narrados na coletânea afonsina. Filgueira Valverde (1985, p. 31) sugere outro nome como provável colaborador: o clérigo Bernardo de Brihuega, a quem Afonso X teria encomendado algumas obras hagiográficas e historiográficas. O autor cita também Aires Nunes como contribuinte na coletânea afonsina.

Além disso, Falcão (2010, p. 73-74) afirma que houve diversos trovadores e jograis que atuaram nas cortes de Afonso X e de Afonso III. A autora cita cinquenta e nove nomes de compositores, inclusive do rei Afonso X, que, no paço castelhano,

compuseram a maior parte de suas cantigas satíricas. Dentre os cinquenta e nove compositores relacionados, vinte utilizaram provérbios ou proverbializações em pelo menos um de seus textos, e Afonso X está entre eles.⁶

Snow (1987, p. 476) aponta a participação de D. Dinis na elaboração do cancionero mariano, uma vez que era um dos netos favoritos de Afonso X e seguia o exemplo do seu avô em muitas coisas, inclusive no amor pela poesia.

Leão (2007, p. 3) afirma que “D. Afonso, que é o principal trovador daquele *scriptorium*, ou para usar uma terminologia medieval, é o mestre daquela corporação de poetas, planeja, escreve ele próprio, supervisiona e revê a obra que levará o seu nome”. A autora compara o trabalho de Afonso X com o trabalho cooperativo nas corporações de ofício medievais, onde Afonso X foi “o mestre”, em sua área, no que diz respeito à realização plena das CSM.

É preciso salientar que, para Castro (2006, p. 44), a obra de Afonso X é comparada ao trabalho de um mestre-de-obras; como afirma o autor:

Como um mestre de obras, um arquiteto medieval que cuidava de uma catedral, D. Afonso era o coordenador que supervisionava o trabalho de vários artífices para formar uma obra cuja grandiosidade espelharia a imensidão da fé e dos poderes divinos. A dimensão e a quantidade das CSM serviam para refletir a grandeza do reinado, tal como as catedrais inspiravam orgulho e admiração nas comunidades que as ergueram.

1.2.2 As fontes

As CSM encontram-se distribuídas em quatro manuscritos provenientes do final do século XIII. Segundo Parkinson (1998, p. 180), dos quatros manuscritos, o menor e o mais antigo é o *códice de Toledo* (To), o mais rico em conteúdo artístico é o *códice rico* de El Escorial (T), que, juntamente com o manuscrito de Florença (F), formam os chamados *códices das histórias*, e o mais completo é o *códice dos músicos* de El Escorial (E). Schaffer (2000, p. 207) afirma que o *códice To* é o único que foi terminado, os demais (T, F e E) estão todos inacabados.

A seguir, caracterizamos os manuscritos:

⁶ Falcão (2010, p. 76) cita, como exemplo de provérbio, “non é jog’o de que omen chora!” e, de proverbialização, “no es juego donde hombre non ríe”, frase dita pelo rei Sábio na Lei 30, Título IX, da sua Partida Segunda.

⇒ O *códice de Toledo* (To) inicialmente pertencia à Biblioteca da Catedral de Toledo e, desde 1869, encontra-se na Biblioteca Nacional de Madrid (FERREIRA, 1994, p. 59);

⇒ O *códice rico* de El Escorial (T) foi transferido, no final do século XVI, de Sevilha para a Biblioteca Real de El Escorial (Real Monasterio de San Lorenzo, na Espanha), onde permanece até os dias atuais (FERREIRA, 1994, p. 60);

⇒ O *códice de Florença* (F) encontra-se, atualmente, na Biblioteca Nacional Central de Florença (FERREIRA, 1994, p. 60);

⇒ O *códice dos músicos* de El Escorial (E), assim como o T, foi transferido, no final do século XVI, de Sevilha para a Biblioteca Real de El Escorial (Real Monasterio de San Lorenzo), onde permanece até hoje (FERREIRA, 1994, p. 62).

Segundo Parkinson (1998, p. 198), a coleção das 420 CSM corresponde a:

- 2 cantigas iniciais: título e prólogo (Mettmann A/B)
- 2 cantigas finais: Pitiçon, Nembressete Maria (números 401-402 na edición de Mettmann)
- 40 cantigas de loor (das cales duas se repiten nas cantigas de festas de E)
- 353 milagres (mais sete milagres en E que repiten outras cantigas)
- 11 cantigas das festas de Santa María (números 410-422 na edición de Mettmann) mais duas repetidas
- 7 cantigas de milagre de To e F que non foran incluídas en E (números 403-409 da edición de Mettmann)
- 5 cantigas de festas de Xesucristo de To, que non foron incluídas noutros manuscritos (números 423-427 da edición de Mettmann)

O *códice de Toledo* (To) é composto por 160 folhas de pergaminho avitelado, sendo que cada uma tem 315 milímetros de altura por 217 de largura e contém 128 cantigas. O texto ocupa um espaço de 225 milímetros de altura por 151 de largura e é escrito em duas colunas de 27 linhas cada uma, em letra francesa do século XIII (METTMANN, 1986a, p. 25). Adiante podemos observar a figura 4, que exemplifica o *códice To*.

Ferreira (1994, p. 59) afirma que o *códice To* contém 100 cantigas, entre as quais há cantigas que narram os milagres de Maria (*miragres*) e cantigas de louvor à

Virgem (*loores*). O códice To é composto por um prólogo inicial, indicando as intenções e as finalidades da obra, e uma *pitiçon* final, que encerra um rogo que Afonso X faz à Virgem Maria. Segundo Ferreira (1994, p. 59), o códice contém também, cinco cantigas das *Festas de Ano da Virgem Maria* e cinco cantigas das *Festas de Nosso Senhor Jesus Cristo*, e foram acrescentadas mais 16 cantigas de milagres, a mando do rei, após a transcrição das 100 cantigas, o que pode ser visto pelas rubricas explicativas encontradas em algumas folhas do códice To.

Parkinson (2000, p. 133) afirma que foram utilizadas três cores de tinta, preto, vermelho e azul, nas letras da escrita do códice To. As iniciais das cantigas, segundo o autor, são decoradas, porém não são iluminuras, semelhantemente ao que ocorre no códice de El Escorial (E), nas cantigas múltiplas de dez.



Figura 4. CSM24 em To26 (Edición facsímile do Códice de Toledo, 2003, f. 32v).

O *códice rico* (T) possui 256 folhas de pergaminho avitelado com 485 milímetros de altura por 326 milímetros de largura. O texto é dividido em duas colunas com 44 linhas cada uma e a letra é francesa do século XIII. O *códice* possui uma única folha de guarda e sua encadernação é de tábua forrada com couro. O manuscrito é composto por 1257 miniaturas, compreendidas em 210 páginas, sendo que o tamanho varia entre 334 milímetros de altura por 230 de largura, para as miniaturas de página inteira, e 109 e 100, para as de compartimento (METTMANN, 1986a, p. 29).

Segundo Massini-Cagliari (2005a, p. 71), o *códice* T “é conhecido como *códice rico*, dada a riqueza do material com que foi feito, o cuidado e o capricho de suas notações musicais e das letras das cantigas e a riqueza e beleza das miniaturas”, possuindo um total de 193 cantigas.

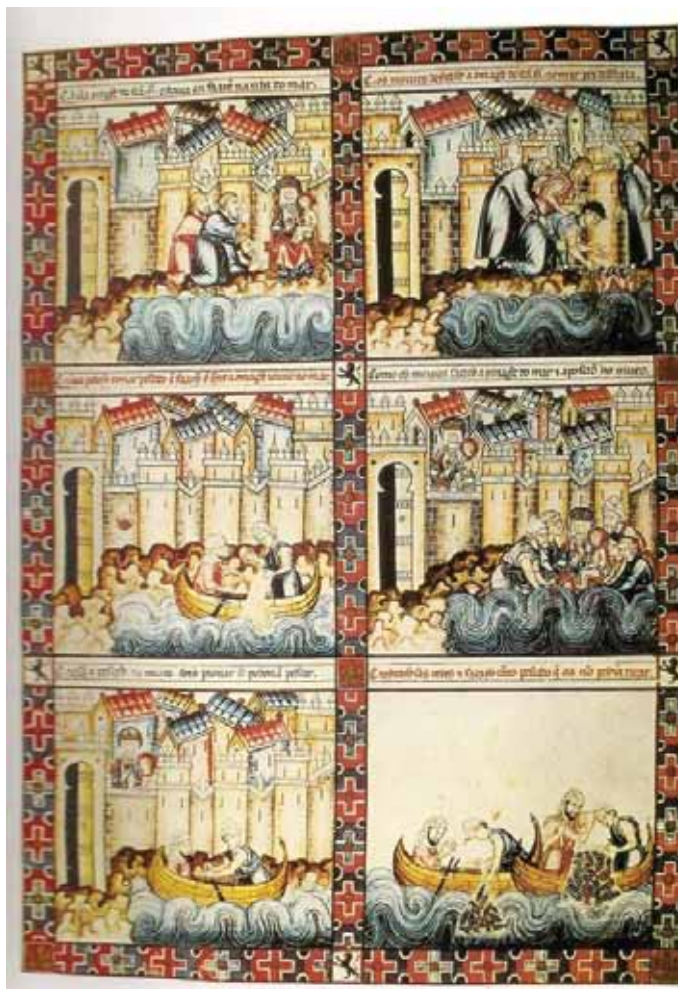


Figura 5. Página de ilustração da Cantiga XXXIII- Códice T.

Fonte: <http://www.cgalgarve.com/ordem.htm>
(acesso em 14/12/2012)

De acordo com Mettmann (1986b, p. 355), faltam oito cantigas por perda de fólhos e números 5 e 15, o que levou alguns estudiosos a pensarem que esse manuscrito foi danificado e não inacabado.

Parkinson (1998, p. 180) afirma que o *códice de Florença* (F) contém 103 cantigas (algumas incompletas), divididas entre louvores e milagres de Nossa Senhora, com pautas musicais, porém, sem notação musical. É composto de 131 folhas de pergaminho com 456 milímetros de altura por 320 de largura. Mettmann (1986b, p. 32) acredita que as folhas deveriam medir mais, antes da atual encadernação, pois observa-se claramente que as folhas foram cortadas, especialmente na parte inferior, onde, em consequência disso, muitas vezes, falta o número. Segundo Mettmann (1986b, p. 32), essa antiga paginação indica que F antigamente tinha 166 (ou mais) folhas, e hoje possui apenas 131 folhas.

Massini-Cagliari (2005a, p. 71) aponta algumas características que diferenciam os manuscritos T e F de To e E:

A diferença de T/F, com relação a E/To, está [...] na adoção de um *layout* muito mais complicado, que vislumbra a presença de miniaturas como parte integrante de cada cantiga - o que não acontecia em E/To, em que os textos/músicas das cantigas se seguem uns aos outros, sem troca de página nem espaços demarcatórios intermediários.

Para finalizar, o *códice dos músicos* de El Escorial (E), o mais completo dos quatro manuscritos, é formado por 361 folhas de pergaminho avitelado e 6 folhas de guarda, sendo cada uma de 402 milímetros de altura por 274 de largura. O texto ocupa duas colunas, de 40 linhas cada, e também a escrita é de tipo francês. O espaço dedicado ao texto, em cada folha, mede 303 milímetros ou 309 milímetros por 198 milímetros, e a largura de cada coluna é de 92 milímetros (METTMANN, 1986b, p. 27).

Segundo Parkinson (1998, p. 180), o manuscrito E é composto por 12 cantigas numeradas das Festas de Santa Maria (precedidas de um prólogo), índice, título, prólogo, 400 cantigas numeradas, com música para a primeira estrofe, *petiçon*, e epílogo (sem música). Esse *códice* está quase completo, mas incorpora sete cantigas duplicadas e duas sem notação musical.

Foram acrescentadas no *códice* E, a cada dez cantigas, ilustrações de músicos tocando violas de arco, tímpanos, tuba, etc. Em termos de iluminuras, esse *códice* é o

mais modesto entre os demais (MASSINI-CAGLIARI, 2005a, p. 65). Abaixo, como ilustração, trazemos uma das imagens de músicos presentes no códice E.



Figura 6. Ilustração: Códice dos músicos (E).

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cantigas_de_Santa_Maria
(acesso em 14/12/2012)

1.3 Considerações finais

Esta seção teve como principal objetivo delimitar o período histórico focalizado por nosso estudo e mostrar a importância do *corpus* escolhido. A escolha das CSM como *corpus* desta pesquisa deve-se ao fato de ser uma das fontes mais ricas do galego-português remanescente do século XIII, além de constituir um monumento literário, musical e artístico de suma importância, como destacou Parkinson (1998, p. 179). Outro motivo é que as CSM são textos poéticos que, além de apresentarem um testemunho social da época, explicando a vida e a cultura da sociedade daquele momento histórico, fornecem, a partir das rimas, pistas mais seguras da realização fonética das consoantes naquela época.

2 O sistema consonantal do Português Arcaico e do Português Brasileiro

Nesta seção, objetiva-se mostrar os principais estudos publicados sobre as consoantes fricativas na Língua Portuguesa, que buscam compreender as mudanças fonéticas na história interna da língua. Serão apresentadas as consoantes fricativas desde sua origem, no latim clássico, passando pelo PA, e culminando no português atual. Primeiramente, foram considerados tanto estudos diacrônicos do português, como das Gramáticas Históricas e Manuais de Filologia, bem como os estudos mais específicos sobre o PA e, ainda nessa área, os trabalhos de Mattos e Silva (2006), Coutinho (1970), Teyssier (1987) e Maia (1997[1986]). Posteriormente, no que diz respeito ao PB atual, este trabalho partiu das considerações de Câmara Jr. (1989 [1970]).

Esta revisão de literatura, que perpassa a fonética e a fonologia dos sons fricativos na língua portuguesa, apresenta, de forma sucinta, as ideias muitas vezes contraditórias entre os autores acerca da oposição entre as fricativas sibilantes e as africadas correspondentes.

2.1 As sibilantes, do latim ao português

Os estudos fonéticos na fase arcaica do português oferecem restrições decorrentes de não se poder sistematizar as relações entre som e letra apenas a partir da grafia (MATTOS E SILVA, 2006, p. 42). Entretanto, é possível estabelecer um estudo diacrônico no âmbito do período arcaico, partindo de um *corpus* criteriosamente selecionado (como, no caso específico desta dissertação, as CSM), culminando na análise cronológica dos fenômenos linguísticos.

Segundo Mattos e Silva (2006, p. 43), com as teorias da linguística histórica e com o suporte de teorias linguísticas em geral, pode-se chegar à caracterização esquemática de um momento na história passada de uma língua, e os dados empíricos fornecidos pela documentação remanescente confirmam ou não as teorias e permitem rastrear e reconstruir, em parte, o seu uso vivo.

Para entender períodos passados de línguas já documentadas pela escrita, é importante a existência de reflexões de gramáticos ou de outros tipos de textos em que transpareçam comentários sobre os usos linguísticos do período que se estuda (MATTOS E SILVA, 2006, p. 43). Considerando essa afirmação, apresentaremos alguns autores que estudaram a questão das sibilantes do latim ao português.

Iniciaremos com os estudos feitos por Williams (1973[1938]) sobre as sibilantes. O autor classifica as sibilantes iniciais simples da seguinte maneira: “s inicial do lat. cl.> port. s: sal > sal; sĭgĭllum>sêlo; sŏnum>som”. Segundo o autor, a modificação do <s> inicial para <x>, por exemplo, *syringam>seringa>xeringa*, foi atribuída à influência arábica, porém ocorria também em regiões que estiveram livres dessa influência. Por isso, é mais verossímil que seja devida à estreita similaridade entre o <s> dialetal [ʃ] e [ç]⁷. Essa similaridade pesa no uso comum do *shîn* árabe em textos portugueses para representar o <s> inicial português e os <ss> intervocálicos, enquanto o *sîn* era usado para representar o <ç> (WILLIAMS, 1973[1938], p. 73).

De acordo com Williams (1973[1938], p. 73), a consoante <c> de *cerrar* (por *serāre*) desenvolveu-se com a “contaminação”⁸ de algumas outras palavras, talvez *cercar*. Para o autor, o <z> de *zoar* (de *sonāre*) é provavelmente onomatopéico e a sibilante <z> inicial é classificada da seguinte forma: “z (grego ζ) inicial do lat.cl.>port. z ou c [s]: *zēlum>zeo* (arcaico) e *zêlo*; *zēphŷrum>zéfiro*; *zēlum>cio*”. Já com relação à sibilante <s> em posição intervocálica, Williams (1973[1938], p. 80) a classifica como: “s intervocálico do lat. cl.> port. s [z]: *asuāre>ousar*; *causam>coisa*; *rŏsam>rosa*”.

O autor explica ainda que, em português arcaico, e, em certos dialetos do norte de Portugal, o <s> intervocálico se tornou [ʒ]. Essa modificação ocorre também no espanhol pela estreita similaridade entre o [z̄]⁹ dialetal e [ʒ] (WILLIAMS, 1973[1938], p. 80). Também o <ss> intervocálico do latim clássico transformou-se em português em <ss> [s], como nas palavras *ŏssum>osso*; *passum>passo*. De acordo com Williams (1973[1938], p. 85), são poucas as palavras em que os dois <ss> tornaram-se <x> [s], como em *Messias>Mexias* (arcaico). Segundo o autor, essa palatalização do <ss> tem sido atribuída ao <i> seguinte, mas é provavelmente o resultado da confusão de [ʃ] dialetal com [s].

⁷ Os símbolos [ʃ] e [ç], adotados por Williams (1973[1938]), correspondem aos símbolos [f] e [ç], respectivamente, nos padrões do IPA.

⁸ Segundo Schultz e Baccin (2010, p. 100), o termo “contaminação” corresponde a falsas analogias fonéticas, quando a palavra não é pronunciada como na língua de partida, nem como na língua de chegada, mas “contaminada”, isto é, influenciada pela pronúncia de uma terceira língua.

⁹ O símbolo [z̄], adotado por Williams (1973[1938]), corresponde aos símbolos [ʒ] palatal e [z] retroflexo nos padrões do IPA.

Mattos e Silva (2006, p. 74) aponta que Câmara Jr. (1985[1975], p. 49-58) faz um confronto das consoantes latinas e das consoantes portuguesas. A partir desse confronto, a autora faz uma síntese, como podemos ver nos quadros 2 e 3 abaixo:

Modo de articulação/ Ponto de articulação	Labiais		Anteriores		Posteriores	
	simples	geminadas	simples	geminadas	simples	geminadas
Oclusivas su. so.	p b	-pp- -bb-	t d	-tt- -dd-	k g	-kk- -gg-
Constritivas su. so.	f -	-ff- -	s -	-ss- -	- -	- -
Nasais	m	-mm-	n	- nn-	-	-
Laterais	-	-	l	-ll-	-	-
Vibrantes	-	-	r	-rr-	-	-

Quadro 2. Sistema Latino “Clássico” (MATTOS E SILVA, 2006, p. 74).

Modo de articulação/ Ponto de articulação	Labiais		Anteriores		Posteriores	
	simples	geminadas	simples	geminadas	simples	geminadas
Oclusivas su. so.	p b		t d		k g	
Constritivas su. so.	f v		s z		ʃ ʒ	
Nasais	m		n		ɲ	
Laterais	-		l		ʎ	
Vibrantes	-		r		r	

Quadro 3. Sistema Português atual (MATTOS E SILVA, 2006, p. 74).

Comparando os quadros acima, sobre as diferenças na distribuição medial das consoantes, no interior da palavra, Mattos e Silva (2006, p. 74) aponta que as geminadas latinas, sempre em posição intervocálica, resultam na correspondente simples, como *suppa*>*sopa*, *ossu*> *osso* [s]. As fricativas surdas, no sistema latino, apresentam suas correspondentes sonoras no sistema português, também através do fenômeno fonético de abrandamento ou lenização (simplificação das geminadas e sonorização das surdas) como em:

(3)

Labiais:

Latim -f- -ff-

Português -v- -f-

Anteriores:

Latim -s- -ss-

Português -z- -s-

Essas mudanças entre as fricativas resultaram em uma nova configuração do sistema; surgiram as homorgânicas sonoras, que não existem no latim.

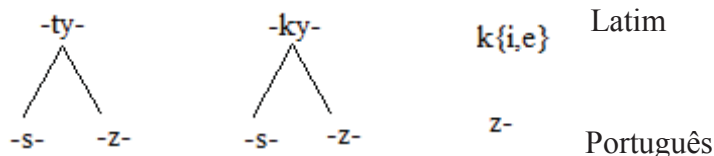
Entre as consoantes posteriores se encontram, no sistema do português, as palatais fricativas surda e sonora (/ʃ/, /ʒ/), a nasal (/ɲ/), e a lateral (/ʎ/). As palatalizações românicas (não só as portuguesas) resultam de complexas mudanças fonéticas, condicionadas pelo contexto fônico: presença de vogal ou semivogal palatal /i, e/, seguindo consoantes oclusivas (MATTOS E SILVA, 2006, p. 76).

A autora ainda ressalta que se designam pelo termo geral de palatalização os fenômenos que tenham como característica fonética a posteriorização em direção ao palato de uma articulação anterior, dental, ou a anteriorização em direção ao palato de uma realização posterior, velar. Entram também nesta categoria as assibilações e as palatalizações das oclusivas dentais e velares.

Para Mattos e Silva (2006, p. 76), as palatalizações do latim para o português podem ser representadas nos esquemas abaixo:

(4)

Assibilações de anteriores dentais e de posteriores velares

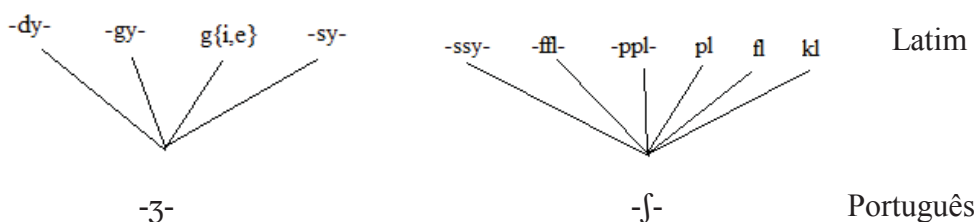


Os esquemas acima dão conta do fato de que as fricativas /s, z/ do português podem ter origem tanto da sequência -ty- (isto é, da sequência de oclusiva alveolar surda

seguida de semivogal anterior) quanto da sequência *-ky-* (oclusiva velar surda seguida de /i/ assilábico). Além disso, segundo Mattos e Silva (2006, p. 76), as sibilantes do português atual /s, z/ podem vir também da sonorização do /s/ do latim e da simplificação da geminada /ss/. Por sua vez, a assibilação do tipo /k/ seguido de vogal /e, i/ pode ocorrer não apenas no interior da palavra, mas também no início da palavra.

(5)

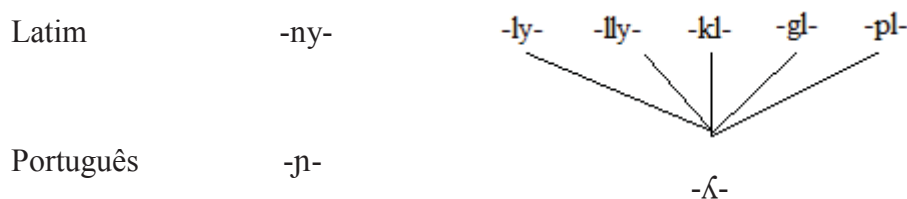
Palatalizações de anteriores dentais e de posteriores velares



As sequências <pl, fl, kl> também se palatalizam quando no início e não apenas no interior da palavra, como nos exemplos: /kl/ *amare* > /ʃ/ *amar*, /pl/ *uvia* > /ʃ/ *uva*. A consoante velar /g/ em posição inicial, seguida das vogais /e, i/ palatizou-se, condicionada pela vogal palatal, como em /g/ *ente* > /ʒ/ *ente*.

(6)

Palatalizações de nasal e lateral anterior



As mudanças fônicas esquematizadas modificam a configuração do sistema latino, introduzindo os elementos palatais /ʃ, ʒ, ɲ, ʎ/ no sistema do português. Proveniente também desse tipo de mudança, a palatalização do sistema do português arcaico apresentava africadas sibilantes /ts, dz/ e africadas palatais /tʃ, dʒ/, além das fricativas correspondentes (MATTOS E SILVA, 2006, p. 77).

De acordo com Mattos e Silva (2006, p. 77), os processos fonéticos de abrandamento ou lenização e de palatalização citados acima levaram o português a apresentar uma nova configuração no seu sistema. Todos os fenômenos vistos acima, exceto o último, atuaram sobre as consoantes no interior da palavra, o que mostra que a maioria das mudanças ocorridas na estrutura do latim para o português ocorreu nas consoantes distribuídas no interior do vocábulo.

Para a autora, as consoantes latinas, em posição inicial, se mantiveram no português, como nas palavras: *pane* > *pão*, *cane* > *cão*, *male* > *mal*, *lege* > *lei*, *rosa* > *rosa*. Com relação às novas consoantes do português /v, z, ʃ, ʒ, ɲ, ʎ/, em posição inicial, Mattos e Silva (2006, p. 78) explica:

- /v/ - é originário da consonantização da semivogal posterior /u/, pelo fenômeno fonético de intensificação ou de maior tensão articulatória, como em: /w/inu> /v/inho, /w/ano> /v/ano.

- /ʒ/ - processo responsável pela consonantização da semivogal /y/, como nos vocábulos: /y/am> /ʒ/a, /y/acere> /ʒ/acere. O /g/velar inicial, seguido das vogais /e,i/ palatalizou-se, condicionado pela vogal palatal: /g/ente> /ʒ/ente, /g/eneru> /ʒ/ênero.

- /ʃ/ - em posição inicial as sequências latinas - <cl-, pl-, fl-> - podiam ser palatalizadas no português: /kl/amare> /ʃ/amar, /pl/uvia> /ʃ/uva, /fl/amma> /ʃ/ama.

- /z/ - aparece no latim, em posição inicial, em palavras adquiridas por empréstimo a outras línguas: /z/ephyreem> /z/éfiro (grego).

- /ɲ/ e /ʎ/ - aparecem somente em posição inicial em palavras de origem não- latina, integradas no léxico português, portanto, por empréstimo de outras línguas.

Entre as consoantes latinas, podiam ocorrer, em posição final, /b, t, d, k, s, m, n, l, r/. Dessas consoantes, /t, s, m/, ligadas no final de nomes e verbos, funcionam como morfemas flexionais. Todas podem ocorrer ou travando nomes atemáticos de terceira declinação (*caput, nomem, labor*, entre outros) ou em “instrumentos gramaticais” (*ab, et, ad, ac, his, cum, in*, por exemplo). No português, o inventário em posição de travamento silábico é mais restrito; só ocorrem nessa posição as sibilantes, as líquidas, lateral e vibrante, e o travamento nasal (MATTOS E SILVA, 2006, p. 78).

Excetuando o /s/, morfema flexional de plural, também em morfemas flexionais verbais e em consoantes finais de palavras gramaticais (*mais, menos, com*,

em), as sibilantes, líquidas e o travamento nasal não correspondem a consoantes finais latinas, mas às consoantes que foram posicionadas no travamento silábico pelo desaparecimento da vogal não-acentuada final do latim ou desta e de consoante que lhe sucedia: *mense* > *mês*, *facit* > *faz*, *fecit* > *fez*, *amare* > *amar*, *animale* > *animal* (MATTOS E SILVA, 2006, p. 78).

Com relação às consoantes em posição inicial e, principalmente, em posição medial, os elementos do sistema se reestruturaram e o sistema foi enriquecido. Já em posição final, o inventário é simplificado pelo processo fonético de enfraquecimento do segmento fônico da coda, que leva a seu cancelamento ou queda, fenômeno antigo que marca a língua latina já na sua fase pré-clássica (MATTOS E SILVA, 2006, p. 78).

Observa-se que, da mesma forma que as oclusivas, as novas fricativas /v, z, ʃ, ʒ/ preencheram as “casas vazias” das sonoras e das posteriores inexistentes no latim. As nasais e líquidas apresentam, no português, elementos posteriores /ɲ, ʎ, r/, inexistentes no latim (MATTOS E SILVA, 2006, p. 79).

Segundo Mattos e Silva (2006, p. 78), as consoantes em posição inicial ganham novos elementos e o sistema se enriquece. Em posição medial, as consoantes perdem apenas o traço de geminação. Já as consoantes que se encontram em posição final, embora enfraqueçam pela lenização, não chegam sempre ao apagamento ou síncope e, quando chegam, sua posição no sistema é ocupada por outro item já existente no sistema latino que sofreu mudança. Já na posição interna, encontram-se numerosos ganhos do sistema pelo surgimento das palatais inexistentes no latim.

Considerando as características do sistema latino em relação ao atual, Mattos e Silva (2006, p. 79) descreve as variações e o sistema no português arcaico. Quando o português aparece escrito no início do século XIII, há uma representação gráfica consistente que permite afirmar que a simplificação das geminadas intervocálicas latinas, a sonorização das surdas intervocálicas e o desaparecimento das sonoras também intervocálicas já teriam ocorrido. Essas mudanças encadeadas se iniciaram nos primeiros séculos do latim imperial pela simplificação das geminadas que teriam desencadeado as lenizações subsequentes: sonorização das surdas e queda das sonoras.

Sobre a sonorização das surdas intervocálicas, Mattos e Silva (2006, p. 80) informa que teria começado desde a época imperial no latim ibérico. Esse processo de lenização possivelmente percorreu camadas do léxico ao longo dos séculos e não atuou simultaneamente nos diversos espaços linguísticos da Hispanorromânia.

Com relação à queda da sonora, a autora diz que não se processa de forma categórica, como por exemplo, é o caso da velar sonora /g/. Essa mudança não atinge todo o léxico do português; permanece a velar sonora, em alguns contextos anotados nas gramáticas históricas, como, por exemplo, quando seguida de /a/ ou /u/, como nas palavras *legumem* > *legume*, *plaga* > *chaga*.

Quanto às consonantizações, o /y/ e o /w/ latinos seguidas de vogal no início de sílaba, quer internamente, quer no início da palavra, resultam, respectivamente, na palatal /ʒ/ e na fricativa labiodental sonora /v/, novos sons consonânticos inexistentes no latim (MATTOS E SILVA, 2006, p. 80).

De acordo com Mattos e Silva (2006, p. 81), nas palatalizações, a palatal atual /ʒ/ é a consonantização do /y/ seguido de vogal do latim. As palatalizações de que resultaram as atuais /ʃ, ʒ, ɲ, ʎ/ e as africadas medievais /ts, dz, tʃ, dʒ/ provieram de oclusivas seguidas de vogal ou semivogal palatal /e,i/, na maioria dos casos, ou de sequências consonânticas constituídas de {/k/, /f/, /p/}, seguidos de /l/. Esse conjunto complexo de palatalizações não ocorreu ao mesmo tempo na história do latim para o português.

Para Teyssier (1987, p. 9-15), vêm do latim imperial as anteriorizações das velares e a posteriorização das dentais seguidas de /i/ e /e/ que resultaram nas africadas /ts, dz, dʒ/, depois /s, z, ʒ/, tanto no início como no interior da palavra, como por exemplo: /k/ivitate > /ts/ > /s/idade “cidade”; /k/entum > /ts/ > /s/em “cem”; pre/ty/um > /ts/ > pre/s/o “preço”; pre/ty/are > /dz/ > pre/z/ar “prezar”.

Mattos e Silva (2006, p. 81-82) aponta que certamente vêm também do latim imperial as palatalizações das sibilantes latinas seguidas de vogal ou semivogal palatal e de nasais e líquidas também seguidas de elemento vocálico palatal, por exemplo: ba/sy/um > bei/ʒ/o “beijo”; ru/sse/um > ro/ʃ/o > “roxo”; se/ny/orem > se/ɲ/or > “senhor”; te/ne/o > te/ɲ/o “tenho”. Para representar esses novos fonemas, a autora afirma que a escrita do português adotou tanto grafemas que, no latim, representavam velares, como é o caso de <c, g>, quanto o <x>, que representava no latim a sequência /ks/, e também novos grafemas românicos, como <ç, z, nh, lh>.

Portanto, os dados apontam que as palatalizações do latim para o português não ocorreram simultaneamente, uma vez que vimos que umas remontam ao latim imperial,

outras a depois do século V, e outras, já ao período em que se definem os domínios linguísticos românicos (MATTOS E SILVA, 2006, p. 82-83).

Mattos e Silva (2006, p. 83) argumenta que “há poucos estudos sobre o sistema consonântico e suas variantes no português arcaico” e ainda se questiona sobre o assunto:

As africativas sibilantes /ts/ e /dz/ e africadas palatais /tʃ/ e /dʒ/, que resultam nas fricativas /s/ e /z/ e /ʃ/ e /ʒ/ do padrão atual, se mantinham ainda no português arcaico, ao lado das fricativas sibilantes e palatais derivadas, respectivamente: /s/ < /s-/, /-ss/; /z/ < /-s-/, /ʃ/ < /-ssy/; /ʒ/ < /-sy-/, /y/?

A autora afirma que a africada palatal surda /tʃ/ vem da palatalização facultativa de sequências constituídas de uma consoante qualquer + consoante *l*, tanto no início como no interior da palavra, como nas palavras: *plaga* > *chaga*, *implere* > *encher*, *flamma* > *chama*. Desde os primeiros documentos escritos em português, à sequência latina corresponde o dígrafo românico <ch> e ela não se confundia com a grafia da fricativa palatal representada por <x>, que provinha do latim <-ssi-, -sse->, como em: *russeu* > *roxo*; *bassiu* > *baixo*.

Mattos e Silva (2006, p. 87) afirma que Fernão de Oliveira (1975[1536]) faz distinção entre pronúncia de <ch> e de <x>. Para Teyssier (1987) foi só no século XVII que os autores começaram a confundir as grafias de <ch> e <x>. De acordo com Mattos e Silva (2006, p. 87), esses dois históricos permitem dizer que a africada não se confunde com a fricativa /ʃ/ no período arcaico e que a oposição /tʃ/ : /ʃ/ se neutraliza depois do século XVI. Diante desses fatos, podemos afirmar que, no período arcaico, havia, no sistema, uma africada palatoalveolar surda, em oposição à fricativa palatoalveolar.

No que diz respeito às africadas palatoalveolares sonoras, Mattos e Silva (2006, p. 87) declara que são mais difíceis de serem situadas no tempo da língua, uma vez que:

São as sequências latinas constituídas de oclusivas sonoras e vogal/semivogal palatal - /-dy/, /-gy/, /g^e.¹/ - o seu étimo: *video* > *vejo*; *spongia* > *esponja*; *gente* > *gente*. A par da africada palatal /dʒ/ havia a constrictiva palatal /ʒ/ do latim /yV/ e /-si-, -se-/, como em *iam* > *já*, *ieiunu* > *jejum*, *basiu* > *beijo*, *caseu* > *queijo*.

Conforme já citado anteriormente, as sibilantes /s/ e /z/ provêm do /s/ (< s-, -ss-, -s->), como nas palavras: *sine* > *sem*, *passum* > *passo*, no português /s/; nas palavras *consuere* > *coser*, *rosa* > *rosa*, no português /z/, que são classificadas articulatoriamente como fricativas alveolares. A par dessas, que acusticamente se classificam como sibilantes fricativas, havia as sibilantes africadas que são qualificadas como africadas alveolares. A autora afirma ainda que, observando o quadro do português padrão atual, pode-se verificar que, ali, estão apenas duas sibilantes /s/ e /z/, que resultam, por um lado, da fusão de /ts/ e /s/ e, por outro, de /dz/ e /z/.

2.2 O sistema de sibilantes no Português Arcaico: controvérsias

A escolha das fricativas sibilantes como tema desta dissertação dá-se pelo fato de haver controvérsias entre os autores que vêm estudando o assunto quanto à consideração da oposição entre fricativas e africadas, por um lado, e quanto à consideração da possível neutralização da oposição de vozeamento, em posição de travamento silábico.

Mattos e Silva (2006, p. 89-90) afirma que as sibilantes já eram documentadas nos textos mais antigos e conservadores e que há “confusões” ortográficas entre sibilantes de origens diversas. Maia (1997[1986]) aprofunda a discussão e fornece novas informações sobre o problema, acrescentando que, contrariamente aos documentos do norte de Portugal, que são conservadores na representação das sibilantes, os da Galiza, já desde o século XIII, indicam “confusões” ortográficas ao representarem as sibilantes, ou seja, há troca de <s> por <z> ou por outros grafemas.

As consoantes fricativas sibilantes do PA são classificadas de maneiras diferentes por diversos autores, como podemos observar a seguir.

Segundo Coutinho (1970, p. 78), o período fonético da ortografia portuguesa, que se estende até o século XVI, é o período em que os primeiros documentos são redigidos em português. Esse período coincide com a fase arcaica do idioma. Na opinião do autor, em todo o período, a língua era escrita para o ouvido. A esse respeito, Coutinho (1970, p. 78) declara que o objetivo principal a que escritores ou copistas da época visavam era facilitar a leitura, dando ao leitor uma impressão, tanto quanto possível, exata da língua falada.

De acordo com Coutinho (1970, p. 78), não havia um padrão uniforme na transcrição das palavras; às vezes, num documento aparecia o mesmo vocábulo grafado de modo diferente. Para o autor,

[...] concorriam as diferenças regionais que deram em resultado o sincretismo das formas, a influência embora pequena do latim, a negligência dos autores e copistas, e, em alguns casos, a grafia castelhana. O que, porém, não se pode negar é a tendência manifestamente fonética do sistema então em uso. (COUTINHO, 1970, p. 79)

Sobre as consoantes fricativas, Coutinho (1970, p. 79-80) afirma que a consoante <c> tem o valor de fricativa surda e,

[...] empregava-se também antes de o, u: *particon* = *partiçom*, *cunnucuda* = *cunuçada*; às vezes é cedilhado antes de e, i; *reçebi* = *recebi*. Empregava-se antes de z para indicar o som ç: *peczo* = *peço*, *faczo* = *faço*. Com cedilha ou sem ela, valia z, talvez por influência do latim: *doncela* = *donzela*, *fecerom* = *fezerom*.

Já com relação ao uso de grafemas simples ou duplos na representação da fricativa /s/, o autor afirma que:

Simples, era empregado também como o valor de ss: *poso* = *posso*, *nosso* = *nosso*. O contrário ocorria igualmente, isto é, geminado equivalia a s intervocálico simples: *cassado* = *casado*, *messa* = *mesa*. Aparece freqüentemente dobrado no princípio e no meio dos vocábulos, talvez pela necessidade de distinguir foneticamente os seus valores: *sseu* = *seu*, *levantou-sse* = *levantou-se*. (COUTINHO, 1970, p. 81)

Coutinho (1970, p. 82) afirma ainda que a consoante <x> representava, com frequência, os dois <ss>, como em *dixe* = *disse*. Quando havia <x> no fim da palavra, por influência do latim, usava-se com o valor de *is*: *sex* = *seis*. Já a consoante <z> podia empregar-se no início e no meio das palavras em lugar do <ç>, como nas palavras: *zapateiro* = *sapateiro*, *zafar* = *çafar*, *lanzar* = *lançar*.

Teyssier (1987, p. 26-27), estudando a fonética e a fonologia do galego-português, estabeleceu o seguinte sistema para as consoantes fricativas: /f/: *fazer*; /v/ *vida, aver*; /ts/ (escrito <ç> e <c> diante de <e> e <i>): *çapato, paaço, cinta, cen*; /dz/ (escrito <z>): *fazer, zarelhon* (tecido grosseiro); /s/ (escrito <ss> em posição intervocálica, e <s> nas outras situações): *posso saber, vós*; /z/ (escrito <s> e usado somente em posição intervocálica): *casa*. Já para Mattos e Silva (2006, p. 89), as consoantes fricativas pré-dorsodentais surdas /ʃ/¹⁰ são representadas, em geral, pelos grafemas <ç, c>, como aparece nas palavras *pareceu, coração*, e as consoantes pré-dorsodentais sonoras /z/ são representadas pelo grafema <z>, como em *fazia, juizo, sazon, rason, zarello*; e as consoantes apicoalveolares surdas /ʃ/¹¹ e as consoantes apicoalveolares sonoras /z/ são representadas pelos grafemas <s-, -ss-, -s->, como em *sem, passo, coser*.

Gonçalves e Ramos (1985, p. 103-104) classificam as fricativas /ʃ/ e /z/ como as apicoalveolares¹² (como o caso do *s* beirão ou castelhano), “que não devem confundir-se com as modernas /s/ e /z/ pré-dorsodentais, resultantes ulteriores das africadas /ts/ e /dz/ e as palatais /ʃ/ e /ʒ/”. As fricativas sibilantes <s-, -ss-, -s-> ficam apenas com o som de /s/, como em “sapere”> “saber”, “fossatu”> “fossado”; “pensare”> “pesar”; “adversu”> “avesso”, e a fricativa <-s-> com som de /z/, como em “desidiu”> “desejo” e “ausare”> “ousar.”

Pinheiro (2004, p. 69), afirma que os grafemas <s>, <ss>, <c>, <ç>, <x> e <z> aparecem em posição de *onset* simples, sendo que <s> geralmente está em início de palavras e com som de /s/, como em “secastes” e “sabe”, e, no meio de palavras entre vogais, esse mesmo grafema aparece com som de /z/, como em “guisar”. A autora afirma ainda que os grafemas <ç> e <c>, com realização /s/ ou /ts/, aparecem sempre em posição de *onset* simples, como pode ser verificado nos exemplos *coração, naçi e cedo*. Já o grafema <ss> aparece predominantemente em posição de *onset* simples em meio de palavras, como em *conselho*, mas algumas vezes aparece em início, como em

¹⁰ No padrão de Mattos e Silva (2006), a consoante fricativa pré-dorsodental surda /ʃ/ e a consoante pré-dorsodental sonora /z/ correspondem, respectivamente, no padrão do IPA, a /θ/ e /ð/.

¹¹ No padrão de Mattos e Silva (2006), a consoante fricativa apicoalveolar surda /ʃ/ e a consoante apicoalveolar sonora /z/ correspondem, respectivamente, no padrão do IPA, a /s/ e /z/.

¹² Em termos fonéticos, as consoantes pré-dorso dentais e apicoalveolar são as dentais /f/ e /v/ e as alveolares, /s/ e /z/.

sse. “O som /z/, em posição de *onset*, aparece representado ora pelo grafema <s>, como em *guisa*, ora por <z>, como no exemplo *dizer*”. Para a autora,

Os grafemas <s>, <z> e <x> aparecem em posição de *coda* simples, todos com a representação sonora de /S/, por exemplo: *ondas*, *fez* e *fax*. Justamente por haver neutralização entre os fonemas /s/ e /z/ na posição de *coda*, não há certeza quanto à atualização fonética dos grafemas <z>, <s> e <x> nessa posição. Pode-se, por esse motivo, representá-los através do arquifonema /S/. (PINHEIRO, 2004, p. 70)

Maia (1997[1986], p. 438) diz que o sistema consonântico galego-português, na sua fase mais antiga, dispunha de duas africadas pré-dorsoalveolares, uma surda e outra sonora, /ʃ/ e /ʒ/, e de duas fricativas apicoalveolares, /s̺/ e /z̺/¹³. Segundo a autora,

desde cedo as africadas pré-dorso-alveolares se transformaram, por perda do momento oclusivo inicial, em fricativas pré-dorso-alveolares, surda e sonora. Daí resultou uma etapa intermédia, comum a todo o domínio linguístico ibero-românico, com dois pares de sibilantes fricativas: um de pré-dorsais (/s/ e /z/) e outro de apicais (/s̺/ e /z̺/). A grafia dos textos estudados, em princípio, distingue claramente entre a transcrição das sibilantes e das apicais.

Segundo Maia (1997[1986], p. 439), são vários os processos gráficos usados em documentos, no século XIII, nas quatro províncias galegas, e um dos grafemas utilizados, quer em posição intervocálica, quer em início de sílaba precedido de sílaba fechada, quer no início de palavra, é <z>. Alguns exemplos: *fazam* “façam”, *conofzemos* “conhecemos”, *rouorazõ* “roboração, ratificação”, *conofzuda* “conhoçudas”, *pertinzaf* “pertenças”. Para a autora,

¹³ Os símbolos /ʃ/ e /ʒ/, adotados por Maia (1997[1986]), correspondem aos símbolos [ʃ] e [dʒ], nos padrões do IPA, e a descrição apicoalveolar indica um som alveolar [s] ou [z], pronunciado com a ponta da língua (ápice) levantada.

O emprego do grafema *z* é [...] um dos processos gráficos para transcrever o fonema africado pré-dorsal surdo no período mais antigo, não ultrapassando, no que se refere a textos romances, o século XIII. Neste século [...] o grafema *z* tanto podia representar a africada pré-dorsal surda como a sonora. Uma distinção gráfica completamente generalizada entre os dois fonemas só se encontra, no que se refere aos documentos da Galiza, desde os últimos anos do séc. XIII e princípios do século XIV. (MAIA, 1997[1986], p. 440)

Toledo Neto (1996, p. 37) apresenta os tipos de variação que ocorrem entre os grafemas <c>/ <ç>/ <s> em posição inicial absoluta, como em *cego; çego; çegar; seguio; seguos*. Em seguida, apresenta tabelas de palavras que apresentam os tipos de variação entre os grafemas <c>/ <ç>/ <s>/ <z> e um quadro com palavras como *acender; açesa; açeso; açesos; acesa; acesas*, além de uma tabela, que apresenta a variação entre os grafemas <ç>/ <c> em posição média inicial. Por fim, apresenta a distribuição das frequências dos grafemas <c>, <ç>, <s> e <z>, representantes da fricativa pré-dorsodental surda /s/, segundo a posição em que ocorrem no vocábulo.

Sobre o grupo /-ki-/ e /-ti-/ do consonantismo, Lindley Cintra (1984, p. 329) afirma que o copista a quem se deve o manuscrito dos Foros de Castelo Rodrigo não empregava com absoluta certeza o <ç> como representação da africada ou fricativa pré-dorsodental surda, em oposição ao <z>, como representação da sonora correspondente. Em geral, se é este o valor que atribui a uma e a outra letra, há, no entanto, um caso em que foi empregado o <z> para representar aquilo que é, sem dúvida, o som surdo [ʃ] ou [ʒ] proveniente de <ti> depois de consoante, como em *alzare*, e há vários em que se serve de <ç> (e <c>) para representar o que é seguramente uma sonora [dz] ou [ʒ] proveniente de (vogal+) <c> e <i>, como nas palavras *uícino, uiçino, uincino*.

Lindley Cintra (1984, p. 329) aponta que:

[...] um dos interesses da análise está em verificar se, no caso em que estes grupos estavam em latim entre vogais e em que o étimo sofreu uma evolução que se pode considerar popular, o resultado é a africada ou fricativa surda, resultado mais antigo normalmente conservado em galego-português [...].

Outro interesse está em observar, nas palavras cultas, em cujo étimo há /-ki-/ ou /-tj-/ intervocálico ou pós-consonântico, se /j/ se manteve como no castelhano e leonês, ou se foi absorvido na evolução como no galego-português.

O grupo *-ti-* está representado pela consoante surda em *cabeça*, perante *cabeza*, *cabeçadas*, *cabeçal*. Nestas palavras, o <ç> é característico do galego-português e do castelhano arcaico. Em *razon*, *criazon*, *captiuazon*, *barbeza*, encontra-se o resultado sonoro <-z-> (LINDLEY CINTRA, 1984, p. 331).

Para Lindley Cintra (1984, p. 331), nas palavras em que os grupos /-ki-/ e /-ti-/ são intervocálicos é muito clara a preferência pelo tratamento de tipo castelhano, com a conservação da semivogal. São raros os casos, concorrendo com <-ci-> <-zi->, em que aparecem formas de tipo galego-português, como nas palavras *iusticia*, *iusticiar*, *iuyzio*.

No que se refere à evolução de *-ti-* *-ki-* depois de consoante, ora observamos a transformação desses grupos na surda ç, tão normal em português como em leonês e em castelhano, ora encontramos forma em *-çj-*, que, como veremos podem ter duas explicações diferentes. (LINDLEY CINTRA, 1984, p. 332)

Segundo Lindley Cintra (1984, p. 334), no código de Castelo Melhor, os casos de emprego de <z> como transcrição da surda /tʃ/ ou /ʃ/ são escassos e só aparecem em rubricas os casos de ç como transcrição da sonora.

Na proposta de classificar os dialetos do galego-português, Lindley Cintra (1984) utiliza a realização dos fonemas como característica para traçar fronteiras entre grupos de dialetos. Segundo o autor, o dialeto transmontano-minhoto ainda conserva quatro sibilantes (/s/, /z/ pré-dorsodentais; /s/, /z/ apicoalveolares¹⁴), o baixo-minhoto-duriense-beirão reduziu-se as duas apicoalveolares e todo o dialeto centro-meridional realiza apenas as pré-dorsodentais. Podemos notar, na distribuição feita pelo autor, que o dialeto transmontano-alto-minhoto ilustra precisamente um momento da evolução, quando as africadas /ts/ e /dz/ tinham já perdido o seu elemento oclusivo inicial, mas se mantinham ainda distintas das fricativas apicoalveolares.

¹⁴ As fricativas pré-dorsodentais e as apicoalveolares, segundo Lindley Cintra (1984), correspondem respectivamente aos sons dentais [θ] e [ð] e alveolares [s] e [z], nos padrões do IPA.

Segundo Cardeira (2003, p. 129), o sistema de quatro sibilantes do galego-português, duas africadas pré-dorsodentais e duas fricativas apicoalveolares, representadas graficamente por <c>, <ç>, e <z> / <s> e <ss>, reduziu-se, no português atual, a um sistema com apenas dois elementos, sendo um surdo e um sonoro. Para a autora, o processo de simplificação implica uma fase intermediária, da perda do elemento oclusivo das africadas, o que resulta, ainda, na oposição entre dois pares de fricativas, um de pré-dorsodentais e outro de apicoalveolares.

A redução do antigo sistema pode resumir-se assim: 1º duas africadas predorsodentais opõem-se a duas fricativas apicoalveolares; 2º as africadas simplificam-se, perdendo a oclusiva inicial: logo, a oposição passa a fazer-se entre um par de fricativas predorsodentais e outro de fricativas apicoalveolares: 3º as predorsodentais absorvem as apicoalveolares ou, pelo contrário, são as predorsodentais que se assimilam às apicoalveolares: a oposição é neutralizada e o sistema reduz-se a dois elementos. (CARDEIRA, 2003, p. 129)

De acordo com Cardeira (2003, p. 130), a simplificação das sibilantes deverá ser evidenciada dentro de um complexo conjunto de mudanças em que se inserem a inexistência de sibilantes sonoras no galego. A autora explica também que “a palatização da sibilante em contexto final ou sílaba travada e, ainda, a neutralização da oposição entre a africada palatal surda /tʃ/ e a fricativa /ʃ/” correspondem a um amplo e longo processo que resultou da instabilidade do antigo sistema.

O quadro abaixo resume as opiniões dos autores sobre as diferentes propostas das sibilantes no português arcaico:

Coutinho (1970)	<p>Consoante <c>: valor de fricativa surda</p> <p>Consoante <s>: poderia ser substituída por <c> ou <ç> ou iniciar palavras, como <i>star</i>.</p> <p>Consoante <x>: representa com frequência os dois <ss>, e, no final de palavra tinha valor de <i>is</i>.</p> <p>Consoante <z>: podia empregar-se no início e no meio das palavras no lugar do <ç>.</p>
Lindley Cintra (1984)	<p>Classifica o dialeto do galego-português em:</p> <p>Dialeto transmontano-minhoto: /s/ e /z/ pré-dorsodentais /s/ e /z/ apicoalveolares</p> <p>Dialeto do baixo-minhoto-duriense-beirão: duas apicoalveolares.</p> <p>Dialeto centro-meridional: pré-dorsodentais.</p> <p>Dialeto transmontano-alto-minhoto: a africada /ts/ e /dz/ perde seu elemento oclusivo inicial, mas as fricativas apicoalveolares se mantinham distintas.</p>
Gonçalves e Ramos (1985)	<p>As fricativas são classificadas como:</p> <p>⇒ /ʃ/ e /z̺/ - fricativas apicoalveolares.</p> <p>⇒ As fricativas sibilantes <s-; -ss-; -s> precedidas de consoantes ficam com o som de /s/.</p> <p>⇒ A fricativa <-s-> fica com o som de /z/.</p>
Teyssier (1987)	<p>Consoantes fricativas: /ts/ escrito com <ç> e <c> diante da vogal <e> e <i>.</p> <p>/dz/ - escrito com <z>.</p> <p>/s/ escrito com <ss> em posição intervocálica e <s> nas demais posições.</p> <p>/z/ escrito com <s> e usado somente em posição intervocálica.</p>
Maia (1997[1986])	<p>/ʃ̃/ africada pré-dorsoalveolar surda.</p> <p>/z̃/ africada pré-dorsoalveolar sonora.</p> <p>/ʃ/ } fricativas apicoalveolares /z/ }</p>
Toledo Neto (1996)	<p><c>; <ç>; <s> e <z> são representantes da fricativa pré-dorsodental surda /s/.</p>
Cardeira (2003)	<p>O galego-português é composto por quatro sibilantes:</p> <p>⇒ africadas pré-dorsodentais, <c>, <ç> e <z></p> <p>⇒ fricativas apicoalveolares, <s> e <ss></p> <p>No português comum reduziu-se para dois elementos, sendo um deles surdo e o outro sonoro.</p>
Pinheiro (2004)	<p>⇒ Grafemas <s>, <ss>, <c>, <ç>, <x> e <z> aparecem em posição de <i>onset</i> simples.</p> <p>⇒ Grafemas <s>, <z> e <x> aparecem em posição de <i>coda</i> simples quando houver a representação sonora de /S/.</p>

Mattos e Silva (1989, 2006)	/ʃ/ pré-dorsodental surda /z̃/ pré-dorsodental sonora /s̃/ apicoalveolar surda /z/ apicoalveolar sonora
-----------------------------	--

Quadro 4. Diferentes propostas das sibilantes no português arcaico.

2.3 O sistema de representação ortográfica de sibilantes em épocas posteriores ao Português Arcaico

Fernão de Oliveira publicou, em 1536, a *Grammatica da Língua Portuguesa* (doravante, GLP), juntamente com o *Diálogo em Louvor de nossa Linguagem*. Em relação a essas obras, Borges Neto (2009, p. 48) afirma que Fernão de Oliveira não as escreveu com o objetivo de facilitar o ensino da gramática, mas para “procurar argumentar na direção de uma igualdade entre português e latim”, em termos de mérito.

De acordo com Abaurre (2009, p. 61), Fernão de Oliveira, na GLP, provoca os leitores pela maneira absolutamente singular como se refere aos aspectos fônicos do português do século XVI. A esse respeito, a autora complementa:

Algumas de suas observações poderiam caracterizar-se, de fato, como preocupações de fonólogos modernos, pois certos aspectos por ele abordados, se observados através das lentes teóricas atuais, seriam certamente considerados fatos de natureza essencialmente fonológica. (ABAURRE, 2009, p. 61)

De acordo com Cagliari (2009, p. 72), Fernão de Oliveira tinha noção de fonema e de oposição fonológica através de pares mínimos, pois já sabia tratar da diferença entre os sons e da forma como a troca de um som pelo outro causava uma mudança de significado na palavra.

Já com relação à pronúncia das consoantes, Fernão de Oliveira (2000[1536], p. 178-179) explica que:

C: Pronuncia-sse dobrãdo a lingua sobre os dentes queyxaes: fazendo hũ certo lombo no meyo della diante do papo, casi chegando cõ esse lõbo da lingua o çeo da boca e empedindo o espirito, o qual per força faça apartar a lingua e façes e quebre nos beyços com ímpeto.

S: O .s. singelo diz quĩtiliano e letra mimosa e ãndo a pronũçiamos aleuãtamos a põta da lingua pẽra o çeo da boca e o espirito assouia pellas ilhargas da lingua.

SS: O .ss. dobrado pronũçiasse como o outro pregãdo mais a lingua no çeo da boca.

X: O .x. nos lhe chamamos çis mas eu lhe chamaria antes xi porã assi o prouunçiamos na escritura: pronunçiasse co as queixadas apertadas no meyo da boca/os dẽtes jũtos a lingua ancha dentro na boca e o espirito ferue na humidade da lingua.

Z: A pronũçiação do .z. zine antros dentes çerrados com lingua chegada a elles e os beyços apartados hũ do outro: e e nossa prõpria esta letra.

Ç: Esta letra .c. cõ outro .c. de bayxo de si virado para tras nesta forma .ç. tẽ a mesma pnũçiação ã .z. se não que aperta mais a lingoa nos dentes.

No que diz respeito à análise dos sons fricativos representados por Fernão de Oliveira, Cagliari (2009, p. 73) faz a seguinte observação:

As letras S, SS, Z, Ç, X, SC, SÇ, SX têm trazido muita confusão para os estudos de fonética antiga da Língua Portuguesa. A julgar pelas descrições de Fernão de Oliveira, as diferenças são claras, basta analisar os mecanismos de produção que ele descreve. Assim, temos S e SS para o [s], Z para [ð] e Ç para [θ]. Para a GLP, X vale [ʃ] e J vale [ʒ]. As posições da língua, dos lábios e lugar de articulação mostram claramente esses valores fonéticos. A diferença da fricativa dental surda e sonora é descrita com a surda apertando mais a articulação, o que é uma descrição correta, embora não tão usual como o vozeamento. Esses valores fonéticos, ao que me parece, vêm do português arcaico e continuam até o século XVIII, quando os ortógrafos dessa época ainda chamam a atenção para a diferença entre um som fricativo alveolar e um interdental (não bem descritos por eles). A diferença entre um som apical e laminal, comum em tratados de filologia não faz sentido, até porque nenhuma língua usa esses tipos de articulação para representar fonemas. A escrita não se preocuparia com variações desse tipo.

De acordo com Cagliari (2009, p. 78-79), o nome das letras na obra de Fernão de Oliveira segue o padrão latino. Com relação à letra <X>, Fernão de Oliveira

(2000[1536]) diz: “nós lhe chamamos CIS, mas eu lhe chamaria antes XI porque assim o pronunciamos”. <Ç> tem a mesma pronúncia que <Z>, mas aperta mais a língua nos dentes, e a pronúncia de <J> é semelhante à de <X>.

Cagliari (2009, p. 79) afirma ainda que, na prática, fica difícil entender como era exatamente a pronúncia de <Ç>, <Z> e <SS> naquela época, não por causa da descrição fonética atribuída a elas (fricativa interdental surda/sonora e fricativa alveolar surda “reduzida” ambissilábica - por comparação com <S> “pleno”), mas pelo fato de como suas letras aparecem na grafia das palavras.

Outro fato que chama a atenção é o grande uso que a GLP faz da letra <Ç>, que, de acordo com a descrição fonética, é uma fricativa interdental surda, diferente de <S> ou de <SS>, que seriam consoantes fricativas alveolares surdas. Na prática, Cagliari (2009, p. 79) diz que Fernão de Oliveira acabou usando <Ç> também para representar sons fricativos alveolares surdos [s] e, como ele descreve a pronúncia de um som fricativo interdental surdo e sonoro para <Z>, há dúvidas de como se pronunciavam as palavras escritas com <Ç> e <Z>, pois, certamente, no português não haveria tantas fricativas interdentalis assim.

Said Ali (1905), em *Vocabulario Orthographico*, apresenta o modo de escrever que era seguido, na época, pela maioria das pessoas cultas. O autor mostra os diversos processos estudados e define com rigor os maiores inconvenientes da ortografia da época: como representar um mesmo som de diversos modos - como, por exemplo, o som [s], de *laço, lasso, prece, verso* e [z], de *casa, gazeta, aviso, zelo*.

O autor explica a diferença entre as letras <s> e <z> no início dos vocábulos, no meio (junto à consoante) e no final. No começo das palavras, a letra <s> representa sempre o som [s] e a letra <z> sempre o som de [z], como em *sala, sello, som, sino* e *zagal, zelo, zoadá, zumbir*. No meio dos vocábulos, essa diferença continua entre as duas letras, tendo cada uma o seu valor definido, desde que o <s> ou o <z> venha entre consoante e vogal, como em *valsa, verso, bronze, quinze, varzea*. Exceto em *obséquio* e nas palavras que começam com *trans* (*transitar, transacção*), que pronunciam-se como [z].

Said Ali (1905, p. 8) explica que o <s> antes de outra consoante terá valor fonético ora surdo ora sonoro, conforme for surda ou sonora a consoante imediata, como em *fasto, casto, cesto, Lisboa, pasmo, asno*, e no caso de desinência pessoal escreve-se <s>, e não <z>, como nas palavras *dás, crês, conduzis*.

Exceto essas duas hipóteses, a ortografia da sibilante final é determinada pela pronúncia da vogal que a precede, como no caso de a vogal precedente ser a da tônica, escreve-se com <z>: *paz, nariz, paiz, timidez, Pariz, cruz*. Nesta regra, há as exceções dos pronomes (*nós, vós*) e dos vocábulos *três, Moisés, aliás, bis, cris, cós, Jesus, jus, pus* (substantivo), *mas, cis*. Outra hipótese é que, se a vogal precedente for átona, escrevemos com <s>: *Marques, Venus, onus, Tunis, lapis, iris, Deus, mais, dois, pois* (SAID ALI, 1905, p. 8).

Para Said Ali (1905, p. 8), o som [s] no início das palavras é representado por <s> e algumas vezes por <c>, e raramente por <sc>. Antes das vogais *a, o, u* essa consoante inicial é sempre representada por <s>, como nas palavras *safrá, sagu, samambaia, samburá, sapo, sarampo, sofá, sonso, sumaca, sujo*. É empregada a mesma letra inicial na maioria dos casos antes de <e, i (y)>: *se, seda, seguro, sempre, servir, simples, silva, sitio*.

O <c> inicial antes de <e, i (y)>, segundo o autor, é escrito em casos oriundos do latim ou grego, pois imita a escrita latina, como em: *cebola, ceder, cedo, cera, cereja, civil, cyclo*. O grafema <sc> é usado, no português, por uma alusão etimológica nas seguintes palavras: *scerelado, scena, sceptico, sceptro, sciatico, sciencia, scintillar, sciographia, scisma, scisão* (SAID ALI, 1905, p. 9).

Segundo Said Ali (1905, p. 10), as mesmas letras que podem indicar o som [s] no começo das palavras (<s> e <c>) também servem para representá-lo na posição medial, exceto os casos de palavras como *defluxo* e *próximo*, que, por influência latina, são escritas com <x>. Para o autor,

A letra s (ou ss entre vogaes) é aqui mero symbolo de graphia imitativa, quer de lingua classica, quer de lingua moderna; emquanto que se escreve c (ou ç antes de a, o, u), na maioria dos casos, e, principalmente, nos vocábulos isentos da influencia orthographica de outro idioma. (SAID ALI, 1905, p. 10)

De acordo com Said Ali (1905, p. 11), o uso de <s> e <ss> por influência de língua estrangeira ocorre nos seguintes casos:

1- nas denominações de certos artefatos ou produtos vindos do exterior, como *cassa* (nome de tecido), *cassineta, mosselina, potassa, quassia, passamanaria*.

2- na maioria dos nomes próprios estrangeiros: *Russia, Prussia, Odessa, Mississipi, Sissa, Bassorá, Hansa, Lhassa*.

3- grafia imitativa do grego ou do latim: *posse, possesso, nosso, vosso, osso, grosso, crasso, colosso, tosse, hyssope, manso, imenso, etc.*

Para o autor, há três regras para o uso de <s> e <ss>, sendo que o <s> é usado nos grupos temáticos: *pens-* (pensar), *-fens-* (ofensa); *prens-* e *prehens-* (compreensão); *tons-* (tonsura) e *-spons-* (responsável) e o sufixo *-ense* (forense, cearense). O <ss> é geralmente usado entre a vogal *e* e uma nova vogal, como nos vocábulos: *esse, promessa, remessa, gesso, professo, precesso, etc.* E escrevem-se com <ss> os temas *miss-*, como em: *missa, missão, premissa.*

A regra geral para o som de [z] intervocálico é, segundo Said Ali (1905, p. 13), representá-lo com a letra <s>, como nas palavras *casa, brisa, riso, aviso, fuso, parafuso, rosa, peso, etc.* No entanto, essa regra não se estende para os derivados de vocábulos escritos com <z> final; nestes permanece a letra <z>: *cruz, luz, paz, paiz, paisagem, luzir, cruzar.* Abaixo apresentaremos, segundo Said Ali (1905, p. 13-14), alguns casos especiais em que se usa <z> e não <s> para escrever as palavras:

1- depois da vogal *a* inicial: *azeite, azia, azougue, azul, azenha, azeviche.* Há as seguintes exceções: *asilo, Asia, asinha* (depressa), *asinus, asaro e aselho.*

2- depois da sílaba *ga*: *gazeta, gaze, gazua, gazeo, algazarra, gazela.* Exceção: *agasalho.*

3- terminação *-eza*, em se tratando de palavras femininas de certos títulos, da forma feminina dos adjetivos (e substantivos), e de nomes abstratos derivados de adjetivos: *Veneza, fortaleza, natureza, baroneza, princeza, marquezia, franceza, portuguesa, burgueza, camponesa, riqueza, nobreza, franqueza, tristeza, beleza, clareza, etc.* Por não estarem em nenhuma hipótese acima, as palavras *mesa, defesa, devesa, toesa, despesa, empresa, represa, illesa, etc.,* são escritas de acordo com a regra geral.

4- em qualquer verbo da 2ª ou 3ª conjugação em que apareça o som [z] entre a vogal temática e a desinência, exceto no verbo *coser* (costurar); portanto, nos verbos *fazer, prazer, jazer, dizer, cozer* (cozinhar), *conduzir, produzir, etc.,* assim como nas formas *quiz, quizer* e *puzemos* e outras do verbo pôr, da 2ª conjugação contracta. Do mesmo modo, o substantivo e o verbo *prazer* se escrevem com <z> e, analogicamente, o nome *lazer.*

5- os numerais e seus afins: *doze, dúzias, duzentas, dezena, dizimaram dezembro, etc.*

6- vocábulos científicos, históricos, geográficos e outros, quer procedentes do grego, quer advindos dos falares populares, como, por exemplo, as palavras: *Lazaro, ozena, Amazonas, Nazareth, Byzancio*.

Já para as palavras que apresentam a vogal inicial <e-> deve-se utilizar, na escrita, <x> (e não <s> nem <z>), como em: *exame, exemplo, exuberante* etc. As exceções são: *esophago, esula* e *esurino*.

De acordo com Said Ali (1905, p. 15-16), o som [ʃ] é representado por meio de <ch>, e excepcionalmente <ch> é substituído por <x>. Essa substituição ocorre somente em condições especiais e bem definidas, como veremos a seguir, em alguns casos que explicam as palavras que se escrevem com <x> e não com <ch>:

1- Depois de ditongo, como por exemplo: *caixa, baixo, ameixa, peixe, queixa, queixo, trouxa*, etc.

2- Depois da sílaba inicial *en-* (exceto o vocábulo *encher*): *enxada, enxó, enxovia, enxaqueca, enxame, enxugar, enxoval, enxotar, enxurrada*, etc.

3- Depois da sílaba inicial *me-* (menos em *mecha*): *mexer, mexerico, mexilhão*. Se o <m> vier acompanhado de outra vogal, não se usa o <x>, exceto nos casos: *mixórdia, almoxarife, moxinifada*.

4- Termos brasileiros como *Xingu, Xiririca, xerga* e nas palavras em que o som [ʃ] estiver entre vogais, como em: *abacaxi, maxixe, guaxima, Caxambu, Maxambomba*, etc.

Esta exposição sobre os estudos das fricativas sibilantes desde o PA até o português atual pretendeu evidenciar as características da ortografia representativa das consoantes sibilantes, com o objetivo de obter pistas para a realização dessas consoantes no período arcaico, objeto desta pesquisa.

2.4 As fricativas no sistema consonantal do Português Brasileiro atual

Como poderemos ver nesta seção, o português brasileiro atual possui 19 consoantes na posição de ataque silábico e 4 consoantes com *status* arquifonêmico, na posição de coda.

Em *Estrutura da Língua Portuguesa*, Câmara Jr. (1989[1970], p. 47) afirma que é preciso considerar a posição mais favorável ao desdobramento de todo o elenco de consoantes no português. Segundo o autor, essa posição é a da primeira consoante antes

da vogal da sílaba, podendo ser intervocálica, separando duas sílabas, ou não intervocálica, quer em início de vocábulo, quer medial, depois de outra consoante da sílaba precedente. De acordo com Câmara Jr. (1989[1970], p. 48),¹⁵

As consoantes intervocálicas, em português, apresentam uma articulação um tanto enfraquecida pelo ambiente vocálico em cujo meio se acham. São por isso alofones posicionais das não-intervocálicas correspondentes de articulação muito mais firme. Em compensação, certas consoantes faltam em posição não-intervocálica /r/ brando e /l/, e /n/, palatais, ou «molhados», que, em posição intervocálica, figuram por exemplo, *aro*, *alho*, *anho*. Podemos dizer que em posição não-intervocálica há uma neutralização das oposições entre /r/ forte e /r/ brando, entre líquida dental /l/ e líquida palatal ou molhada, /l, / e entre nasal dental /n/ e nasal palatal, ou molhada, /n, /, em proveito do primeiro membro de cada par. Há, apenas, exemplo, de um ou outro vocábulo de /l, / e /n, / palatais, ou molhados (de origem estrangeira), em posição inicial, como *lhama* «animal», oposto a *lama*, ou *nhata* oposto a *nata*. Mas não há nenhum /r/ brando inicial e nenhuma das três consoantes se apresentam como mediais não-intervocálicas.

Câmara Jr. (1989[1970], p. 48) aponta que, quando se parte da posição intervocálica, obtêm-se 10 fonemas consonânticos assinalados por numerosas séries opositivas, como vemos a seguir:

- (7)
- /p/ : /b/ : roupa: rouba;
 - /t/ : /d/ : rota: roda;
 - /k/ : /g/ : roca: roga;
 - /f/ : /v/ : mofo: movo;
 - /s/ : /z/ : aço: azo;
 - /s^ʰ/ : /z^ʰ/ : acho: ajo;
 - /m/ : /n/ : /n, / : amo: ano: anho;
 - /l/ : /l, / : mala: malha;
 - /r/ : /r^ʰ/ : erra: era

Para as oposições distintivas, Câmara Jr. (1989[1970], p. 48) escolheu a distribuição usual das consoantes, em oclusivas, fricativas, nasais, laterais e vibrantes.

¹⁵ No padrão de Câmara Jr. (1989[1970]), os símbolos /s^ʰ; z^ʰ; l,; n,; r^ʰ/ correspondem, respectivamente, no padrão do IPA, a /ʃ, ʒ, ʎ, ɲ, r/.

Nas oclusivas e fricativas, opõem-se as consoantes surdas (ou desvozeadas, quando não há vibração das cordas vocais) às consoantes sonoras (ou vozeadas, quando há essa vibração). A respeito das fricativas, o autor declara:

As constritivas se enriqueceram e passaram a constituir uma série fonologicamente análoga à oclusiva: três pares de surda e sonora, que podemos considerar respectivamente labial, anterior e sonora, embora os pontos de articulação não coincidam com os pares oclusivos: as labiais são labiodentais (/f/ - /v/); as anteriores são alveolares (coarticulação da zona anterior da língua, abaixada para a arcada dental inferior, com os alvéolos da arcada dentária superior): (/s/ - /z/); as posteriores correspondem a consoantes articuladas no médio-palato pela zona média da língua, enquanto a ponta avança para os dentes superiores (/ʃ/ - /ʒ/). (CÂMARA JR., 1989[1970], p. 49)¹⁶

À nasal anterior se acrescentou uma consoante que podemos chamar de posterior, num efeito acústico de chiamento, que imprime à consoante um som simultâneo de /j/ (/ɲ/). Uma consoante análoga passou a existir ao lado de /l/ (/ʎ/) (CÂMARA Jr., 1989[1970], p. 51).¹⁷

Tudo isso nos dá, como mostra Câmara Jr. (1989[1970], p. 50), um quadro de 19 consoantes portuguesas em grupos triangulares, separando, nas plosivas e fricativas, as surdas das sonoras:

(8)

	/p/	/b/	/f/	/v/	/m/		
/t/		/d/	/s/	/z/	/n/	/l/	/r'/
	/k/	/g/	/s'/	/z'/	/n,/'	/l,/'	/r/

¹⁶ Os símbolos /ʃ/ e /ʒ/, adotados por Câmara Jr. (1989[1970]), correspondem, no padrão do IPA, às palatoalveolares [ʃ] e [ʒ], respectivamente.

¹⁷ Os símbolos /ɲ/ e /ʎ/, adotados por Câmara Jr. (1989[1970]), correspondem, no padrão do IPA, a /ɲ/ e /ʎ/, respectivamente. O /j/ palatal fricativo soa semelhante à nasal palatal [ɲ] (/ɲ/).

Câmara Jr. (1977[1953], p. 73) afirma ainda que a consoante, como elemento que se combina à vogal silábica, pode ser pré ou pós-vocálica. Esta diversidade de posição na sílaba corresponde a uma diferença articulatória: na consoante pré-vocálica domina a fase articulatória final, em que se desfaz uma obstrução e é superado o impedimento bucal à passagem da corrente de ar; na consoante pós-vocálica, ao contrário, a articulação concentra-se na fase de cerramento, e o abrimento bucal que produziu a vogal silábica se reduz, sem solução de continuidade, para criar o elemento consonântico de travamento silábico.

Silva (2012, p. 155) diz que, em posição pré-vocálica, podemos ter uma ou duas consoantes em português. A autora apresenta os seguintes tipos de sílabas: $C_1V \sim C_1VV'$, quando temos apenas uma consoante precedendo o núcleo, ou $C_1C_2V \sim C_1C_2VV'$, quando temos duas consoantes precedendo o núcleo. Como exemplos que ilustram consoantes pré-vocálicas em estruturas $C_1V \sim C_1VV'$, tem-se: a consoante pré-vocálica /s/ em início de palavra CV: /s/aco, e em CVV': /s/ei; em meio de palavra: a/s/a, e em CVV': pa/s/eio; a consoante /z/ aparece em início de sílaba CV: /z/ero, e CVV': /z/eus; e, em meio de palavra, em CV: a/z/a, e em CVV': ca/z/ei.

Para Monaretto, Quednau e Hora (1996, p. 207), o número e o tipo de oposições que se encontram no sistema consonantal do português brasileiro estão condicionados à posição pré-vocálica, intervocálica e pós-vocálica. Há maior número de oposições na posição intervocálica e menor na posição pós-vocálica.

Silva (2012, p. 52) discute a ocorrência das fricativas [s, z, ʃ, ʒ], que denomina como sibilantes. As palavras *paz*, *ás*, *rapaz*, *favas*, *gás* e *sapas* são exemplos dados pela autora para ilustrar as fricativas sibilantes em final de palavra. Neste contexto, a variante [s] ocorre tipicamente no dialeto carioca e a variante [z] ocorre entre falantes da região de Teófilo Otoni (MG). Pode-se notar que tanto o <s> quanto o <z> ortográfico em final de palavra devem ser transcritos pelos símbolos [s, ʃ, z], dependendo do contexto.

O <s> ortográfico, segundo Silva (2012, p. 53), pode manifestar-se foneticamente de duas maneiras, como nas palavras: *casca*, *rasga*, *aspas*, *asma*, *pasta*, *Gasbrás*. A primeira alternativa é a ocorrência de uma das fricativas desvozeadas [s, ʃ], quando a consoante seguinte for desvozeada, como em *casca*, e a ocorrência de uma das fricativas vozeadas [z, ʒ], quando a consoante seguinte for vozeada, como em *rasga*. A fricativa alveopalatal desvozeada [ʃ] se verifica, por exemplo, na variedade do Rio de

Janeiro, quando a consoante seguinte for desvozeada, como em *aspas*, e a ocorrência da fricativa alveopalatal vozeada [ʒ], quando a consoante seguinte for vozeada, como na palavra *asma*. Por sua vez, falantes do dialeto de Belo Horizonte (e de muitas outras variedades do PB) selecionam [s] quando a consoante seguinte for desvozeada e [z] quando a consoante seguinte for vozeada.

As realizações fonéticas do <s> ortográfico, em limite de sílaba, podem ter distribuições diferentes das que vimos acima, conforme especifica Silva (2012, p. 53):

Falantes de Recife pronunciam a fricativa alveolar desvozeada [s] em final de palavra (como em “paz” [ˈpas]). Em limite de sílaba seguido de consoante não-alveolar os segmentos [s] ou [z] ocorrem dependendo do vozeamento da consoante seguinte (“aspas” [ˈaspas] e “asma” [ˈazma]). A particularidade dialetal de Recife (e outras regiões no Nordeste) é marcada quando o s ortográfico ocorre em limite de sílaba seguido de uma das consoantes alveolares: [t,d,n,l]. Neste caso a fricativa alveopalatal – [ʃ] ou [ʒ] – ocorre. Temos então um segmento alveopalatal correspondendo ao s ortográfico em [ˈvaʃta] (e não [ˈvasta]) e [ˈaʒnu] (e não [ˈaznu]) dependendo do vozeamento da consoante seguinte. Ao mesmo tempo temos “aspas” [ˈaspas] e “asma” [ˈazma] que apresentam um segmento alveolar correspondente ao s ortográfico (pois [p,m] não são consoantes alveolares).

Percebe-se que, entre os falantes do dialeto de Recife, se manifesta o <s> ortográfico como [s] ou [z], em limite de sílaba quando a consoante seguinte não for alveolar, como em *aspa*, *casca*, *asma*. Caso a consoante que segue o <s> ortográfico seja alveolar, temos então [ʃ] ou [ʒ], dependendo do vozeamento da consoante seguinte, como em *vasta*, *asno*.

De acordo com a autora, as fricativas [s, z, ʃ] podem ocorrer em final de sílaba no fim de palavra, como em *paz*, *rapaz*, *gás*, e as fricativas [s, z, ʃ, ʒ] ocorrem em final de sílaba concordando em vozeamento com a consoante que a segue, como em *rasga*. Já as fricativas [s, z, ʃ, ʒ] ocorrem em início de palavras, como, respectivamente, em *sala*, *Zapata*, *chá*, *já*; ocorrem em posição intervocálica, como em *assa*, *asa*, *acha*, *haja*, e ocorrem em posição pós-consonantal, como nos exemplos: *farsa*, *cerzir*, *marcha*, *argila*.

A autora esclarece ainda que, em posição de final de sílaba, as sibilantes caracterizam variação dialetal (sendo que há concordância de vozeamento com a consoante seguinte), e que, em contextos diferentes de final de sílaba, elas são uniformes em qualquer variedade do português.

O quadro abaixo é uma síntese da distribuição das sibilantes [s, z, ʃ, ʒ], segundo Silva (2012, p. 55).

Ambiente ou contexto	Símbolo	Exemplo
Final de sílaba e palavra	[s] e dependendo do dialeto: [ʃ]	Jazz
Final de sílaba seguido de C desvozeada	[s] e dependendo do dialeto: [ʃ]	casca, caspa
Final de sílaba seguido de C vozeada	[z] e dependendo do dialeto: [ʒ]	rasga, asma
Final de sílaba seguido de C alveolar	[s], [z] e dependendo do dialeto: [ʃ, ʒ]	pasta, desde, asno, islã
Início de sílaba e palavra	[s], [z], [ʃ] e [ʒ]	sala, zapata, chá, já
Intervocálico	[s], [z], [ʃ] e [ʒ]	assa, asa, acha, haja
Início de sílaba precedido de C	[s], [z], [ʃ] e [ʒ]	farsa, cerzir, marcha, argila

Quadro 5. Distribuição das sibilantes [s, z, ʃ, ʒ] (SILVA, 2012, p. 55).

De acordo com Cagliari (2007), o sistema fonológico do PB é formado por seis fricativas opositivas em posição de *onset* silábico, sendo elas: labiodental surda e sonora; alveolar surda e sonora; e palatoalveolar surda e sonora. Além disso, o autor afirma que é possível encontrar, em alguns dialetos do PB, as fricativas velares, uvulares e glotais, porém sem valor distintivo, como podemos observar nos exemplos abaixo:¹⁸

(9)

- a) labiodentais [f; v] – *faca* [faka]; *vaca* [vaka]
- b) alveolares [s; z] – *caça* [kasa]; *casa* [kaza]
- c) palatoalveolares [ʃ; ʒ] – *chá* [ʃa]; *já* [ʒa]
- d) velares [x; ɣ] – *rato* [xatu]; *barriga* [baɣiga]

¹⁸ Adaptados de Cagliari (2007, p. 36).

e) uvulares [χ; ʁ:] – *roda* [χɔda]; *curral* [kuʁaʊ]

f) glotais [h; fi] – *roda* [hɔda]; *roda* [fiɔda]

Vale observar que, nos exemplos *a*, *b* e *c*, as fricativas estão em oposição fonológica e, nos demais exemplos, há uma relação de alofonia, não havendo oposição fonológica entre as fricativas.

Segundo Cagliari (2007, p. 37), no dialeto carioca e no Nordeste do Brasil, é comum a ocorrência de fricativas velares, onde no dialeto mineiro ocorrem as fricativas glotais e, em certos dialetos, ocorre a vibrante. No dialeto paulista é comum ouvir tanto a vibrante, quanto as fricativas velares. Especificamente sobre as fricativas alveolares e palatoalveolares, o autor complementa:

No final de sílabas, em alguns dialetos, como o paulista, ocorre o som [s] e em outros dialetos, como o carioca, ocorre o [ʃ]. Alguns falantes usam, na verdade, uma articulação que começa com a produção de uma fricativa alveolar surda e acaba com a língua articulando uma fricativa palatoalveolar surda, o que se poderia, então, transcrever da seguinte forma: [sʃ]. (CAGLIARI, 2007, p. 37)

Cagliari (2007) declara que alguns autores têm discutido a produção inversa, ou seja, uma articulação que começa na posição de uma fricativa palatoalveolar e termina na posição de uma fricativa alveolar surda. No entanto, para o autor, essa ocorrência nunca foi encontrada, uma vez que essas fricativas tornam-se vozeadas, em geral, quando seguidas de consoantes vozeadas, como no exemplo (10)¹⁹ ou quando estão envolvidas no fenômeno de juntura, como no exemplo (11):

(10)

mas [mas] [maʃ] [masʃ]

besta [besta] [beʃta] [besʃta]

mesmo [mezmo] [mezmu] [mezʒmu]

¹⁹ Exemplos adaptados de Cagliari (2007, p. 37).

(11)

casas [ˈkazas]

amarelas [amaˈɾɛlas]

casas amarelas [ˈkazazamaˈɾɛlas]

Como pudemos observar, o sistema consonantal do PB atual é bastante complexo, devido à ocorrência das muitas variações entre essas consoantes, propulsionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos. Conhecer esse sistema ajudou-nos a compreender as fricativas sibilantes do PA, que é objeto deste estudo.

2.5 Considerações Finais

Ao longo desta seção, apresentamos textos relevantes de diferentes estudiosos que tratam do sistema consonantal do português, mais especificamente no que concerne às fricativas sibilantes. Abordamos estudos sobre as fricativas sibilantes, desde sua origem até o português atual, sob a perspectiva das gramáticas históricas, e tratamos também das controvérsias entre os autores que estudam as fricativas do PA. Isso permitiu-nos entender a descrição da relação entre letras e sons com relação às grafias da lírica medieval, identificar as diferenças nas consoantes fricativas do PA e do português atual e compreender o contexto em que essas variações ocorrem. De posse dessas informações, passou-se à análise das ocorrências das fricativas levantadas na coleta de dados do *corpus*.

3 Embasamento teórico

Nesta seção serão apresentadas as teorias que servem de base para a análise dos dados coletados nas CSM. Primeiramente, exploraremos as noções básicas de sílaba e de estrutura silábica, uma vez que esses conceitos serão fundamentais para a boa compreensão das teorias empregadas. E, em um segundo momento, abordaremos com mais detalhes as teorias utilizadas na análise dos dados, sobretudo o modelo estruturalista de Pike (1947), segundo a leitura que dele faz Cagliari (2002), e as teorias fonológicas não lineares, especialmente a Geometria de Traços.

3.1 Sílaba e Estrutura silábica

Como as sibilantes podem assumir, no período arcaico, tanto a posição inicial quanto a final na sílaba, é relevante saber a definição de sílaba e fazer uma apresentação da estruturação desse constituinte fonológico. Exporemos a seguir algumas definições de sílaba, de um modo geral, na visão de alguns autores das áreas de fonética e de fonologia.

Não é fácil apresentar uma definição exata e universal de sílaba. Segundo Cagliari (2007, p. 109), “segmentar a fala formando uma sequência de sons com características individuais bem distintas e delimitadas, é tão difícil”.

Para Jakobson (1985, p. 68), os “traços distintivos [...] se reúnem em feixes simultâneos chamados fonemas; os fonemas se concatenam em sequência; o padrão elementar sotoposto a um dado grupo de fonemas é a sílaba”.

Já Freitas e Santos (2001, p. 20) afirmam que a sílaba é o agrupamento de sons consonantais em torno de uma vogal. Esta noção é muito anterior às primeiras gramáticas do português e tem raízes nos manuais de gramáticas greco-latinas. Fernão de Oliveira (1975[1536]) traz essa visão ainda de forma rudimentar, na *Grammática da Linguagem Portuguesa*, ao afirmar que a sílaba “é vocábulo grego e quer dizer ajuntamento de letras”.

Quando pronunciamos uma palavra lentamente, não dividimos os sons, mas separamos as palavras em pequenos segmentos fônicos, como por exemplo, a palavra “felicidade” não será pronunciada f-e-l-i-c-i-d-a-d-e, mas fe-li-ci-da-de, dividindo-se em pequenos segmentos fônicos. Dessa maneira, cada vogal ou grupo de sons pronunciados numa só expiração dá-se o nome de sílaba. As sílabas são classificadas em abertas,

aquelas terminadas em vogal, como por exemplo, na palavra “li-vro”, e fechadas, as terminadas em consoante, como por exemplo, na palavra “pas-tas”. (FREITAS; SANTOS, 2001, p. 21-22)

Para Massini-Cagliari (2005b, p. 179), a sílaba é o primeiro domínio prosódico a partir do qual as línguas organizam a sua fonologia; portanto, “observa-se que as formas das sílabas variam de uma língua para outra e que a silabação é previsível, dentro de cada língua”.

Mori (2001, p. 173) afirma que a sílaba é considerada o “coração” das representações fonológicas, constituindo a unidade básica que nos informa acerca de como está organizado o sistema fonológico de uma língua. A sílaba é uma unidade que não pode ser confundida com uma unidade da gramática ou semântica, por isso é uma importante unidade de análise na Fonologia Autossegmental, na Fonologia Métrica e na Fonologia Prosódica.

Na fonologia atual, há estudiosos que, apesar de possuírem posições teóricas diferentes, como Blevins (1995), Selkirk (1982), Goldsmith (1990), concordam com a opinião de conceder um espaço privilegiado para sílaba na teoria fonológica, destacando-a como unidade linguisticamente significante. Segundo Selkirk (1982, p. 337), há três argumentos para o estudo da sílaba:

First of all, it can be argued that the most general and explanatory statement of phonotactic constraints in a language can be made only via the syllabic structure of an utterance. Second, it can be argued that only via the syllable on one give the proper characterization of the domain of application of a wide range of rules of segmental phonology. And, third, it can be argued that an adequate treatment of suprasegmental phenomena such as stress and tone requires that segments be grouped into units which are the size of the syllable.²⁰

Na área da linguística, o estudo da sílaba pode ocorrer a partir de duas perspectivas: a fonética, que estuda as características físicas da sílaba, e a fonológica, que focaliza as características representativas, estruturais e cognitivas da sílaba.

²⁰ “Primeiramente, pode-se argumentar que a afirmação mais geral e explicativa das restrições fonotáticas em uma língua pode ser feita somente por meio da estrutura silábica de uma enunciação. Em segundo lugar, pode-se argumentar que somente por meio da sílaba é possível dar a caracterização apropriada do domínio de aplicação de uma vasta gama de regras da fonologia segmental. E, em terceiro lugar, pode-se argumentar que um tratamento adequado de fenômenos suprasegmentais tais como acento e tom exige que segmentos sejam agrupados em unidades que são do tamanho da sílaba.” (Tradução nossa)

Do ponto de vista fonético, uma das mais conhecidas definições de sílaba é a chamada teoria dos pulsos torácicos. A sílaba, nessa teoria, é considerada como o resultado dos movimentos musculares, ou seja, quando os músculos da respiração modificam o processo respiratório, adaptando-se ao processo da fala. Dessa forma, o ar dos pulmões sai em forma de pequenos jatos, que correspondem às sílabas, formando o suporte sobre o qual se montam os outros parâmetros da fala (CAGLIARI, 1981, p. 99).

A teoria dos pulsos torácicos foi estabelecida por Stetson (1928) e constitui um esquema de representação da variação da pressão da corrente de ar usada para a respiração normal, em forma de uma onda suave e regular. A produção da fala dá-se por meio de uma onda que apresenta, em um movimento curto, uma intensidade muito grande e, em um momento relativamente longo, uma queda durante a qual aparecem variações de duração e de intensidade, definindo, assim, os limites de cada sílaba do enunciado que se quer produzir, como podemos ver na figura abaixo:

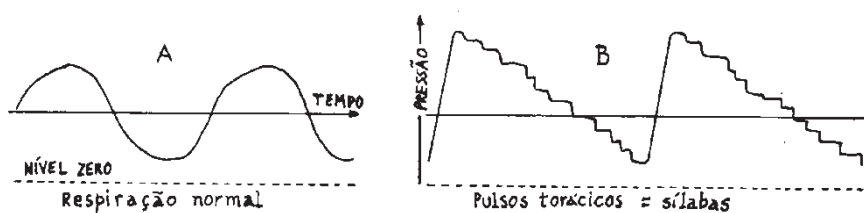


Figura 7. Representação esquemática da variação de pressão da corrente-de-ar usada para a respiração normal (a) e para a fala (b) (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 2001, p. 108).

Dessa forma, a sílaba pode ser interpretada como um esforço muscular que se intensifica até atingir um grau máximo (ápice) e depois vai se reduzindo progressivamente. A parte nuclear atinge o limite máximo da força, sendo preenchida por um segmento vocálico, e as partes periféricas (uma que intensifica e a outra que reduz a força) são preenchidas normalmente por segmentos consonantais (CAGLIARI, 1981, p. 100).

Segundo Câmara Jr. (1985[1975], p. 53), é uma tarefa difícil definir a sílaba do ponto de vista fonético, pois a descrição parte do efeito auditivo da força expiratória (sílabas dinâmicas), do encadeamento articulatorio descrito por Saussure e da tensão muscular durante essa série de articulações. O autor considera que a sílaba é formada

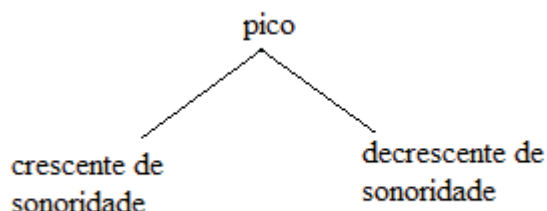
por um movimento ascendente, que culmina num ápice (centro silábico) e segue por um movimento descendente.

Para Cagliari (1981, p. 101), a sílaba também pode ser analisada pela teoria aerodinâmica da fala, por meio da qual é possível depreender que as posições nucleares ou picos são preenchidos pelas vogais e as periféricas por consoantes, distinguindo, assim, as duas grandes classes de segmentos: vogais e consoantes. O som é uma vogal,

[...] quando a configuração das cavidades supraglotais está aberta ao longo de todo o tubo pela linha central, de tal modo que a passagem de ar por aí é livre e não produz fricção local. Por outro lado, um som é uma consoante, quando nas cavidades supraglotais ocorre um bloqueio à corrente de ar ou um estreitamento do canal, de tal modo que a corrente de ar ao passar por ele produz fricção local. (CAGLIARI, 1981, p. 101)

A sílaba se organiza em uma escala de sonoridade²¹ obedecendo à seguinte hierarquia, como podemos observar no exemplo (12) abaixo:

(12)



O pico ou ápice, apontado no exemplo acima, refere-se ao máximo de sonoridade de uma sílaba, que pode ser ocupado por um número restrito de segmentos. No português, como já foi visto anteriormente, somente as vogais ocupam esta posição.

Câmara Jr. (1989[1970], p. 54) afirma que, para o PB, o ápice, ou seja, o centro da sílaba é preenchido por uma ou duas vogais, o aclave (movimento de ascensão da sílaba), por uma ou duas consoantes e o declive (movimento decrescente da sílaba), por uma das seguintes consoantes: /S/, /R/, /l/ ou /N/. O declive também pode ser

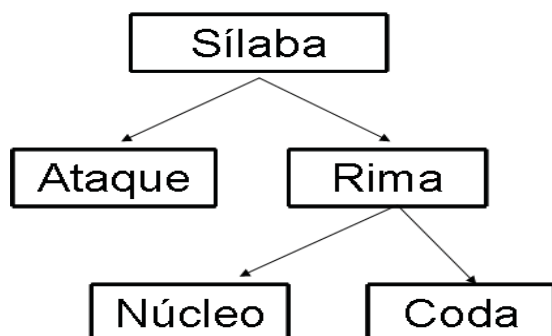
²¹ A sonoridade de um som é a sua intensidade relativa àquela de outros segmentos com a mesma duração, o mesmo grau de acentuação e de altura (LADEFOGED, 1975, p. 219).

preenchido pela consoante nasal, uma vez que Câmara Jr. (1989[1970], p. 58) interpreta fonologicamente a vogal nasalizada como vogal fechada por consoante nasal.

Há também o modelo hierárquico, tal como proposto por Selkirk (1982), que se orienta pelo pensamento gerativista e busca explicar a organização da sílaba de um ponto de vista universal, supondo que haveria características comuns no modo como as diferentes línguas do mundo definem seus moldes silábicos.

Dentro desta perspectiva gerativista, segundo Freitas e Santos (2001, p. 23), a sílaba apresenta uma estrutura interna, cujos subconstituintes estabelecem uma estrutura hierárquica entre si e com os segmentos que os constituem; estes subconstituintes são o domínio de aplicação de processos fonológicos. A sílaba é definida como uma estrutura hierarquicamente organizada em constituintes silábicos, que se ramifica em ataque (A) e rima (R). A rima se ramifica em núcleo (Nu) e coda (Co), sendo que o núcleo, no português, aloja as vogais e constitui o pico silábico, e a coda, aloja as consoantes da rima, como podemos observar no exemplo (13):

(13)



O ataque ou *onset* é o elemento que precede o núcleo de uma sílaba e é geralmente formado por uma ou mais consoantes, e a coda é a consoante ou as consoantes em posição pós-nuclear dentro de uma sílaba, ou seja, após a vogal nuclear. A coda, juntamente com o núcleo, forma a rima. Alguns exemplos de codas: *n* em *pan*; *l* em *sal*; *s* em *rês*.

De acordo com Freitas e Santos (2001, p. 46), a rima pode apresentar um núcleo ou pode se ramificar em núcleo e coda. O núcleo é de preenchimento obrigatório e pode ser não ramificado (preenchido por um segmento) ou ramificado (preenchido por

dois segmentos). A coda não é de preenchimento obrigatório e, no português, apresenta um só segmento.²² As autoras afirmam ainda que, na posição de coda, no português europeu, o inventário de consoantes que podem ocorrer é muito inferior em relação ao que se registra no ataque: apenas 4 das 19 consoantes encontradas em ataque surgem em coda [t̪, r, ʃ, ʒ].

Biagioni (2002, p. 83) afirma que, no PA, ocorrem com mais frequência sílabas abertas do que fechadas, mas a ocorrência de coda é permitida. Porém, são bastante restritas as suas possibilidades, ou seja, não é qualquer consoante em PA que pode ocupar a posição de coda. Segundo a autora, na posição de travamento silábico, encontram-se somente os segmentos /r/, /l/, /S/ e /N/, formando coda simples, portanto, não há codas complexas no PA. A autora também afirma que os segmentos /S/ e /N/ são considerados arquifonemas porque o primeiro tem mais de uma realização fonética; já o segundo, por possuir neutralização da oposição.

Vale a pena salientar que não há um consenso por parte dos pesquisadores sobre as consoantes que preenchem a coda no português. Cagliari (2002), abordando a questão do ponto de vista fonológico, diz que os arquifonemas (/S, N, L, R/) podem ocorrer nesta posição. No entanto, Alvarenga e Oliveira (1997, p. 11), analisando a questão do ponto de vista da realização fonética, excluem o /N/ desta relação, argumentando que o /N/, quando em posição de coda, pode ser analisado como traço de nasalidade da vogal anterior.

Para Mateus (2005, p. 12), no que diz respeito à coda,

[...] como na maioria das línguas, só um número reduzido de consoantes pode ocupar esse lugar. Em português, as consoantes em Coda são apenas três, as fonológicas /l/, /r/ e /s/ com diferentes realizações fonéticas (p.ex. as realizações da fricativa /s/ que ocorre como [ʃ] no final de palavra e antes de consoante não sonora, e como [ʒ] antes de consoante sonora, ou a velarização do /l/, [ɫ̪], em Coda de sílaba, correspondendo a uma semivogal, [w], na maioria dos dialectos brasileiros).

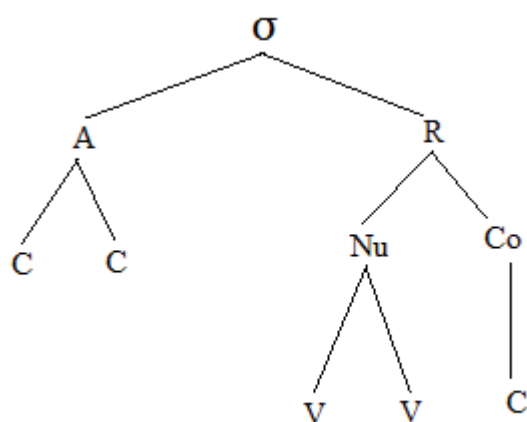
Blevins (1995) argumenta que a natureza da coda é considerada uma questão empírica, e que os dados acumulados até agora sugerem que tais restrições podem estar relacionadas com a sonoridade e com o molde silábico de cada língua.

²² Excepcionalmente, o português pode apresentar dois elementos na coda, como em *perspectiva* e *solstício*.

Sobre a caracterização das sílabas no português, podemos afirmar que podem ser simples ou complexas. As sílabas simples, também chamadas de abertas, devido à ausência de coda, são representadas pela sequência CV. As demais são chamadas de complexas. A sílaba travada é aquela que possui um segmento na posição de coda (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 1998, p. 52).

Como forma de representação da estrutura máxima da sílaba para o português, Abaurre (1999) adota a sequência CCVVC, conforme podemos observar abaixo:

(14)



Sobre a estrutura máxima da sílaba em PB, Silva (2012, p. 154) afirma que há duas vogais (VV), sendo uma delas um glide (semivogal); portanto, assume-se que o pico ou núcleo de qualquer sílaba do português é uma (e somente uma) vogal. Segundo a autora, a estrutura da sílaba em PB pode ser descrita da seguinte forma, sendo C a consoante, V, o núcleo da sílaba, e V', as semivogais ou glides - cf. exemplo (15), abaixo:

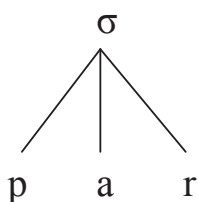
(15)

$$C^1C^2VV'C^3C^4 \quad \text{ou} \quad C^1C^2V'VC^3C^4$$

Com relação à estrutura interna da sílaba, Collischonn (1996, p. 95) afirma que há basicamente duas teorias: a teoria autosegmental e a teoria métrica da sílaba. A primeira, criada por Kahn (1976, *apud* Collischonn, 1996), pressupõe camadas

independentes umas das outras, que representam as sílabas (simbolizadas pela letra grega σ), que estão ligadas diretamente aos segmentos. Nesta, a relação entre os três elementos é igual e somente a sílaba como um todo pode ser referida pelas regras fonológicas:

(16)



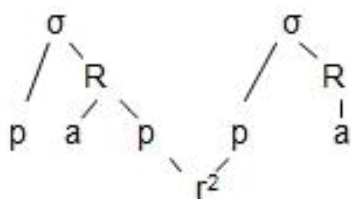
A teoria métrica da sílaba é baseada em propostas feitas por Pike e Pike (1947) e Fudge (1969) e defende a ideia de que a sílaba é constituída por um ataque e uma rima, sendo que a rima se subdivide em um núcleo e em uma coda, e que, exceto o núcleo, qualquer categoria pode ser vazia. Conforme já foi mostrado em (13), esta teoria “prevê um relacionamento muito mais estreito entre vogal do núcleo e a consoante da coda do que entre esta vogal e a consoante do ataque” (COLLISCHONN, 1996, p. 102).

3.1.1 Consoantes geminadas

Nesta subseção, discorreremos sobre alguns pressupostos teóricos importantes relacionados à constituição das consoantes geminadas em geral, que sustentarão as análises dos dados que serão apresentados posteriormente, em relação à sequência <ss> (cf. seção 5).

A consoante geminada, assim como a consoante simples, é geralmente encontrada entre vogais, entretanto a consoante simples pode ocorrer em outros contextos, o que não acontece com a geminada. A geminação ocorre com dois segmentos iguais situados em sílabas diferentes, que, entretanto, compartilham o mesmo conjunto de traços fonológicos, como podemos observar no exemplo abaixo, (17), com a palavra *pappa* (“mingau”), do italiano:

(17)



Segundo Coutinho (1970, p. 139), as consoantes geminadas latinas, que se encontram no interior das palavras, reduzem-se a consoantes simples no português. No latim vulgar, esta simplificação já havia ocorrido. São frequentes em palavras como: *mile, anus, eficaz, cotidie, ocidere*, etc. Já nas palavras que possuem <-rr-> e <-ss->, essas consoantes não se simplificam, como podemos ver no exemplo (18) abaixo:

(18)

-ss- > -ss- : ossu > osso

possum > posso

tusse > tosse

passu > passo

possidere > possuir.

Segundo Perlmutter (1995, p. 314), na fonologia não linear, um segmento geminado é um elemento que vale por dois. O autor afirma que a melhor forma de representar as consoantes geminadas e as vogais duplas é através da múltipla associação, ou seja, a vogal longa tem o mesmo valor que uma vogal e uma consoante juntas, como no exemplo (19):

(19)

CV: = CVC

Somenzari (2006, p. 76) afirma que a fonologia não linear explica o princípio mais importante para a análise fonológica de segmentos geminados, o Princípio do Contorno Obrigatório (doravante, PCO) - (Obligatory Contour Principle - OCP). O PCO

foi formulado por Leben (1973, *apud* SILVA, 2012, p. 208) e proíbe sequências idênticas de autossegmentos. Caso tal sequência ocorra, esta deve ser reduzida a uma unidade no processo derivacional: (aa) torna-se (a:). Esta sequência de segmentos é chamada de geminada.

Aparecem abaixo, nos exemplos (20 e 21), as representações em forma de árvore da vogal longa [a:] e da consoante geminada [s:], que não violam o PCO, uma vez que um único segmento se associa a duas posições:

(20)



(21)



Segundo Somenzari (2006, p. 78), o estudo da geminação ocorre através da determinação do peso silábico, ou seja, da quantidade de moras, que, por sua vez, é determinada por meio da quantidade e da posição dos segmentos na sílaba. Segundo a autora, o estudo

se relaciona à duração intrínseca das sílabas na sua realização fonética. Nota-se que há uma relação íntima entre a representação das sílabas leves e pesadas e a marcação do acento e a construção do ritmo da fala. Desta forma, sílabas que contêm vogais longas ou ditongos são geralmente tratadas como pesadas, atraindo para si o acento, no caso de sistemas sensíveis ao peso silábico. O mesmo ocorre com as sílabas seguidas por consoantes geminadas (CVC, no nível fonológico).

A constituição da sílaba é fator determinante do peso silábico. As moras são consideradas unidades de peso e são elas que determinam o peso da sílaba. Sílabas pesadas são constituídas por mais de um elemento de peso na rima. Uma sílaba pesada conta com duas moras e uma sílaba leve, com uma mora. A partir desta premissa,

poderíamos pensar que as vogais longas e consoantes geminadas valem o dobro das vogais e consoantes simples, porém isto não ocorre, já que as vogais duplas são consideradas sempre “bimoraicas” e as consoantes geminadas, em geral, não são (SOMENZARI, 2006, p. 79).

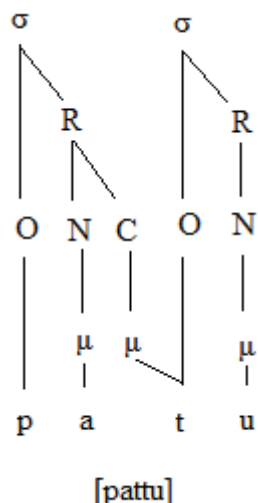
Para Perlmutter (1995, p. 315), a mora é uma unidade de peso e não de duração: “*The mora, however, is not a unit of length in the simple sense that each mora in a phonological representation represents an equal timing unit.*”²³

Para Somenzari (2006, p. 79),

Somente os elementos da rima são considerados moraicos e, em uma consoante geminada, tem-se apenas uma mora, pois uma parte da consoante pertence à rima da sílaba precedente e a outra está no onset da sílaba seguinte, e [...] o onset não carrega a mora.

Abaixo podemos ver o exemplo retirado de Hayes (1989, p. 296), do Estoniano, de uma consoante geminada que é, ao mesmo tempo, coda da primeira sílaba e *onset* da segunda. As moras são representadas pelo símbolo μ .

(22)



²³ "A mora, no entanto, não é uma unidade de duração no sentido simples de que cada mora em uma representação fonológica representa uma unidade de tempo igual." (Tradução nossa)

3.2 Teoria estruturalista

A escolha da teoria estruturalista para a abordagem inicial dos dados analisados se deve ao fato de que essa teoria propõe abordar qualquer língua como um sistema, em que cada um dos elementos só pode ser definido pelas relações de equivalência ou de oposição que mantém com os demais elementos. A partir da escrita remanescente da época trovadoresca, iremos verificar se podem ser encontrados indícios de que, naquela época, havia ou não oposição entre os grafemas e verificar se as consoantes fricativas na posição de coda ocorriam em situação de neutralização, assim como pode ser percebido no PB atual.

O estruturalismo surgiu em 1916, na obra *Cours de Linguistique Générale*, do linguista Ferdinand de Saussure, cujas ideias inovadoras propulsionaram novos estudos e teorias na área da linguística. Um dos linguistas que se dedicou a essas pesquisas foi Pike, que em 1947 escreveu *Phonemics – a technique for reducing languages to writing*, um texto clássico para o estudo de análise fonêmica.

A fonologia nasce do enquadramento das teorias estruturalistas do Círculo Linguístico de Praga e estuda os fonemas, que são unidades constituintes do sistema fonológico de uma língua. Segundo Silva (2012, p. 188), “os procedimentos teóricos e metodológicos postulados para análise do componente sonoro dentro de uma ótica estruturalista foram estendidos a outras áreas da análise linguística, contribuindo para com o processo da linguística como ciência”.

Câmara Jr. (1989[1970]) assume os procedimentos estruturalistas clássicos de análise fonêmica, bem como contribuições adicionais de noções assumidas pelo Círculo Linguístico de Praga, como as de neutralização e arquifonema. Por exemplo, no português, temos segmentos que apresentam contraste fonêmico e, quando estão distribuídos em pares mínimos, são caracterizados como fonemas. No modelo estruturalista, o fonema é tratado como uma unidade distinta que se relaciona a seus respectivos alofones em contextos específicos. Na oposição fonêmica entre /s/: /z/ e /ʃ/: /ʒ/, em pares mínimos como *assa*, *asa* e *acha*, *haja*, pode-se afirmar que há oposição dos fonemas em posição intervocálica. Em *seca*, *Zeca* e *checa*, *jeca* ocorre oposição em início de palavra. Porém, em posição de final de palavra o contraste fonêmico desaparece, podendo esta posição ser ocupada por qualquer um dos segmentos [s, z, ʃ, ʒ] (SILVA, 2012, p. 157-158).

Apresentamos agora, sucintamente, alguns conceitos da fonologia estruturalista, considerações metodológicas e técnicas que servem para fazer uma análise fonológica básica.

De acordo com Silva (2011, p. 170), o par mínimo ocorre entre duas palavras com significados diferentes, cuja cadeia sonora é idêntica, exceto por um segmento na mesma posição estrutural. Na verdade, segundo Cagliari (2002), para que um par de palavras seja um par mínimo, basta que haja um conjunto de segmentos iguais e apenas uma diferença, que podem caracterizar tanto a oposição, quando há alteração de significado, como a variação, quando o significado não se altera. Por exemplo, *curta* e *custa*, são um par mínimo, pois têm todos os segmentos em comum menos [r] e [s].

Cagliari (2002, p. 25) afirma que o som pode estar em oposição fonológica com outro num determinado contexto (ponto de um sintagma caracterizado pelo que vem antes e depois do som em análise), mas, num outro contexto, tal oposição pode não se realizar. O autor complementa, dizendo que:

Cada contexto tem sua estrutura e o que acontece num caso não precisa acontecer do mesmo modo em outros. Por exemplo, há oposição fonológica no Português entre [s] e [z], quando ocorrem entre vogais, como em *caça* e *casa*. Porém, em final de palavras, diante de pausa, só ocorre o [s] e nunca o [z], como se pode observar em palavras como *fiz*, *paz*, *vês*, *avôs*, *todos*, *eles*, etc. (CAGLIARI, 2002, p. 25)

O processo de neutralização acontece quando dois sons foneticamente semelhantes ocorrem em oposição fonológica em certos contextos, mas não estão em oposição fonológica em outros contextos, ou seja, a oposição fonológica que ocorre num contexto se neutraliza (deixa de acontecer) em outro contexto.

Segundo Trask (2004, p. 205), o conceito de neutralização foi introduzido e desenvolvido na década de 1930 pelo linguista Troubetzkoy. O conceito de neutralização tem a ver com a indicação de que a fonologia está ligada ao comportamento dos sons e com seu enquadramento num padrão, e não com o seu valor fonético absoluto.

Para Crystal (2000, p. 137), a neutralização é um termo usado na fonologia para descrever o que acontece quando a distinção entre dois fonemas se perde em um

determinado contexto. De acordo com Cagliari (2002, p. 46), as razões para a neutralização de uma oposição fonológica são:

[...] a não ocorrência de um dos membros do par de fonemas; a ocorrência complementar deles, caso em que um fonema ocorre num contexto e o outro em outro tipo de contexto; ocorrência de variação livre, envolvendo os sons em questão.

Outro elemento metodológico é o arquifonema, termo criado por Troubetzkoy, que foi fonólogo da Escola de Praga. É representado por um símbolo, geralmente uma letra maiúscula entre duas barras inclinadas, e mostra a perda do contraste entre dois ou mais fonemas, causada por uma neutralização (MONARETTO; QUEDNAU; HORA, 1996, p. 207). No português do Brasil, por exemplo, temos o arquifonema /S/, resultante da neutralização de /s/, /ʃ/, /z/ e /ʒ/ em final de sílaba, como em *feſta*, que pode ser pronunciada como /'feſta/ ou /'feʃta/, ou em *azma*, que pode ser pronunciada como /'azma/ ou /'aʒma/.

Em seguida, passaremos para a corrente que dá continuidade à sequência histórica da Linguística: a gerativa, fundada por Chomsky na década de 1950. Na fonologia gerativa, os segmentos passam a ser interpretados como constituídos por um conjunto de propriedades. As propriedades distintivas são traços ou parâmetros como "consonantalidade", "sonoridade", "continuidade" e outros, determinados por dois valores possíveis (+ ou -), que permitem classificar os sons de qualquer inventário a partir de uma matriz de especificações (acústicas e articulatórias) que os identifica no sistema. A ausência ou presença de uma determinada propriedade é indicada para cada segmento; temos, então, uma oposição binária. “Cada uma destas propriedades é referida como um traço distintivo e segmentos são constituídos de um feixe de traços distintivos” (SILVA, 2012, p. 189), como no exemplo abaixo:²⁴

²⁴ Adaptado de Silva (2012, p. 195).

(23)

	[v]	[i]	[d]	[a]
	v	i	d	a
consonantal	+	-	+	-
silábico	-	+	-	+
soante	-	+	-	+
contínuo	+	+	-	+
solt.retardada	-	-	-	-
nasal	-	-	-	-
lateral	-	-	-	-
anterior	+	-	+	-
coronal	-	-	+	-
alto	-	+	-	-
recuado	-	-	-	+
arredondado	-	-	-	-
baixo	-	-	-	+
vozeado	+	+	+	+
tenso	+	+	+	-

Assim como afirma Hernandorena (1996, p. 11), Chomsky foi o marco significativo nos estudos linguísticos a partir da década de 50, pois determinou como objetivo do estudo descritivo de uma língua a construção de uma gramática e, ao defini-la como sistema de regras que especifica a correspondência entre som e significado, inseriu a noção de regra linguística como sendo indispensável para a caracterização de qualquer língua.

Dentre os vários pressupostos teóricos que fundamentam o modelo chomskyano, focaremos o aspecto referente à distinção entre competência/desempenho e à existência de uma Gramática Universal (doravante, GU). Segundo Hernandorena (1996, p. 12), podemos afirmar que Chomsky sustenta a opinião de que toda pessoa é capaz de fazer julgamentos imediatos, intuitivos e naturais sobre as relações sintáticas e semânticas de sua língua, conseguindo também interpretar sentenças ambíguas e perceber frases mal formadas. Além disso, a autora complementa dizendo que Chomsky observou “que a criança adquire uma língua, com toda a sua complexidade, nos

primeiros anos de vida, sendo capaz de criar e empregar expressões e sentenças que nunca ouviu” (HERNANDORENA, 1996, p. 12).

Por isso, de acordo Chomsky (1965), todo falante ou ouvinte tem uma “competência linguística”, ou seja, possui um conhecimento inconsciente da língua, da gramática e do sistema de regras que a caracteriza. Para Hernandorena (1996, p. 12), a “competência” não pode ser confundida com “desempenho”, uma vez que o mesmo não depende somente do conhecimento da língua, mas de muitos outros fatores, como restrição de memória, atenção, crenças e conhecimento não-linguístico.

Outro pressuposto teórico que fundamenta o modelo chomskyano é a GU. A GU pode ser definida como uma essência comum que os homens têm como parte de sua herança genética. Segundo a proposta elaborada por Chomsky, o indivíduo adquire a língua do ambiente em que vive com base nessa essência comum, pois esse linguista estava mais preocupado com a similaridade entre as línguas do que com as diferenças existentes entre elas, atribuindo essas semelhanças a uma natureza comum. Segundo Hernandorena (1996, p. 12):

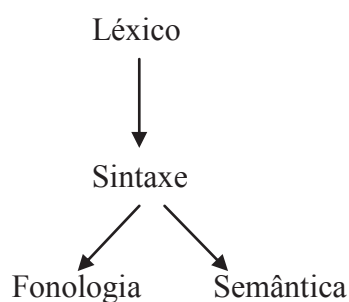
De acordo com essa concepção, as línguas constroem suas gramáticas com base na GU, ou seja, fixam parâmetros particulares a partir dos princípios gerais ditados pela GU. Um exemplo de princípio da GU é que a sílaba pode ter três elementos: ataque, núcleo e coda. A partir desse princípio, cada língua vai criar a sua gramática, determinando neste caso, que tipo de segmento pode ocupar as diferentes posições na estrutura silábica e fixando parâmetros, os quais podem estabelecer, por exemplo, que o ataque é obrigatório em todas as sílabas da língua e que a coda é opcional.

A abordagem gerativa aplicada à fonologia baseou-se inicialmente na proposta de Chomsky e Halle (1968), no livro clássico *The sound pattern of English* (SPE), que busca descrever os princípios universais que regulam os sistemas sonoros, procurando compreender os mecanismos que organizam a GU.

Segundo Hernandorena (1996, p. 13), o componente fonológico é definido como a parte da gramática que atribui uma interpretação fonética à descrição sintática. Ou seja, a gramática gera um número infinito de sentenças, cada uma delas com sua representação semântica e fonética. Portanto, a correspondência som-significado é definida pela gramática da língua.

Sobre esse assunto, Massini-Cagliari (1999, p. 71) afirma que a interação entre fonologia e o resto da gramática limita-se a uma interface com a sintaxe, em que o *output* do componente sintático constituía o *input* do componente fonológico. Segundo Massini-Cagliari (1992, p. 74), a gramática gerativa têm três componentes principais, sendo eles o sintático, que é o mais importante de todos, pois cabe a ele a produção das sentenças, o semântico e o fonológico, ambos componentes interpretativos, como podemos ver no exemplo (24) abaixo:

(24)



Vale ressaltar que o modelo de Chomsky e Halle (1968) se diferenciou do modelo estruturalista, pois tornou a relação entre a representação fonológica e a produção fonética mais abstrata, eliminando o nível fonêmico, que estabelece um nível separado para a relação entre fonema e suas variantes contextualmente especificadas. Para o gerativismo, o traço é a unidade mínima que tem realidade psicológica e valor operacional (HERNANDORENA, 1996, p. 14).

Segundo Hernandorena (1996, p. 13),

[...] no modelo de Chomsky e Halle (1968) o componente fonológico tem, como *input*, o fluxo da fala estruturalmente analisado e, como *output*, uma *representação fonética* dessa cadeia de fala. A representação fonética consiste em uma sequência de segmentos fonéticos, os quais são um conjunto de especificações de traços, isto é, de propriedades mínimas como “nasalidade”, “sonoridade” e outras. A representação fonológica consiste na *representação mental* dos itens lexicais, em que “conjuntos de especificações de traços fonológicos” podem manter uma correspondência unívoca ou não com o conjunto de traços fonéticos.

A representação fonética compõe uma sequência de segmentos fonéticos, que são um conjunto de especificações de traços, ou seja, propriedades mínimas como sonoridade, nasalidade e outras. O aspecto fonológico é a chave para a representação mental dos itens lexicais, em que os conjuntos de especificações de traços fonológicos podem manter uma correspondência unívoca ou não com o conjunto de traços fonéticos (HERNANDORENA, 1996, p. 13).

Massini-Cagliari (1992, p. 74) afirma que, para a fonologia gerativa:

a representação fonética de uma estrutura superficial é uma cadeia de segmentos ordenados linearmente. Cada segmento tem uma estrutura interna, ou seja, pode ser analisado como um conjunto de traços distintivos, que ora se referem a aspectos articulatórios e ora se referem a elementos perceptuais. A especificação de traços na representação fonológica é feita inteiramente através dos símbolos “+” e “-” (ex.: + baixo, - alto, + recuado, etc.).

Conforme Cagliari (2002, p. 88) declara, as características vêm descritas entre colchetes como os símbolos fonéticos, com a valência no início, como por exemplo [+vozeado] ou [-vozeado]. As propriedades com o sinal de (+) são marcadas e as com sinal de (-) são não marcadas. Para Cagliari (2002, p. 88),

[...] há implicações teóricas fortes que se baseiam no fato de certas regras atingirem elementos marcados ou não-marcados (teorias das marcas fonológicas). Em uma notação como [+sonoro] não se lê a valência (o sinal de +), mas se diz apenas *sonoro*. Na notação [-sonoro], por exemplo, diz-se *não-sonoro* ou *surdo*, não sendo costume dizer *menos sonoro*.

3.3 O surgimento da Fonologia Não Linear

As teorias fonológicas não lineares surgiram a partir da evolução da teoria fonológica gerativa padrão de Chomsky e Halle (1968), que propuseram a primeira formalização conceptualmente simples para representar generalizações linguísticas, a partir de uma matriz de traços binários (HERNANDORENA, 1996, p. 43).

A partir do modelo da fonologia gerativa padrão, foram surgindo outras teorias fonológicas, que têm como intuito uma reação à tradição do modelo de Chomsky e

Halle (1968). A partir das últimas décadas do século XX, a fonologia tem adotado uma visão não linear, uma vez que suas unidades de trabalho vão além dos limites do fonema e das matrizes de propriedades. Os elementos paradigmáticos dessas unidades acabaram tendo uma organização própria, com uma hierarquia bem estabelecida. Os diversos rumos que a fonologia tomou nos últimos tempos geraram a produção de diversos trabalhos nas áreas internas da Fonologia, ligados aos modelos Autossegmental, Lexical, Métrico e Prosódico.

Nesta dissertação, dentre os vários modelos de teorias não lineares, iremos focar apenas a Fonologia Autossegmental, especificamente a Geometria de Traços, pois esta é a teoria que embasa a análise e a discussão dos dados coletados (cf. seção 5).

3.3.1 A Fonologia Autossegmental - Geometria de Traços

Dialogando com o modelo gerativista anterior, a fonologia autossegmental passou a entender que o segmento apresenta uma estrutura interna, ou seja, que existe uma hierarquização entre os traços que o compõem. Segundo Clements e Hume (1995, p. 245), a teoria emergiu como um dos principais resultados da linguística na época, e tem proporcionado uma forte confirmação para a visão de que as línguas não variam sem limite, mas refletem um único padrão geral que está enraizado nas capacidades físicas e cognitivas da espécie humana.

Na Fonologia Autossegmental, a sílaba passa a ser um dos pontos principais de análise. Autores como Selkirk (1980), Harris (1983) e Hogg e McCully (1987) discutem a relação da sílaba com as representações fonológicas. Segundo Hogg e McCully (1987, p. 37), a representação da sílaba é estruturada conforme o modelo apresentado em (13).

Cagliari (1999, p. 9-10) afirma que a passagem da Fonologia Gerativa padrão para a Fonologia de Geometria de Traços ocorreu através de vários questionamentos e de propostas de novas abordagens para se lidar com velhos problemas. Para o autor, o nome Fonologia de Geometria de Traços deve-se à forma de compor e organizar os traços fonológicos em planos que lembram os modelos de geometria.

De acordo com Cagliari (1999, p. 10), a opção pela geometria de traços foi sendo criada a partir de uma reorganização das matrizes nas regras da Fonologia Gerativa. A forma de agrupar traços em classes e de estabelecer restrições entre eles gerou a necessidade de uma Geometria de Traços. Como resultado, surgiram as *árvores de traços*.

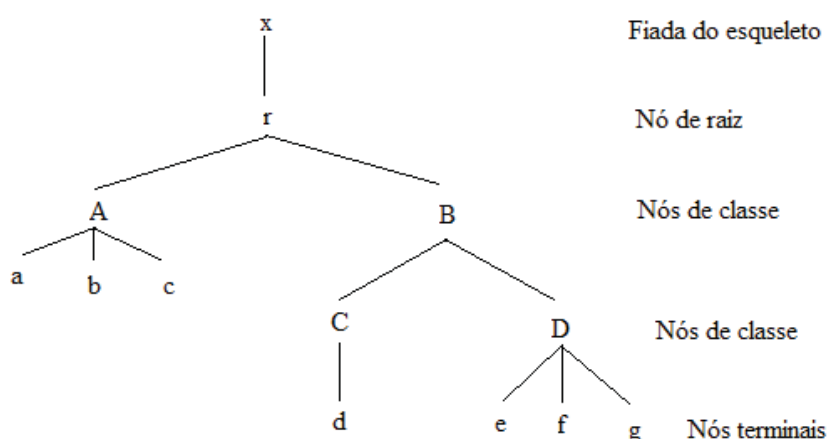
Segundo Clements e Hume (1995, p. 249):

[...] a general model of feature organization has been proposed in which features that regularly function together as a unit in phonological rules are grouped into constituents [...]. In this approach, segments are represented in terms of hierarchically-organized node configurations whose terminal nodes are feature values, and whose intermediate nodes represent constituents.²⁵

O fato de a Geometria de Traços apresentar um modelo com os traços hierarquizados poderia indicar que os traços são tratados de maneira derivacional à moda da sintaxe. No entanto, não é isso que ocorre. A Fonologia da Geometria de Traços lida com os traços fonológicos, mapeando os elementos e os processos. Por isso, ampliou a abrangência de sua ação além dos segmentos. As linhas de associação conectam traços que podem ser atribuídos a mais de um segmento, como ocorre em casos de harmonia vocálica, nasalização, ditongos, segmentos geminados, longos, africados, etc. (CAGLIARI, 1997, p. 11).

A geometria de traços pretende simular a organização das representações sonoras/fonêmicas da língua (C e V). Abaixo, podemos observar a configuração da geometria em um diagrama arbóreo (CLEMENTS; HUME, 1995, p. 249), processo que possibilita expressar a naturalidade dos processos fonológicos que ocorrem nas línguas do mundo.

(25)



²⁵ “[...] um modelo geral de organização de traços foi proposto no qual os traços que regularmente funcionam juntos como uma unidade nas regras fonológicas estão agrupados em classes de traços [...]. Nesta abordagem, os segmentos são representados em termos de configurações de nós organizados hierarquicamente cujos os nós terminais são valores de traços, e cujo nós intermediários representam as classes de traços.” (Tradução nossa)

No diagrama acima, o *nó de raiz* é de onde saem todos os galhos, sendo considerado uma unidade abstrata de tempo (x); os *nós de classe* são os que dominam os grupos de elementos que funcionam como unidades ou classes naturais. Os nós C e D são irmãos e ambos são dependentes de B. Os *nós terminais* (a, b, c, e, f, g) são traços fonológicos. Nesta geometria, os segmentos são representados com uma organização interna, que se mostra com *nós* hierarquicamente organizados.

Goldsmith (1976, 1991) criou os níveis (“tiers”) para que os tons ficassem autossegmentados em níveis próprios, com seus processos atuando de forma específica. Cada nível liga-se a outros, através de linhas de associação, processo que age com algumas restrições, como o Princípio de Não Cruzamento de Linhas. Ou seja, duas propriedades (nós terminais) ou dois nós estruturais idênticos e contíguos são também proibidos. Para evitar isso, usa-se apenas uma especificação autossegmental e, com linhas de associação, juntam-se a ela dois segmentos na parte nuclear que reúne os níveis, também chamado de esqueleto, onde se encontra a especificação fonológica dos segmentos como unidades de tempo (x) ou como C (consoantes) e V (vogais) (CAGLIARI, 1997, p. 10).²⁶

Sobre os traços fonológicos, Mateus e d’Andrade (2000, p. 24) afirmam que:

*The geometrical organization of features [...] implies that: terminal features are grouped into class nodes; these nodes are located in separate tiers which, at the upper level, are directly linked to a root node; each root node is connected to a position in a separate tier, called skeleton, which consist of a sequence of abstract time units; positions on this skeleton are marked by an X.*²⁷

Abaixo podemos observar como é organizado um diagrama arbóreo:

²⁶ Este assunto foi discutido na subseção 3.1.1, quando se discutiu a constituição silábica das consoantes geminadas.

²⁷ “A organização geométrica dos traços [...] implica que: traços terminais são agrupados em nós de classe; esses nós estão localizados em camadas distintas que, no nível superior, estão diretamente conectadas a um nó-raiz; cada nó-raiz está ligado a uma posição em uma camada distinta, chamada esqueleto, que consiste em uma sequência de unidades de tempo abstratas; as posições nesse esqueleto são marcadas por um X.” (Tradução nossa)

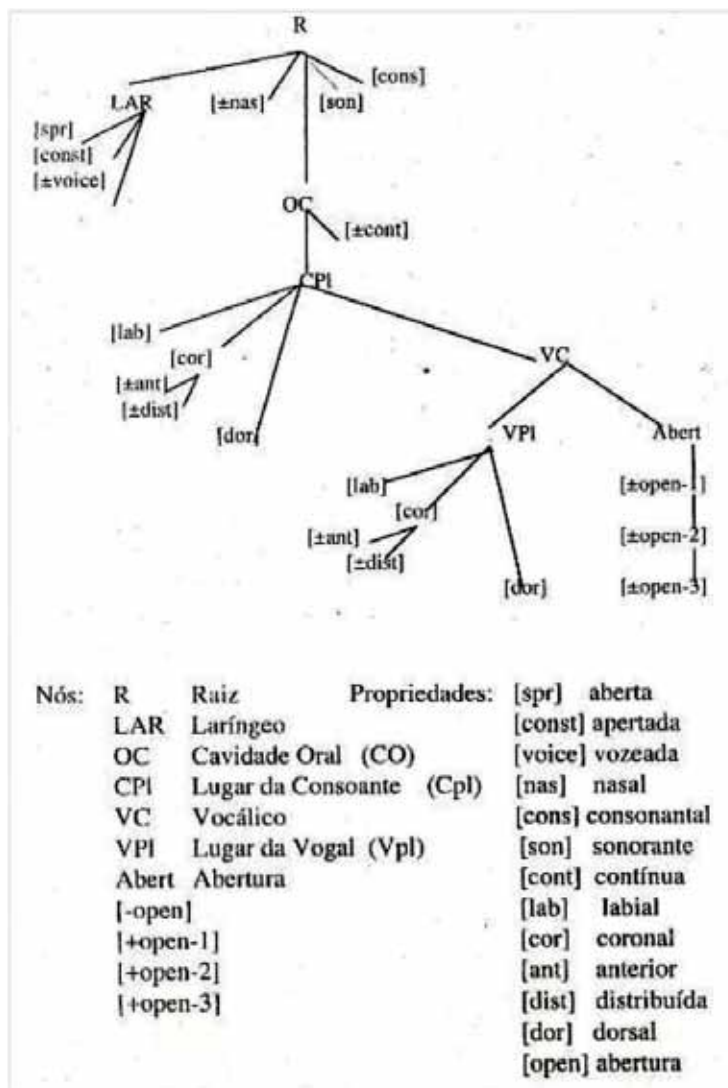


Figura 8. Modelo de geometria de traços proposto por Clements (1985) (CAGLIARI, 2002, p. 126).

Segundo Cagliari (1997, p. 19), a geometria de traços propõe representar todos os processos fonológicos que ocorrem nas línguas naturais, ou seja, este modelo de fonologia está profundamente comprometido com a realidade fonética em todos os seus aspectos. Clements e Hume (1995, p. 250-251) dizem que a organização dos traços é determinada universalmente.

O modelo opera apenas com um pequeno conjunto de processos fonológicos com os quais, a partir da representação da forma básica subjacente dos morfemas, chega-se à forma fonética da superfície. Apresentamos abaixo os processos mais importantes descritos a partir da geometria de traços (CAGLIARI, 1997, p. 20).

- assimilação ou espraiamento: um segmento liga-se a outro levando um traço de um segmento para outro.

- desligamento: um segmento perde um conjunto de traços ou um traço. A linha de associação é cortada em um devido lugar.

- fissão: um nó da raiz é partido ou um elemento do esqueleto (x ou C, V) para surgir uma autossegmentação da geometria de outro elemento unido.

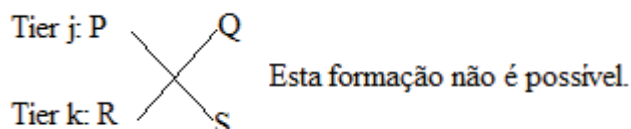
- fusão: juntam-se dois elementos do esqueleto num único nó de raiz.

Além disso, há outros processos tais como: desassimilação, inserção, apagamento, metátese, redução, fortalecimento, harmonia vocálica, alongamento, formação de articulação secundária, alçamento vocálico, abaixamento, etc.

A representação da aplicação dos processos através de regras deve seguir os princípios da fonologia autossegmental, que impõem limites que decorrem das propriedades estruturais das representações:

1) **Princípio de não cruzamento de linhas de associação:** proíbe que se faça uma linha de associação cruzar outra dentro de um mesmo plano. Esta condição preserva a linearidade dos nós e traços com relação às unidades de tempo do esqueleto (CAGLIARI, 1997, p. 21). Veja o exemplo abaixo:

(26)



2) **Princípio do contorno obrigatório:** proíbe elementos adjacentes idênticos num mesmo plano. Se isso ocorrer, ou tem-se uma geminada ou um processo de assimilação (CAGLIARI, 1997, p. 21).

3) **Restrição de ligação:** as linhas de associação em descrições estruturais são interpretadas exhaustivamente. Essa restrição limita a aplicação de uma regra da forma na qual é representada, de modo que, se contiver uma só linha de associação, fica bloqueada em contextos de ligação dupla e vice-versa (cf. Hayes, 1986, p. 331).

Portanto, podemos observar as características do modelo da Fonologia da Geometria de Traços e notar algumas informações relevantes sobre a representação dos segmentos e como os processos fonológicos são descritos a partir desta teoria.

3.3.1.1 A subespecificação

Um assunto importante para a Fonologia Gerativa é saber se todos os traços que caracterizam um dado segmento devem ou não ser incluídos em uma matriz fonológica. O termo subespecificação é usado na teoria fonológica para fazer referência à omissão, na estrutura subjacente, de traços deriváveis. Segundo a fonologia gerativa, apenas os traços distintivos devem ser listados; os traços redundantes, isto é, deriváveis, devem ser omitidos.

Segundo Cagliari (1999, p. 19), a subespecificação age primeiramente no nível fonético, mas pode ter sua ação também nos níveis fonológico e lexical. Para o autor, as características idiossincráticas de uma pronúncia são um fato relevante foneticamente, porém não fonologicamente, ou seja, “há fatos fonéticos que são levados em conta na fonologia, mas, como não apresentam oposições fonológicas, podem ficar fonologicamente sub-especificados”.

De acordo com Cagliari (1999, p. 19), esse tipo de regra ou de restrição é determinada pela Gramática Particular de uma língua. Para o autor, “quando se diz que as vogais são sub-especificadas quanto ao vozeamento, esta regra ou restrição é controlada pela GU porque tal fato aplica-se a todas as línguas do mundo”.

A representação fonológica dessa regra nem sempre é feita através de árvore de traços, mas sim do modo tradicional (tipo SPE – com modificações) (CAGLIARI, 1999, p. 20). Abaixo, há exemplo de uma regra derivacional que se aplica com o *status* de uma regra *default*:

(27)
 [-son] --- [-gl abert]
 [-son] --- [-voz]
 [+son] --- [+voz]

3.3.1.2 O status fonológico dos arquifonemas

O estudo do arquifonema é relevante para o desenvolvimento desta pesquisa, uma vez que, observando a coleta de dados das fricativas na posição de coda nas CSM,

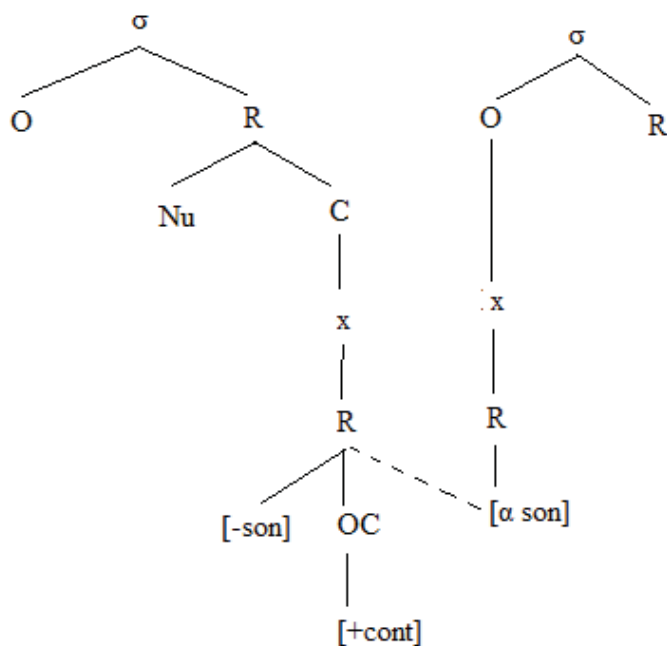
verificamos que nesta posição pode ocorrer arquifonema. Esta teoria sustentará as análises dos dados que serão apresentados posteriormente (cf. seção 5).

Segundo Cagliari (1997, p. 31), a fonologia estruturalista interpretava como arquifonemas os fonemas neutralizados, ou porque os mesmos acabavam em distribuição complementar ou em variação livre em um determinado contexto ou porque um dos pares de oposição não ocorria em um ambiente.

Na fonologia gerativa não existe a noção de arquifonema. Porém, o que foi reconhecido como arquifonema desde a fonologia estruturalista possui um *status* fonológico diferente. Assim, o que, na fonologia estruturalista, é chamado de arquifonemas, na Geometria de traços são segmentos autossegmentados de forma muito simplificada, uma vez que, através de processos fonológicos apropriados, completarão a autossegmentação (CAGLIARI, 1997, p. 32).

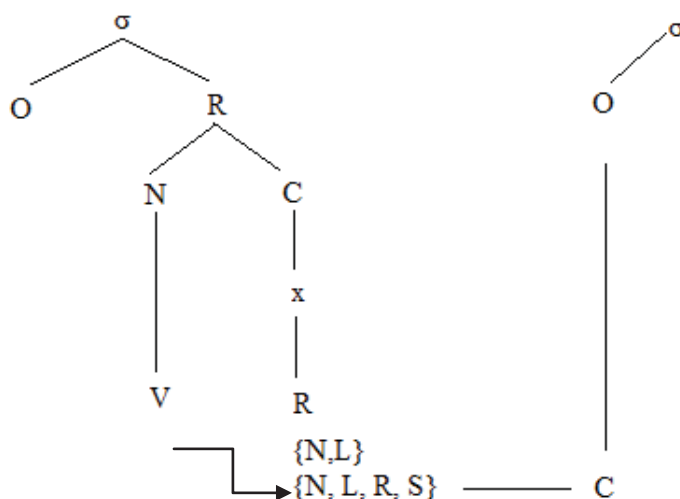
Abaixo temos o exemplo de um processo fonológico (CAGLIARI, 1997, p. 33) dessa natureza: “O /S/ ocorrerá foneticamente como uma fricativa alveolar ou palatoalveolar, dependendo do dialeto. A sonoridade virá via espraio do segmento seguinte” (CAGLIARI, 1997, p. 33):

(28)



Abaixo temos o exemplo do *status* fonológico dos arquifonemas, dentro do modelo de Geometria de Traços (CAGLIARI, 1997, p. 33). Cagliari afirma ainda que os segmentos /N, L, R, S/ no português podem sofrer queda em certos contextos e em certos dialetos, uma vez que todos participam de regras de juntura intervocabular, tipo de sândi. (CAGLIARI, 1997, p. 34).

(29)



3.4 Considerações Finais

Buscamos mostrar, nesta seção, as teorias que serão adotadas nas análises desenvolvidas nesta pesquisa, sendo elas: a teoria estruturalista de Pike (1947), segundo a leitura que dele faz Cagliari (2002), e as teorias fonológicas não lineares, especialmente o modelo de Geometria de Traços (CLEMENTS e HUME, 1995; para o PB, Cagliari, 1998a). Fizemos um breve histórico sobre o estudo das sílabas e sua importância dentro das teorias. Mostramos também que, na fonologia estruturalista, a sílaba é interpretada como organizadora da adjacência dos segmentos e que a fonologia gerativa padrão propõe-se a formalizar as oposições e as distribuições presentes nos sistemas sonoros de maneira a expressar as generalizações atestadas empiricamente, deixando de lado o conceito de “sílaba”. Já os modelos posteriores, não lineares, consideram a sílaba como formada por constituintes hierarquizados, visão que será adotada nesta dissertação.

4 Apresentação da metodologia e dados quantitativos

Esta seção tem o intuito de apresentar a metodologia empregada para o desenvolvimento desta pesquisa e exemplificar como foi realizada a coleta de dados no *corpus* apresentado na seção 1. A metodologia consiste na coleta, na quantificação e na análise das fricativas sibilantes.

4.1 Metodologia utilizada e quantificação dos dados

A metodologia utilizada baseia-se na observação da possibilidade (ou não) de variação gráfica na representação das consoantes e na consideração da possibilidade (ou não) de rima entre palavras específicas para determinar sua possível realização fonética naquela época. Foram utilizados glossários e dicionários, especialmente o glossário de Mettmann (1972) e o rimário de Betti (1997), objetivando checar as rimas presentes nas CSM.

Como exemplo, podemos observar que, na vigésima terceira estrofe da CSM 411, aparecem os seguintes versos:

(30)

Tanto ll' esto mostraron | e per tantas **razões**,
 que lles respos chorando: | "Pois que vos praz, **varões**,
 farei vosso consello; | mais, por Deus, **compannões**,
 guardade-mi os gãados | en aquesta mallada."
Bẽito foi o dia | e benaventurada...

Neste exemplo, foram realçadas em negrito, as palavras **razões/varões/compannões**, que trazem grafemas relativos a fricativas sibilantes em posição de coda silábica, todos grafados da mesma maneira e rimando entre si (o que indica que soavam da mesma forma, naquela época).

As rimas das cantigas medievais forneceram, para o desenvolvimento deste estudo, pistas satisfatórias a respeito da realização fonética da época, em um momento passado da língua que não possui registros de falantes nativos vivos. A partir das rimas das CSM foi possível obter informações a respeito das fricativas sibilantes do PA.

Para análise da relação entre letras e sons nas CSM foi indispensável um estudo detalhado sobre as consoantes, conforme vimos na seção 2 deste trabalho. Foram

consultadas as gramáticas históricas do português e os estudos específicos sobre o PA, como os trabalhos de Maia (1997[1986]), Mattos e Silva (2006), Teyssier (1987), Gonçalves e Ramos (1985) e Pinheiro (2004); também foram estudadas as fricativas sibilantes anteriores e posteriores ao período do PA.

Sobre tal estudo Maia (1997 [1986], p. 304 e 305) afirma:

Para interpretar corretamente os textos antigos no que se refere às relações entre grafemas e fonemas, pode distinguir, em muitos casos, uma grande ajuda o conhecimento do estado fonológico moderno, embora seja necessário ter constantemente presente que o que importa é pôr em relação os grafemas com os fonemas da época a que os textos se referem e não com os fonemas actuais. Por outro lado, é também extremamente útil o recurso ao testemunho de gramáticos coevos ou de época ligeiramente posterior, constituindo as suas observações um útil marco de referência no processo evolutivo da língua. Algumas vezes, para esclarecer dúvidas concretas, os textos poéticos da época fornecem alguns dados, sobretudo no que se refere às formas que, pelo facto de aparecerem em rima, nos oferecem informações bastante seguras sobre certos aspectos da pronúncia desse período.

No entanto, esta pesquisa seguiu um caminho inverso do que foi descrito acima por Maia (1997[1986]), pois partimos das rimas dos textos poéticos para obter as informações sobre a realização fonética naquela época. Portanto, as rimas foram utilizadas como ponto de partida para o estudo das fricativas sibilantes do PA.

A coleta de dados no *corpus* deste estudo possibilitou o mapeamento das fricativas sibilantes (grafadas por <s>, <z> e <x>, <c>, <ç>, <sc>, <ss>) nas cinquenta primeiras CSM. Todas as palavras contendo grafemas representativos de fricativas foram mapeadas e analisadas, conforme a posição das consoantes representadas por esses grafemas específicos na sílaba. Desta forma, foram mapeados os grafemas representativos de fricativas que ocorrem em cada posição silábica, levando-se em consideração, também, a posição da sílaba na palavra (se inicial, medial ou final).

Abaixo, como ilustração, podemos observar exemplos dos procedimentos de mapeamento dos dados utilizados nesta pesquisa. As palavras que possuem grafemas representativos de fricativas sibilantes estão grafadas em negrito:

(31) Fragmento da cantiga de número cinco (CSM 5):²⁸

A **Emperadriz**, que non **vos** era de **coraçon rafez**,
 com´aquela que tanto mal **sofrera** e non hũa **vez**,
 tornou, con coita do mar e de fame, negra come **pez**;
mas en dormindo a Madre de **Deus** direi-**vos** que lle **fez**:
 tolleu-ll´a fam´ e deu-ll´hũa erva de tal **prez**,
 con que **podesse** os **gaffos todos guarecer**.
Quenas coitas deste mundo ben quiser soffer...

(32) Fragmento da cantiga de número seis (CSM 6):²⁹

O menỹ ´a maravilla | er´ **apost´ e fremoso**,
 e d´ aprender quant´ oya | era muit´ **engõoso**;
 e **demais** tan ben cantava, | tan **manss´** e tan **saboroso**,
 que **vencia quantos** eran | en **ssa** terr´ e alende.
 A que do bom rei Davi...

(33) Fragmento da cantiga de número oito (CSM 8):³⁰

Mas a dona **sen** tardar
 a Madre de **Deus** rogar
 foi; e, come quen **sonna**,
Santa Maria tirar
 lle **fez** o fill´ e criar
 lo mandou en **Sanssonna**.
Santa Maria amar...

Depois de mapeadas as ocorrências de fricativas sibilantes nas cinquenta primeiras CSM, conforme os procedimentos descritos acima, foram elaborados quadros em que as consoantes sibilantes foram divididas em posição de *onset* e coda, e foram feitas tabelas, estabelecendo todas as ocorrências.

Foram coletadas 7.156 ocorrências de fricativas sibilantes. Abaixo, encontra-se a tabela com a quantificação dos dados referentes às posições de *onset* e de coda.

²⁸ Apresentamos os versos de 124 a 130, de um total de 186 versos da cantiga.

²⁹ Apresentamos os versos de 17 a 21, de um total de 91 versos da cantiga.

³⁰ Apresentamos os versos de 41 a 47, de um total de 60 versos da cantiga.

Tabela 1: Quantificação das ocorrências nas consoantes fricativas mapeadas no *corpus*.

<i>Consoantes sibilantes</i>	<i>Quantidades (percentual)</i>
<i>Onset</i>	3.636 (51%)
Coda	3.520 (49%)
<i>Total</i>	7.156 (100%)

Analisando os dados, verificamos que as fricativas sibilantes em posição de *onset* apresentam um total de 3.636 (51%) ocorrências e, em posição de coda, 3.520 (49%) ocorrências. Segundo Selkirk (1982) e Hogg e McCully (1987), o *onset* é a posição inicial da sílaba e, por isso, a menos sonora, ou seja, ocupada, preferencialmente, pelas consoantes hierarquicamente mais baixas em relação à escala de sonoridade.³¹ Por sua vez, a coda é a posição de travamento silábico e, na maioria das vezes, é ocupada por consoantes mais sonoras e, para alguns autores como Câmara Jr. (1989[1970]) e Bisol (1999), pelo glide (semivogal).

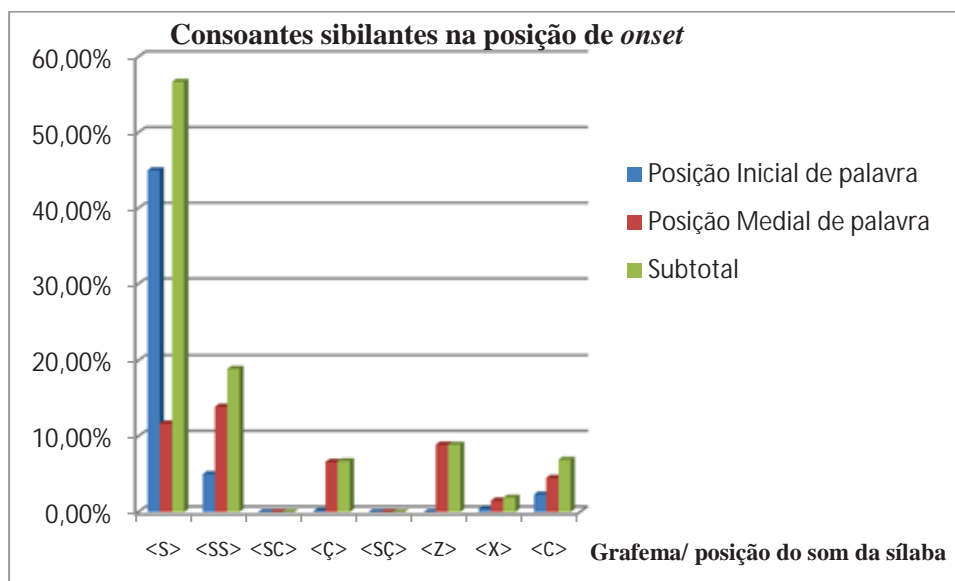
Depois de mapeadas as ocorrências das fricativas sibilantes, foram elaboradas tabelas e gráficos especificando as ocorrências dos grafemas <s>, <z>, <x>, <c>, <ç>, <sc> e <ss> em posição de *onset* (início e meio de palavra) e em posição de coda (meio e fim de palavra), possibilitando uma análise mais detalhada de cada grafema em relação ao posicionamento silábico e à quantificação.

Analisando os dados abaixo, verificamos que, na posição de *onset*, o grafema <s> apresenta maior número de ocorrências, 2.064 (56,7%), sendo 1.637 (45%) em posição inicial de palavra e 427 (11,7%) em posição medial. Já os grafemas <sç> e <sc> não apresentaram ocorrências.

³¹ Segundo Ladefoged (1975), a escala de sonoridade estabelece a seguinte hierarquia para os segmentos em uma escala de [- soante] a [+ soante]: consoantes oclusivas e fricativas surdas < oclusivas sonoras < fricativas sonoras < nasais e laterais < trills e tepe < vogais fechadas < vogais médias < vogais abertas. Em resumo, a escala de sonoridade tem a seguinte configuração: obstruintes < líquidas e nasais < vogais.

Tabela 2: Consoantes sibilantes em posição de *onset*.

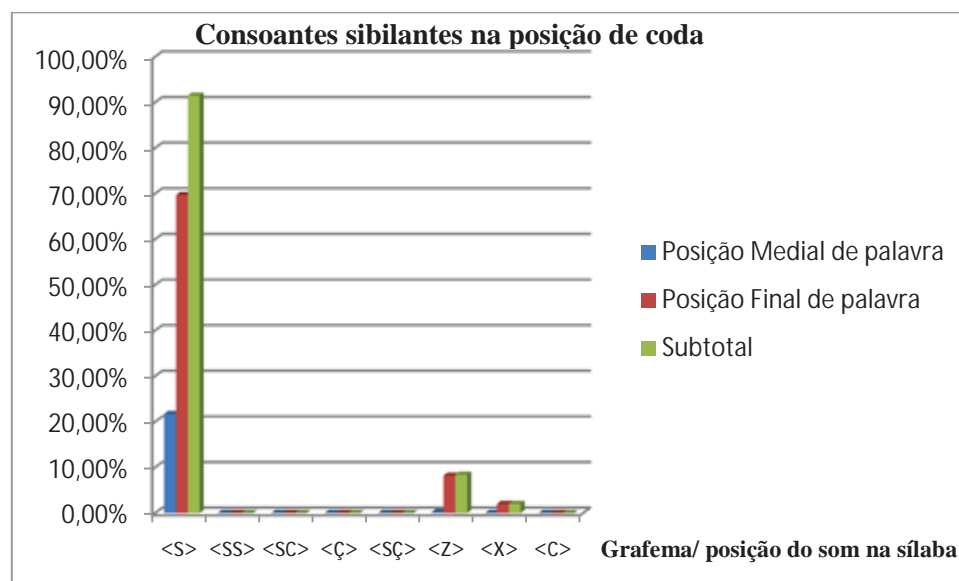
<i>Grafema/ posição do som na sílaba</i>	<i>Posição Inicial de palavra</i>	<i>Posição Medial de palavra</i>	<i>Subtotal</i>
<s>	1637 (45%)	427 (11,7%)	2.064 (56,7%)
<ss>	182 (5%)	508 (13,9%)	690 (18,9%)
<sc>	0	0	0
<ç>	1 (0,1%)	240 (6,6%)	241 (6,7%)
<sç>	0	0	0
<z>	0	325 (8,9%)	325 (8,9%)
<x>	14 (0,4%)	54 (1,5%)	68 (1,9%)
<c>	83 (2,3%)	165 (4,5%)	248 (6,9%)
Subtotal	1.917 (53%)	1.719 (47%)	3.636 (100%)

**Gráfico 1.** Consoantes sibilantes na posição de *onset*.

Conforme podemos observar na tabela 3 e no gráfico 2, abaixo, com a distribuição de porcentagens referentes à posição de coda, foram encontrados os grafemas <s>, <x> e <z>, como nas palavras *poys*, *quix* e *diz*.

Tabela 3: Consoantes sibilantes em posição de coda.

<i>Grafema/ posição do som na sílaba</i>	<i>Posição Medial de palavra</i>	<i>Posição Final de palavra</i>	<i>Subtotal</i>
<s>	766 (21,7%)	2.455 (69,7%)	3.221 (91,5%)
<ss>	0	0	0
<sc>	0	0	0
<ç>	0	0	0
<sç>	0	0	0
<z>	7 (0,2%)	290 (8,2%)	297 (8,4%)
<x>	0	2 (0,1%)	2 (0,1%)
<c>	0	0	0
Subtotal	773 (22%)	2.747 (78%)	3.520 (100%)

**Gráfico 2.** Consoantes sibilantes na posição de coda.

Em seguida, dentro desta perspectiva, a análise dos resultados é feita no interior do quadro teórico inaugurado pelas teorias fonológicas não lineares, em especial o modelo de geometria de traços (CLEMENTS; HUME, 1995) - para o PB, Cagliari (1998). Para estabelecer se há ou não oposição entre os sons representados pelos

grafemas focalizados, a abordagem inicial dos dados será tomada a partir do modelo estruturalista de Pike (1947), segundo a leitura que dele faz Cagliari (2002).

A descrição da relação entre letras e sons com relação às grafias possíveis da lírica medieval é um tema inexplorado no que diz respeito à consideração da posição da sílaba, em uma abordagem não linear.

A partir dos exemplos expostos acima, tanto na posição de *onset* quanto na posição de coda, foi possível obter informações sobre a realização fonética das fricativas sibilantes do português, partindo de dados da escrita, uma vez que consideramos também informações de outra natureza, tais como a natureza das rimas possíveis.

O estudo das rimas forneceu pistas importantes para entendermos a realização fonética das fricativas sibilantes. Ao analisarmos as rimas das CSM, verificamos que os grafemas <s>, <x> e <z> aparecem em posição de coda, como nas palavras *luz*, *cruz*, *aduz*, *quis* e *quix*. No exemplo abaixo, podemos observar que as ocorrências do grafema <z> em posição de coda silábica estão grafadas de maneira igual e rimando entre si, fato que indica que soavam da mesma forma:

(34) Fragmento da cantiga de número trinta e seis (CSM 36):³²

E poy-ll'ouveron conprada, | un dia ante da **luz**
 moveron do porto Dovra; | mais o que morreu na **cruz**,
 querendo vingar sa Madre, | fez com'aquele que **aduz**
 gran poder de meter medo | que ll'ajan de correger
O que a Santa Maria | der algo ou prometer...

Observamos também, nos exemplos abaixo, que *quis* e *quix* apresentam diferentes grafias da mesma palavra. Pode-se afirmar que essas diferenças de escrita pressupunham algumas variantes fonéticas, como a diferença de ponto de articulação entre <s> e <x>. No entanto, como poderá ser visto adiante, a diferença de região articulatória entre <s> e <x> só tem sido atestada em posição de *onset* e não na posição de coda silábica, o que nos leva a afirmar que a representação fonológica mais provável para esta palavra é /kiS/.

³² Apresentamos os versos de 115 a 119, de um total de 134 versos da cantiga.

(35) Fragmento da cantiga de número cinco (CSM 5):³³

Per nulla ren que ll'ó Emperador dissesse, nunca **quis**
 a dona tornar a el; ante lle disse que fosse fis
 que ao segre non ficaria nunca, par San Denis,
 nen ar vestiria pano de seda nen pena de gris,
 mas hũa cela faria d'obra de Paris,
 u se metesse por mays o mund'avorrecer.
Quenas coytas deste mundo ben quiser sofrer...

(36) Fragmento da cantiga de número oitenta e quatro (CSM 84):³⁴

E daquest'un gran miragre | oyd'ora, de que fix
 un cantar da Virgen santa, | que eu dun om'aprix,
 e ontr'os outros miragres | porende mete-lo **quix**,
 porque sei, se o oyrdes, | que vos valrrá un sermon.
O que en Santa Maria | crever bem de coração...

Ainda em relação às rimas das CSM foi possível verificar que, no início de sílaba, aparecem os grafemas <s>, <z>, <c>, <ç> e <ss>. A partir da possibilidade de rima entre fricativas grafadas de maneira diferente na posição de início de sílaba, pode ser verificada a correspondência dos grafemas <s> e <ss> a um único fonema (que figura, no caso, no mesmo morfema de pretérito imperfeito do subjuntivo), no exemplo abaixo:

(37) Fragmento da cantiga de número trinta e nove (CSM 39):³⁵

E como quer o fogo **queimasse**
 en redor da omagen quant'**achas[s]e**,
 Santa Maria non quis que **chegasse**
 o fum'a ela, nena caentura.
Torto seria grand'e desmesura...

No exemplo acima, notamos, a partir da edição de Metmann (1986a, p. 156), que acrescentou um [s] à palavra “achase”, que os grafemas <s> e <ss> referem-se ao

³³ Apresentamos os versos de 180 a 186, de um total de 186 versos da cantiga.

³⁴ Apresentamos os versos de 6 a 10, de um total de 75 versos da cantiga.

³⁵ Apresentamos os versos de 15 a 19, de um total de 39 versos da cantiga.

mesmo fonema (/s/, no caso), porque aparecem em palavras que rimam entre si. Como mostra a figura 9, abaixo, que traz o testemunho desse trecho específico da cantiga CSM39 no códice dos músicos (E39), é este o testemunho seguido por Mettmann para a sua edição. Porém, como mostram as figuras 10 e 11, que trazem o testemunho da mesma cantiga nos códices de Toledo e Escorial rico, respectivamente, nesses manuscritos, a palavra “achasse” já se encontra grafada com <ss>.

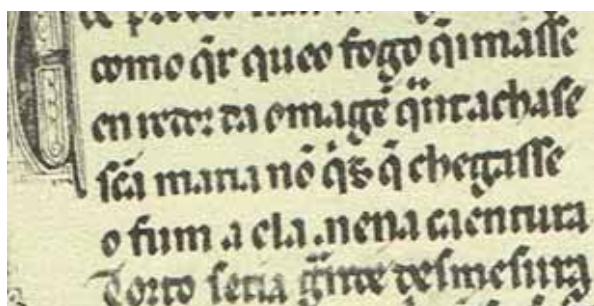


Figura 9. Terceira estrofe de CSM39 em E39 (ANGLÉS, 1964, p. 62r).

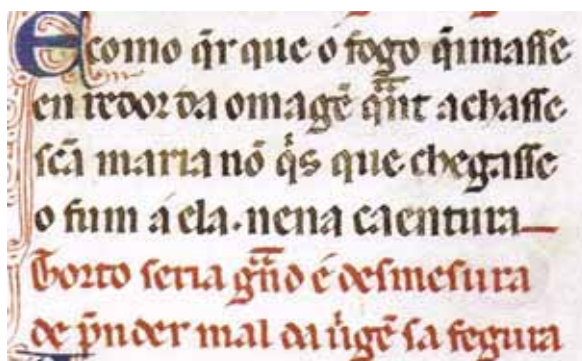


Figura 10. Terceira estrofe de CSM39 em To53 (Edición facsímile do Códice de Toledo, 2003, f. 57r).

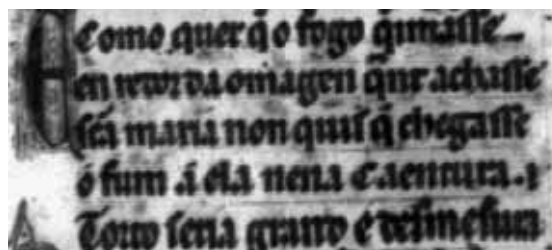


Figura 11. Terceira estrofe de CSM39 em T39 (microfilme, f. 58r).

No exemplo a seguir, não dá para ter certeza de que <ç> e <ss> representam o mesmo som porque a rima aguda, entre palavras oxítonas, incide a partir da vogal tônica, desconsiderando a consoante do *onset* silábico.

(38) Fragmento da cantiga de número vinte e quatro (CSM 24):³⁶

E pois fazia **oraçon**,
ya comprir seu mal enton;
poren morreu sem **confisson**,
per sua malandança.
Madre de Deus, non pod'errar / quen en ti á fiança

Por sua vez, o exemplo (39) traz ocorrências de <ss> e <c> em posição de início silábico. Entretanto, como o esquema rimático da estrofe é cdcdddbddbAABAAB, não é possível verificar se <ss> e <c> se referem ao mesmo fonema, porque não há rima entre os versos em que as palavras em questão ocorrem. Entretanto, é possível comprovar que todas as palavras grafadas com <c> referem-se à mesma consoante fricativa, porque todas rimam entre si.

(39) Fragmento da cantiga de número vinte (CSM 20):³⁷

E ar todavia
sempre' estás lidando
por nos a perfilha
o dem'arrancando,
que, sossacando,
nos vai tentando
con sabores **rafeces**;
mas tu guardando
e anparando
nos vas, poi-lo **couseces**.
Virga de Jesse,
[quen te soubesse
loar como mereces,
e sen ouvesse
per que dissesse
quanto por nos padeces!]

³⁶ Apresentamos os versos de 19 a 23, de um total de 63 versos da cantiga.

³⁷ Apresentamos os versos de 19 a 29 e 2 a 7, de um total de 51 versos da cantiga.

4.2 Considerações finais

Ao final desta seção, podemos concluir, por meio dos exemplos apresentados, que a metodologia utilizada neste trabalho se mostra eficaz e adequada para tentarmos definir a variação gráfica na representação das consoantes fricativas sibilantes e na consideração da possibilidade de rima entre essas palavras específicas para determinar sua possível realização fonética de um período da língua que não temos contato com falantes nativos. Sendo assim, passaremos agora para a interpretação e a análise das fricativas sibilantes nas CSM.

5 Interpretação e análise das fricativas sibilantes nas CSM

Nesta seção, iremos discutir os dados obtidos na coleta feita das cinquenta primeiras CSM. Apresentaremos o sistema das consoantes fricativas empregado pelos trovadores que compuseram as cantigas religiosas em galego-português, e serão analisadas todas as ocorrências de fricativas sibilantes encontradas no *corpus*. Posteriormente, serão estudadas as rimas para a análise das sibilantes no PA, pois, analisando os grafemas, podemos afirmar se podiam alterar graficamente ou rimar entre si ou não e estabelecer se havia ou não oposição entre os grafemas representados.

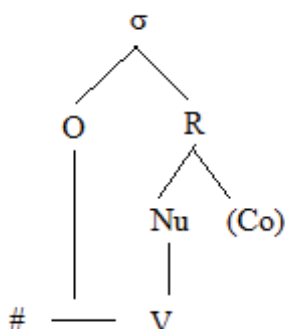
Por fim, faremos a análise das fricativas sibilantes sob a perspectiva do modelo da geometria de traços, ou seja, vamos especificar os traços distintivos das consoantes e fazer a árvore da geometria de traços para cada uma delas.

5.1 Apresentação e análise dos dados das CSM em posição de *onset*

5.1.1 Sibilantes em onset em posição inicial de palavra

Nesta subseção, iremos analisar as ocorrências das sibilantes em *onset* em posição inicial de palavra mapeadas no *corpus*, que correspondem ao contexto representado no exemplo abaixo:

(40)



Na escrita do *corpus* analisado, encontramos, na posição de *onset* inicial, os seguintes grafemas: <s>, <ss>, <ç>, <x> e <c>, conforme podemos observar no quadro abaixo:

Representação gráfica	Contexto	Exemplos
<s>	início de sílaba seguido de uma vogal	Sennor, Santa, soffrer, seja
<ss>		ssa, ss'ergia, ss'afogar, foi-ss'ó, foi-sse
<ç>		çopos
<x>		xe, era-xe, x'ant', x'ante
<c>		cevada, ceo, cidade

Quadro 6. Sibilantes em *onset* em posição inicial de palavra.

Como podemos observar no quadro, o grafema <s> ocorre em contexto de início de sílaba seguido de vogal, como é o caso de *Sennor* [CSM A, v.18], *Santa* [CSM 2, v.4], *soffrer* [CSM 5, v.3], *seja* [CSM 17, v.74]. Encontramos o grafema <ss> em início de palavra seguido de vogal, *ssa* [CSM 11, v.64], *ss'ergia* [CSM 11, v.82], *ss'afogar* [CSM 13, v.15]. O grafema <ç> foi encontrado em início de palavra seguido de vogal, como em *çopos* [CSM 37, v.18]. Por fim, os grafemas <x> e <c> encontrados também são seguidos de vogais, como por exemplo, as palavras *xe* [CSM 4, v.55], *cidade* [CSM 5, v.162].

Há diversos autores que discutem a oposição das fricativas, entre os quais Gonçalves e Ramos (1985, p. 103-104), que afirma que as fricativas sibilantes <s-, -ss-, -s> precedidas de consoantes, ficam apenas com o som de /s/, como em *sennor* > *saber*, *dissesse*, *sanssona*, *siso*.

Para Said Ali (1905), o grafema <s>, no começo da palavra, representa sempre o som de [s], como em *sofrer*, *santa*, *Sennor*. Pinheiro (2004) também aborda essa questão e afirma que esse grafema geralmente está em início de palavras e com som de /s/, como em *sagrada* e *santo*, encontradas no *corpus* das CSM. Said Ali (1905, p. 8) afirma ainda que o <c> inicial antes de <e, i (y)> é escrito em casos oriundos do latim ou grego, pois imita a escrita latina, como por exemplo: *cevada* [CSM 1, v.30], *ceo* [CSM 1, v.78], *cidade* [CSM 5, v.162]. Por sua vez, Toledo Neto (1996) apresenta os tipos de variação que ocorrem entre os grafemas <c>, <ç>, <s> em posição inicial absoluta, como em *ceo*, *çegar*, *seguo*, *seguos*.

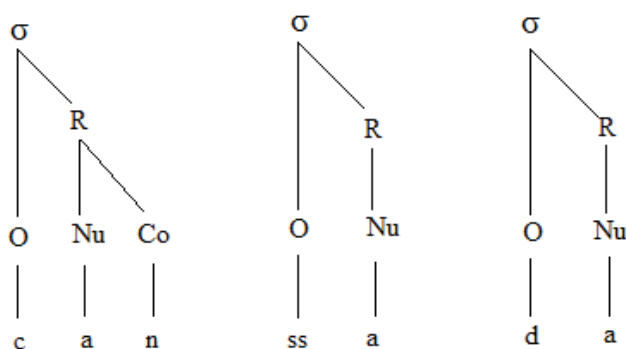
Pinheiro (2004) afirma que os grafemas <s>, <ss>, <c>, <ç>, <x> e <z> aparecem em posição de *onset* simples, sendo que <s> geralmente está em início de palavras e com som de /s/, como nos dados mapeados no *corpus* desta Dissertação: *Sennor* [CSM A, v.18], *Santa* [CSM 2, v.4] e *soffrer* [CSM 5, v.3]. No meio de palavras,

este mesmo grafema aparece com som de /z/; é o que ocorre também nos dados que mapeamos nas CSM: *quiser* [CSM 5, v.3], *pesar* [CSM 5, v.58]. A autora afirma ainda que os grafemas <ç> e <c>, com realização [s] ou [ts], aparecem sempre em posição de *onset* simples. Portanto, para a autora, em todos os exemplos a seguir, a consoante representada por <ç> ou <c> poderia ser realizada foneticamente ou como [s] ou como [ts]: *ceosa* [CSM 42, v.5], *celestial* [CSM 42, v.90], *certeira* [CSM 43, v.13], *cera* [CSM 43, v.21], *Cezilla* [CSM 19, v.43]. Já o grafema <ss> aparece predominantemente em posição de *onset* simples em meio de palavras, como em *consselho*, mas algumas vezes aparece em início, como em *sse* (PINHEIRO, 2004, p. 69); tal ocorrência pode ser exemplificada com dados do *corpus*, como em *canssada* [CSM 1, v.24], em que ocorre *onset* simples no meio de palavras, e em *ssa* [CSM 11, v.64], em que aparece no início.

Sobre o grafema <ss>, Said Ali (1905) diz ser uma consoante dobrada. “A consoante dobrada, introduzida na orthographia por imitação do latim e do grego, se pronuncia em portuguez como a respectiva consoante simples” (SAID ALI, 1905, p. 19). Dessa forma, conforme vimos nos dados, a geminada <ss>, em início de palavra, seguida de vogal, terá sempre o som de [s].

Ainda em relação ao grafema <ss>, é possível observar essa ocorrência em começo de palavras, como em *ssa* [CSM 11, v.64], *sse* [CSM 18, v.45], e no meio de palavra, como veremos adiante, na análise do *onset*, e na posição medial de palavra, como nos exemplos a seguir: *canssada* [CSM 1, v.24], *perssiãos* [CSM 15, v.24]. Assim, como afirma Somenzari (2006, p. 129), a ocorrência desses casos comprova que <ss> representa uma consoante simples, pois a coda da primeira sílaba já está preenchida, não havendo assim possibilidade de formação de geminadas.

(41)



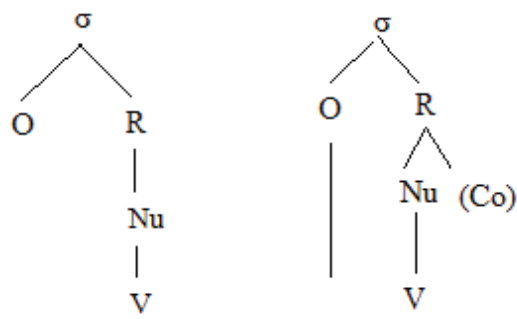
Somenzari (2006) conclui que o recurso à grafia dupla para as consoantes não representa uma marca de geminação, em quase todos os casos. Segundo a autora, todas as ocorrências de <ff>, <ss> e <tt> têm *status* de consoante simples no nível fonológico; já <rr>, no meio de palavra, em contexto intervocálico, pode ser considerada uma consoante geminada, uma vez que duas posições são preenchidas na rima da sílaba anterior à representada pela consoante dupla, que constitui uma sílaba pesada.

5.1.2 Sibilantes em onset em posição medial de palavra

Nesta subsecção, iremos apresentar e analisar as ocorrências de sibilantes em *onset* em posição medial de palavras mapeadas no *corpus*. Nesta posição foram encontradas sibilantes em dois contextos, sendo o primeiro intervocálico e o segundo, entre consoante e vogal. No exemplo (42), podemos observar a representação do contexto intervocálico:

(42)

Contexto intervocálico:



Na escrita do *corpus* analisado, encontramos, na posição de *onset* medial, em contexto intervocálico, os seguintes grafemas: <s>, <ss>, <ç>, <z>, <x> e <c>, como podemos observar no quadro abaixo:

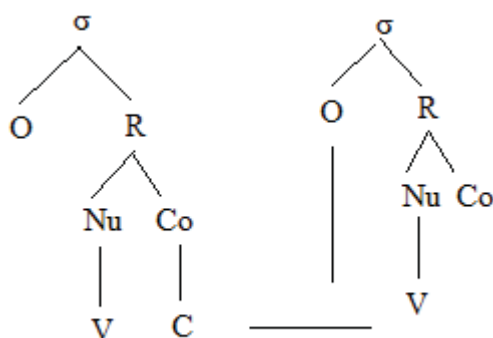
Representação gráfica	Contexto	Exemplos
<s>	intervocálico	quiser, pesar
<ss>		missa, passava, morresse, assi
<ç>		coraçon, peça
<z>		fazer, razon, dizer, vezindade, joizo
<x>		trouxe, trouxisti, trouxessen, leixar, queixar
<c>		parecer, decer, justiceiro

Quadro 7. Sibilantes em *onset* em posição medial de palavra, em contexto intervocálico.

Os grafemas mapeados na posição de *onset* medial foram encontrados também em posição entre consoante e vogal, conforme a representação abaixo:

(43)

Contexto entre consoante e vogal:



Encontramos, na coleta do *corpus* estudado, na posição de *onset* medial de palavra, em contexto entre consoante e vogal, os seguintes grafemas: <s>, <ss>, <ç>, <z> e <c>. No quadro abaixo, observamos os contextos e os exemplos destes grafemas:

Representação gráfica	Contexto	Exemplos
<s>	entre consoante nasal e vogal	Affonso, enserrado, ensandeceu
<ss>	entre consoante nasal e vogal	canssada, enssinada, conssigio, penssamos, ensserraron, conssellou
	entre consoante líquida (lateral ou rótica) e vogal	falsso, Perssia, perssiãos, falssidade, balssamo
<ç>	entre consoante rótica e vogal	Murça, merçee
	entre consoante nasal e vogal	gabança, obrigança, França
<z>	entre consoante nasal e vogal	donzel
<c>	entre consoante rótica e vogal	arcebispo, carcer, mercee

Quadro 8. Sibilantes em *onset* em posição medial de palavra, em contexto entre consoante e vogal.

Analisando as representações e os quadros acima, podemos afirmar que os grafemas encontrados na posição de *onset* medial foram: <s>, <ss>, <ç>, <z>, <x> e <c>. O grafema <s> é encontrado em posição intervocálica, como nas palavras *quiser*, *pesar*, entre consoante nasal e vogal, como em *Affonso*, *enserrado*, *ensandeceu*, e entre vogal e consoante, como em *Cristo*.

Massini-Cagliari (2005a, p. 88) afirma que, em posição intervocálica, parece não haver restrições para a constituição de *onsets* simples em PA: todas as consoantes da língua podem figurar nessa posição. O quadro abaixo feito por Massini-Cagliari (2005a, p. 88) aponta os *onsets* simples. Vale lembrar que a autora destacou também que, em posição inicial de palavras, há algumas restrições que atuam na escolha da consoante do ataque: /p/, /k/ e /t/ só configuram *onsets* simples em posição intervocálica.

Consoante	Grafema(s) Correspondente(s)	Exemplos
p	p, pp	per, padre, peor, perfia, poder, pois, España, çapata, apparellados
b	b	bailar, bispo, belas, buscar, bõa, ambos, cabeça
t	t, tt	uistes, tal, tan, tirar, todavia, toller, tornar, noite, majestade, quantas
d	d	ondas, delgado, dereito, dizer, dona, dar, dia, dulta
k	c, cc, qu, ch	coitado, candea, cobra, cuidar, pecados, peccados, queimar, que, casa, patriarcha, quitar, querer
g	g, gu	guerra, vigo, gasalhado, gannar, gota, desguisado
k ^w	qu	quando, quantas, qual
f	f, ff, ph	fazer, ffazer, fiar, folia, festa, soffrer, sofrer, prophetando, prophetas, profetaron
v	v, u	cevada, uiuer, ueer, valer, ualia, vegada, uiir, viuva, uosco
ş	ç, c, z	pareceu, precisson, coração, corazõ, lança, çapata, çima, çego, conhoçuda
z̄	z	fazia, juizo, sazon, razon, dizer, zarello
s, ts	ss, c, x, s, ç	sabedor, sair, sazon, seer, sinal, solaz, sofrer, canssada, assi, trouxe, Afonso, saia, precisson, Perssia, falssso, sse, ssũ
z, dz	s	mesura, casa, fremosa
ʃ, tʃ	ch, x (?), sch (?)	chamar, chave, crischãos, chus, chorar, chegar, xe, xi, Xerez, bischocos (?)
ʒ, dʒ	j, i, g, y (?)	magestade, majestade, ia, jazer, iazer, ya (?), gejuar, jograr, juízo
m	m	mar, madre, maldizer, mentiral, mha, migo, morrer, mui, namorado, amor, amigo
n	n, nn	nunca, nacer, nada, namorado, nembrar, noite, Anna
ɲ	nn, nh	tenno, sennor, sonno, senhor, sanha
l	l, ll	levado, lazerado, lavrar, leal, liar, loado, falla

ʎ	ll, lh	mellor, fillar, moller, senlleira, melhor, molher, olhos, ollos
r	r, rr	ramo, razon, recado, reinha, ren/rren, riir, rogar, querria, morrer, onrra, rrica
ʀ	r	Maria, parecer, poren, marauilhado, paraíso

Quadro 9. Onset simples (MASSINI-CAGLIARI, 2005a, p. 89).

Massini-Cagliari (2005a), baseando-se no trabalho de Mattos e Silva (2006), propôs o quadro acima para mostrar a oposição entre /ʃ, z/, por um lado, e /s, z/, por outro.

Mattos e Silva (2006, p. 91) propõe, no quadro abaixo, analisar o problema da oposição que permeia o sistema do português arcaico em relação ao moderno, propondo um novo quadro para as consoantes que representa a situação no final do período arcaico, tomando como base o que ocorreria no dialeto padrão português ao iniciar-se o período moderno:

	bi-labiais	lábio-dentais	dentais	pré-dorso dentais	alveolares	ápico-alv.	pala-tais	ve-lares
oclusivas su so	p b		t d					k g
africadas su so							tʃ	
constritivas su so		f v		ʃ z		ʃ z	ʃ z	
nasais	m				n		ɲ	
laterais					l		ʎ	
vibrantes simples					r			
múltipla					ʀ			

Figura 12. Análise do problema da oposição (MATTOS E SILVA, 2006, p. 91).

Segundo Said Ali (1905), no meio dos vocábulos, os grafemas <s> e <z> possuem cada um o seu valor definido, ou seja, o grafema <s> tem sempre o som de [s]

e <z> o som de [z], desde que <s> ou <z> venham entre consoante nasal e vogal, como em *consello* [CSM 6, v. 33], *consigo* [CSM 5, v. 83], *donzel* [CSM 4, v. 95]. Como afirma Pinheiro (2004, p. 69), o som [z], em posição de *onset*, aparece representado ora pelo grafema <s>, como em *joyso* [CSM 48, v.8], ora por <z>, como no exemplo *fazer* [CSM 31, v.11].

Para Said Ali (1905, p. 12), a regra geral para o som de [z] intervocálico é que seja indicado pela letra <s>, como nas palavras *quiser* [CSM 5, v.3] e *pesar* [CSM 5, v.58]. No entanto, não se estende essa regra para os derivados de vocábulos escritos com <z> final, nestes permanecem a letra <z>: *joizo* [CSM 26, v.26], *joyzo* [CSM 26, v.4], *donzel* [CSM 42, v.27].

De acordo com Maia (1997[1986]), são vários os processos gráficos usados em documentos no século XIII, nas quatro províncias galegas, e um dos grafemas utilizados, quer em posição intervocálica, quer em início de sílaba precedido de sílaba travada, quer no início de palavra, é <z>. Nos dados mapeados nas CSM, encontramos casos de <z> em posição intervocálica, representando o som de [z], como em: *fazer* [CSM 31, v.11], *razon* [CSM 31, v.16], *dizer* [CSM 32, v.15], *vezindade* [CSM 32, v.27], *vezño* [CSM 23, v.8], entretanto não foi encontrado nenhum caso de <z> entre vogal e consoante ou em início de palavra.

Maia (1997[1986]) aponta ainda um argumento forte para o fato de que, já no século XIII, se processava a perda da africada palatal em proveito da fricativa. A autora apontou que, em documentos galegos do século XIII e XIV, aparecem representadas por <x> e não por <ch> palavras que etimologicamente seriam no português /dʒ/ primeiro, depois /ʒ/, como em *sexa*, *Tereixa*. Fernão de Oliveira (1975[1536]) faz a distinção da pronúncia de <ch> da de <x>. Segundo Teyssier (1987), foi no século XVII que os autores começaram a confundir as grafias de <ch> e <x>. Segundo Mattos e Silva (2006, p. 87), a partir dos estudos desses dois autores é possível afirmar que a africada não se confunde com a fricativa /ʃ/ no período arcaico e que a oposição /tʃ/ : /ʃ/³⁸ se neutraliza depois do século XVI. Esses casos permitem afirmar que, no período arcaico, havia, no sistema, uma africada palatal surda (MATTOS E SILVA, 2006, p. 87).

Said Ali (1905, p. 15) afirma ainda que o som [ʃ] é representado por meio de <ch>, e excepcionalmente <ch> é substituído por <x>, ou seja, em condições especiais

³⁸ A marca “:” representa a oposição fonológica entre dois fonemas.

e bem definidas. No caso, escreve-se com <x> em vez de <ch> as palavras que apresentam ditongo precedendo o grafema, como, por exemplo: *leixar* [CSM B, v.24], *queixar* [CSM 5, v.55].

Segundo Mattos e Silva (2006, p. 76), entre as consoantes posteriores se encontram, no sistema do português, as fricativas palatais surda e sonora (/ʃ/, /ʒ/), a nasal (/ɲ/) e a lateral (/ʎ/). As palatalizações românicas (não só as portuguesas) resultam de complexas mudanças fonéticas, condicionadas pelo contexto fônico: presença de vogal ou semivogal palatal /i, e/, seguindo consoantes oclusivas (MATTOS E SILVA, 2006, p. 76). Vale lembrar que a palatização é o fenômeno pelo qual uma consoante adquire uma articulação palatal ou próxima à região palatal. São consideradas palatizações as assibilações como as palatalizações das oclusivas dentais e velares.

Para Gonçalves (1985, p. 103-104), as fricativas sibilantes <s-; -ss-; -s>, precedidas de consoante nasal, ficam apenas com o som de [s]; tal ocorrência pode ser exemplificada com dados do *corpus* desta Dissertação: *Affonso* [CSM A, v.1], *enserrado* [CSM 19, v.15], *ensandeceu* [CSM 21, v.4], *esto* [CSM 7, v.23], *quisesse* [CSM 42, v.40].

Conforme foi visto na seção 2 desta dissertação, os grafemas <ç> e <c>, aparecem sempre em posição de *onset* simples, como pode ser verificado nos dados mapeados nas CSM: *coraçõ* [CSM 5, v.35], *decer* [CSM 50, v.20], *França* [CSM 9, v.27].

Observamos, também, nas análises, várias palavras com variantes gráficas, como *sseu* [CSM 22, v.5] / *seu* [CSM 35, v.112], *reçeber* [CSM B, v.22] / *receber* [CSM 15, v.173], *merçee* [CSM B, v.37] / *mercee* [CSM 14, v.37], *sseer* [CSM 28, v.3] / *seer* [CSM 35, v.112], *ssazon* [CSM 31, v.23] / *sazon* [CSM 3, v.28], *sse* [CSM 28, v.25] / *se* [CSM 33, v.18], *sson* [CSM 31, v.16] / *son* [CSM 38, v.15], *conssigo* [CSM 5, v.143] / *consigo* [CSM 5, v.83]. Isto ocorre, porque, segundo Cagliari (1998b, p. 59),

[...] a Língua Portuguesa apresentava grande variação ortográfica, porque nenhum autor ou editor conseguiu impor um modelo e formar uma tradição. Os governos só passaram a se interessar pela ortografia no final do século XIX. Portanto, durante séculos, cada um escrevia procurando seguir os modismos da época e da região, introduzindo idiosincrasias quando tinham dúvidas ortográficas e não sabiam como resolvê-las, ou simplesmente por gosto pessoal ou por acharem que determinada forma era preferível a outras, baseando-se nos conhecimentos que tinham.

Além disso, a mesma palavra escrita de formas diferentes nos faz acreditar e afirmar que possuem o mesmo som, ou seja, há apenas variação gráfica como, por exemplo, em *reçeber* ou *receber*.

Encontramos também pares mínimos como as palavras *pesa* [CSM 38, v.7]: *peça* [CSM 11, v.83].

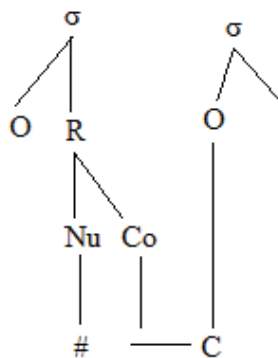
Por meio das leituras sobre o tema, da coleta e da análise dos dados, podemos concluir que os segmentos representados pelos grafemas <s>, <z>, <x>, <c>, <ç> e <ss>, em posição de *onset*, podem estar ou não em oposição fonológica. No caso, os grafemas <z> e <x> estão em oposição fonológica; já os grafemas <c> e <ç> não estão em oposição, e, em início de palavra, os grafemas <s> e <ss> também não estão em oposição; isto só acontece no meio de palavra. A oposição representa a relação estabelecida entre dois sons que ocorrem no mesmo contexto para produzir significados diferentes. Portanto, dois sons estão em oposição quando a presença de um som ou de outro implica mudança de significado das palavras (SILVA, 2011, p. 165).

5.2 Apresentação e análise dos dados das CSM na posição de coda

Nesta subseção, iremos apresentar e analisar os dados do *corpus* na posição de coda. Primeiramente, vamos representar o contexto em que os dados foram coletados e, em seguida, apresentaremos o contexto e os exemplos dos dados mapeados.

Abaixo podemos observar a apresentação das ocorrências de sibilantes em coda em posição medial de palavras mapeadas no *corpus*, que correspondem ao contexto representado no exemplo:

(44)



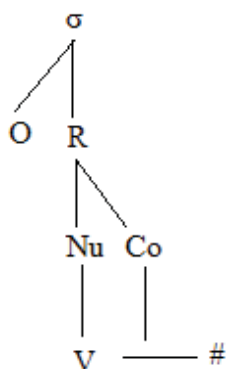
Na escrita do *corpus* analisado, encontramos, na posição de coda medial, apenas os grafemas <s> e <z>, conforme podemos observar no quadro abaixo:

Representação gráfica	Contexto	Exemplo
<s>	entre vogal e consoante	Conpostela, batismo, Cristo
	entre vogal e consoante, em contexto de elisão	que sterreces, a ´scodudas, que speciais, toda ´sclareceu.
<z>	entre vogal e consoante	fazfeiro, dezpraz, azcũa, vezỹos

Quadro 10. Sibilantes em coda em posição medial de palavra.

A seguir, veremos as ocorrências de sibilantes em coda em posição final de palavras mapeadas no *corpus*, que correspondem ao contexto representado no exemplo:

(45)



No mapeamento da posição de coda em final de palavra foram encontrados os grafemas <s>, <z> e <x>, como podemos ver no quadro 11:

Representação gráfica	Contexto	Exemplo
<s>	depois de semivogal	mays, poys, depoy
<s>	depois de vogal, no final de palavra	cantares, miragres, coitas
<z>		faz, cruz, fiz
<x>		aprix, fix

Quadro 11. Sibilantes em coda em posição final de palavra.

Vale ressaltar que o grafema <s> em posição de coda em final de palavra apresentou maior número de ocorrências (2.455, ou seja, 76% dos casos), enquanto que o grafema <x>, na mesma posição, apresentou apenas duas ocorrências (0,1%). Encontramos também, no *corpus* analisado, casos de palavras em que o grafema <s> está em contexto de ocorrência depois de semivogal, como em *mays* [CSM 5, v.185], *poys* [CSM 2, v.60], *depoys* [CSM 3, v.7].

De acordo com os dados levantados nos mapeamentos, podemos afirmar que, na posição de coda no meio da palavra, foram encontrados apenas os grafemas <s>, com 766 ocorrências (23,8%), e <z>, com 7 ocorrências (2,4%), e se apresentavam no contexto entre vogal e consoante, como nas palavras: *nostro* [CSM 21, v. 57], *Bispo* [CSM 32, v. 49], *azcũã* [CSM 22, v. 25].

Said Ali (1905, p. 8) explica que o grafema <s> antes de outra consoante terá valor fonético ora surdo ora sonoro, conforme for surda ou sonora a consoante imediata como nas palavras encontradas no *corpus*: *batismo* [CSM 4, v.100], *Bispo* [CSM 7, v.35], *Cristo* [CSM 13, v.3], *Conpostela* [CSM 26, v.64]. No caso de sufixo de plural e de desinência pessoal de 2ª pessoa escreve-se *s*, e não *z*, como nas palavras encontradas nas *CSM*, *cantares* [CSM 8, v.28], *saberdes* [CSM 5, v.174], *comerás* [CSM 15, v.540]. O fato de essa escrita vir com <s> e não com <z> mostra que a pronúncia [s] era típica nesses contextos.

Na análise do *corpus*, encontramos outra questão interessante que diz respeito ao grafema <s>, do tipo <s + oclusiva> no início de palavra, como nos exemplos *sterreces* [CSM 20, v.39], *scodudas* [CSM 31, v.68], *speciais* [CSM 34, v.27], *sclareceu* [CSM 15, v.91]. Nesses três exemplos, assim como afirma Massini-Cagliari (2005a, p. 98), a forma métrica do verso está correta, não havendo a necessidade da inserção da vogal inicial para acertar a contagem da sílaba poética. No entanto, na palavra [*e*]splandores [CSM 384, v.18], o editor (METTMANN, 1989, p. 282) achou melhor acrescentar a vogal “e” para que o verso tivesse o número de sílaba exigido pela métrica do poema. Portanto, assim como concluiu Massini-Cagliari (2005a, p. 98), a vogal não era pronunciada nas palavras transcritas.

Outra questão discutida pela autora e observada em nossas análises foi sobre qual seria a estrutura inicial das palavras *sterreces*, *scodudas*, *speciais*, *sclareceu*. Estaria o som representado pelo grafema <s> na posição de *onset* complexo ou coda? Sobre essa questão, Massini-Cagliari (2005a, p. 98) explica que:

Em todos os exemplos mapeados, as seqüências de S+C(C) sempre ocorrem depois de palavra terminada em vogal, a não ser no caso do exemplo [e]splandores, em que o editor postula a necessidade da vogal inicial. Por este motivo, é mais provável a hipótese de estar ocorrendo um processo de sândi, que apaga a vogal inicial de *estrela* (ou impede a sua inserção, no caso de modelos fonológicos que consideram essa vogal epentética), e liga o “S desgarrado” à coda da sílaba anterior.

Os exemplos *scodudas* e *sclareceu* mostram casos em que processos de sândi (crase, no primeiro caso, e elisão, no segundo) ocasionam o “desgarramento” do <s> da sílaba a que originariamente pertenceria, dado o apagamento do núcleo, e a sua adjunção ao núcleo da sílaba imediatamente anterior.

Analisando esses casos, podemos concluir que o PA não possui ataques silábicos supercomplexos, uma vez que, em nenhum dos casos, pode-se afirmar que o “S desgarrado” se realiza no *onset* da sílaba (MASSINI-CAGLIARI, 2005a, p. 98).

Os grafemas <s>, <x> e <z> aparecem em posição de coda simples e todos apresentam a representação sonora de [s], como em: *miragres* [CSM A, v.24], *fix* [CSM 47, v. 13], *faz* [CSM 3, v.3], *fiz* [CSM 28, v.122]. Isto ocorre por haver neutralização entre os fonemas /s/ e /z/ na posição de coda. Por isso, pode-se representá-los através do arquifonema /S/, assim como fez Mattoso Câmara (1989[1970]) para o PB (PINHEIRO, 2004, p. 70).

Em Massini-Cagliari (2005a), a autora mostrou que, em relação ao preenchimento silábico, dada a maior presença de palavras estrangeiras associadas às histórias milagrosas, há maior ocorrência de codas irregulares constituídas de oclusivas nas cantigas religiosas do que nas profanas.

Apesar de, no PA, predominarem as sílabas abertas, como afirmou Biagioni (2002, p. 87-88), o travamento silábico é permitido. Porém, as possibilidades são restritas quando se referem às consoantes que podem ocupar a posição de coda no PA.

Abaixo podemos observar o quadro com as consoantes na posição de coda simples no PA:

Consoante	Grafemas correspondentes	Exemplos
/S/	<s>, <x>, <z>	Varões, diz, quis, Deus, jaz, fez, paz, luz, emperadriz, aprix, fix
/r/	<r>	Lazerar
/l/	<l>	Tal
/N/	<m> e <n>	bem, razon

Quadro 12. Consoantes na posição de coda simples (BIAGIONI, 2002, p. 83).

Biagioni (2002, p. 83) afirma que /r/, /l/, /S/ e /N/ são consideradas consoantes formando codas simples, isto quer dizer que o PA não admite codas complexas. Além disso, a autora diz que os segmentos /S/ e /N/ são considerados arquifonemas por possuírem mais de uma realização fonética e por representarem a neutralização da oposição que havia no contexto de início de sílabas entre os sons /m/ e /n/, em contexto de travamento silábico. Em exemplos como *bem* e *razon*, admite-se que os grafemas <m> e <n> não eram pronunciados como consoantes [m] e [n], mas indicavam apenas a presença de uma vogal nasalizada.

Ao analisar os dados coletados no *corpus*, verificamos que todas as palavras que possuem consoantes fricativas em posição de coda final apresentam rimas grafadas com <s>, <x>, <z>. Pode-se perceber que não há oposição entre os sons representados por esses grafemas, pois não há pares mínimos que indiquem oposição. Portanto, na posição de coda, essa oposição desaparece; por exemplo, na CSM 5 e CSM 124:

(46)

Cantiga 5

E desto vos quer'eu ora contar, segund'a letra diz, 5
 un mui gran miragre que fazer quis póla Enperadriz 6
 de Roma, segund'eu contar oý, per nome Beatriz, 7
 Santa Maria, a Madre de Deus, ond'este cantar **fiz**, 8
 que a guardou do mundo, que lle foi mal joyz, 9
 e do demo que, por tentar, a cuydou vencer. 10
Quenas coitas deste mundo ben quiser sofrer... 11
 [...]

Per nulla ren que ll'o Emperadr dissesse, nunca quis 180
 a dona tornar a el; ante lle disse que fosse **fis** 181
 que ao segre non ficaria nunca, par San Denis, 182
 nen ar vestiria pano de seda nen pena de gris, 183
 mas hũa cela faria d'obra de Paris, 184

u se metesse por mays o mund'avorrecer. 185
Quenas coytas deste mundo ben quiser soffrer... 186

Cantiga 124

Un crerigo mi aduzede, | a que diga quanto **fix** 35
 de mal, de que pēedença | de meus pecados non prix. 36
 E pois ll' esto feit'ouveron, | diss': "Amigo, sempr'eu quix 37

Neste exemplo, encontram-se, na posição focalizada, finalizadas por grafemas representativos de consoantes fricativas, as palavras *fis* e *fiz/fix*. Observamos que entre as palavras destacadas no exemplo acima não ocorre diferença fonológica, mas há diferença de significado. A palavra *fis* é um adjetivo, e significa *certo, seguro* (METTMANN, 1972, p. 147), enquanto as grafias *fiz* e *fix* referem-se ao verbo "fazer", na 1ª pessoa do singular.

Em relação à distribuição dos fonemas, Cagliari (2002, p. 46-48) diz que dois sons foneticamente semelhantes ocorrem em oposição fonológica em certos contextos, mas não estão em oposição fonológica em outros contextos. Ou seja, a oposição fonológica que ocorre num contexto se neutraliza em outro contexto.

Para Pinheiro (2004, p. 70), os grafemas <s>, <z> e <x> aparecem em posição de coda simples, todos com a representação sonora de [s] (valendo /S/): *Deus* [CSM 11, v.95], *fez* [CSM 12, v.24] e *fix* [CSM 47, v. 13]. Justamente por haver neutralização entre os fonemas /s/ e /z/ na posição de coda, não há certeza quanto à atualização fonética dos grafemas <z>, <s> e <x> nessa posição. Pode-se, por esse motivo, representá-los através do arquifonema /S/. Embora haja diferença de significado entre *fis* e *fiz/fix*, não se pode afirmar que haja uma oposição entre os sons representados por <s, z, x> na coda. Percebe-se, nos exemplos (35) e (36), que a palavra *quis/quix* pode rimar tanto com palavras grafadas com <x/ z> (*fix, aprix*, CSM 84; *fix, dix*, CSM 265), como com palavras grafadas com <s> (*fis, Denis, gris*, CSM 5; *Paris, fis*, CSM 35; *fis, maravedis, Dinis*, CSM 146). A oposição dos signos se dá pela diferença de significado. No entanto, a possibilidade de *quis/quix* rimar com palavras de ambos os grupos mostra que o som representado por estes grafemas em posição de final de sílaba é o mesmo.

A partir da coleta de dados do *corpus* das CSM, presenciemos a mesma sequência sonora com duas ou mais grafias diferentes, *fis* [CSM 5, v.181], *fiz* [CSM 28,

v.122], *fix* [CSM 47, v.13]. Entretanto, quanto à pronúncia das mesmas, sabemos que poderiam ser realizadas por variantes [s, z, ʃ]; no entanto, esta é uma hipótese sem provas. O mais provável era uma neutralização fonológica nessa posição, refletida na escrita, de um modo geral. Nos dados, não foi encontrada qualquer palavra que tenha <x> em posição de coda no meio da palavra, como “Lixboa”. Por isso, é muito provável que, naquela época, <x> tinha o som de [s].

Em posição de coda em final de sílaba, depois de consoante (semivogal <y, i, j> ou nasal <n>), encontramos palavras como *mays* [CSM 5, v.185], *poys* [CSM 2, v.60], *depoys* [CSM 3, v.7], *Seixons* [CSM 41, v.6]. Nestes casos, ocorre a ramificação da coda, ou seja, o primeiro elemento será ou uma nasal ou um glide e o segundo elemento sempre será uma fricativa (*sei-xons*, *de-poys*). É interessante notar que os elementos /N, L, R, S/ representam grandes classes de modo de articulação de uma consoante: nasal, lateral, vibrante, fricativa. Há líquidas: /L, R/; sonorantes (vozeamento intrínseco): /N, L, R/; e um segmento tipicamente surdo /S/ (CAGLIARI, 1997, p. 35).

Por meio das leituras sobre o tema, da coleta e da análise dos dados, podemos concluir que o segmento representado pelos grafemas <s>, <x> e <z> em posição de travamento silábico corresponde muito provavelmente a um arquifonema fricativo, ou seja, a um som especificado apenas com o traço fricativo, sem especificação necessária ao traço vozeamento, porque, apesar de haver a certeza de que se trata de um segmento fricativo, não é possível saber com certeza qual a sua realização fonética exata, neste contexto, dada a ausência de variação dos grafemas focalizados nas mesmas palavras ou de evidências de oposição. O arquifonema representa a neutralização de uma oposição fonológica estabelecida em outros contextos, ou seja, a oposição fonológica que ocorre num contexto se neutraliza em outro contexto.

5.3 A contribuição das Rimas nas CSM para a análise das sibilantes no PA

Esta subseção tem o intuito de apresentar os grafemas encontrados na coleta de dados das CSM, a fim de saber se podiam alternar graficamente ou rimar entre si ou não, estabelecendo se, naquela época, havia ou não oposição entre os fonemas representados por esses grafemas, nos contextos de início e de final de sílaba. Ou seja, podemos observar se, naquele momento, os processos de neutralização das fricativas

existiam ou não no português, para estabelecer se esses grafemas representavam sons de caráter distintivo ou não no contexto de início e de travamento silábico.

Nas CSM, encontram-se as seguintes realizações gráficas na posição final de palavras:

as	es	is	os	us
az	ez	iz	oz	uz
--	--	ix	--	--

Quadro 13. Realizações gráficas na posição final de palavra.

No quadro acima, a única ocorrência da letra <x> em final de palavras ocorre depois da vogal <i> - exemplo (46), palavra *fix*. Como se argumenta mais adiante, muito provavelmente esse <x> não representa uma fricativa alveopalatal, mas uma fricativa alveolar. A diferença entre as letras <s> e <z> poderia lembrar uma oposição do tipo /s/ e /z/, ou seja, uma oposição de sonoridade com as fricativas alveolares. Essa hipótese fica mais reforçada quando se observa que o escriba costuma escrever as rimas nas estrofes, mantendo o final com <s> ou com o <z>, ou mesmo com <x>, para representar o mesmo som fricativo (já que, afinal, as palavras rimam entre si), como foi observado no exemplo (46).

A partir desses exemplos, encontramos diferentes grafias para uma mesma sequência sonora: *fis*, *fiz*, *fix*. Podemos verificar que, apesar de o significado se alterar, não há oposição fonológica. As diferentes realizações escritas (<s>, <z> e <x>) poderiam indicar algumas variantes fonéticas. Por exemplo, poderíamos achar uma diferença de sonoridade entre (<s> e <z>); ou uma diferença de articulação entre <s>/ <z> (fricativa alveolar) e <x> (fricativa alveopalatal). Podemos levantar a hipótese inicial de que as letras correspondem a um arquifonema fricativo /S/. Como no *corpus* não aparece qualquer fricativa alveopalatal em posição de coda, podemos concluir que a letra <x> não corresponde a uma fricativa alveopalatal. A diferença de sonoridade entre <s> e <z> só tem sido atestada em posição de *onset* e não de coda, portanto, a pronúncia mais provável é [fis] e a representação fonológica é /fiS/.

Ainda em relação às palavras *fis*, *fiz*, *fix*, observamos que as diferentes realizações gráficas dessas palavras devem-se também ao contexto em que estão inseridas, ou seja, em um contexto de coda final em que todos os versos da estrofe

apresentam o grafema <s>, a palavra *fis* também foi escrita com <s>, como em *quis*, *Denis*, *gris*, *Paris*, para ressaltar a rima. O mesmo ocorre com o grafema <z>, como em *diz*, *Enperadriz*, *Beatriz*, *joyz*, e com o grafema <x>, como em *prix*, *quix*. Notamos, portanto, que a realização gráfica das palavras que apresentam os grafemas <s>, <x> ou <z> em posição de coda final depende do contexto em que está inserida para compor a rima da estrofe.

Outro exemplo em que ocorre esse mesmo caso é das palavras *pres* e *prez*, como podemos notar nas cantigas abaixo:

(47)

Cantiga 5

A Emperadriz, que non vos era de coração refez, 124
 com' aquela que tanto mal sofrera e nin hũa vez, 125
 tornou, com coita do mar e de fame, negra como pez 126
 mas en dormindo a Madre de Deus direi-vos que lle fez: 127
 tolleu-ll'a fam'e deu-ll'hũa erva de tal **prez**³⁹, 128
 con que podesse os gaffos todos guarecer. 129
Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer... 130

Cantiga 5

Muitos gafos sãou a Emperadriz en aquele mês; 159
 mas de grand' algo que poren lle davan ela ren non **pres**⁴⁰ 160
 mas andou en muitas romarias, e depois ben a três 161
 meses entrou na cidade de Roma, u er' o cortes 162
 Emperador, que a chamou e disso-lle: "Ves? 163
 Guari-m'est' irmão gaff', e dar-che-ei grand' aver." 164
Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer 165

No exemplo (48), abaixo, as palavras *dias/romarias/vigias/vias* trazem grafemas relativos a fricativas sibilantes em posição de coda silábica, todos grafados da

³⁹ Segundo Mettmann (1972, p. 246), a palavra *prez*, escrita com o grafema <z>, significa *preço*, substantivo masculino.

⁴⁰ Segundo Mettmann (1972, p. 247), a palavra *pres*, escrita com o grafema <s>, refere-se ao verbo *prender*, conjugado no pretérito perfeito do indicativo, 3ª pessoa do singular.

mesma maneira e rimando entre si, o que indica que soavam da mesma forma, naquela época.

(48)

Cantiga 15

Demais fez-lles gejár três **dias** 77
 e levar gran marteir'e afan, 78
 andando per muitas **romarias**, 79
 bevend'agua, comendo mal pan; 80
 de noite lles fez tãer **vigias** 81
 na eigreja da do bom talan, 82
 Santa Maria, que dêsse **vias** 83
 per que saissen daquel pavor 84

Todo-los Santos que son no Ceo | de servir muito na gran sabor... 85

Portanto, analisando os dados das CSM, podemos afirmar que os grafemas <s>, <x> e <z> aparecem em posição de coda simples, porém não há como comprovar se todos representam uma fricativa alveolar surda, já que não há registros fonográficos da época. Consideremos os seguintes exemplos: *dias*, *romarias*, *vigias* *vias*, *fix*, *fez*, *fiz*. A hipótese apresentada mostra que houve uma neutralização entre os fonemas /s/ e /z/ na posição de coda final de palavra, seguindo o mesmo modelo de neutralização desses sons em posição medial de palavras. A oposição ocorre em posição de *onset*, como mostrado anteriormente. Por isso, pode-se representá-los através do arquifonema /S/, assim como fez Câmara Jr. (1989[1970]) para o PB.

Na posição de *onset*, os segmentos representados pelos grafemas <s>, <z>, <c>, <ç> e <ss> podem ou não estar em oposição fonológica. No caso, o grafema <ss> está em oposição com <s> no contexto intervocálico, já os grafemas <c> e <ç> representam o mesmo som, não estando em oposição. Exemplo disso é a configuração das rimas da vigésima CSM.⁴¹

(49)

Cantiga 20

Virga de **Jesse**, 2

⁴¹ Segundo Mettmann (1986a), na Cantiga 20, o sistema rimário é constituído por: AABAAB. As sílabas finais, em posição de rima, trazem no *onset* o som [s], representado ora por <ss> ora por <c>.

quen te **soubesse** 3
 loar como **mereces**, 4
 e sen **ouvesse** 5
 per que **dissesse** 6
 quanto por nos **padeces!** 7

Na cantiga acima, podemos observar que o grafema <ss> não rima com <c> diante de <e>. O grafema <ss> só rima com o que está grafado com <ss>. Algo semelhante acontece com o grafema <c>, que só rima com o que está grafado com <c> e <ç>. No terceiro e sexto versos ocorre o acréscimo, no final da palavra, de um <s>, como em *mereces* e *padeces* que, por sua vez, rimam entre si. Na posição de *onset* da rima, ocorre a oposição entre a fricativa sonora e surda, de modo semelhante ao que ocorre na posição de *onset* em outros contextos.

No mesmo contexto, por exemplo, diante de vogal, a letra <z> representa o som de /z/ e as ocorrências das letras <s>, <ss> representam a realização do fonema /s/, como ocorre em meio de palavra em posição de *onset*. Como podemos observar no exemplo (50), abaixo, *pobreza* rima com *riqueza*, em que <z> representa o som de /z/.

(50)

Cantiga 75

Omildade con **pobreza** 4
 que a Virgen corõada, 5
 mais d'orgullo com **riqueza** 6
 é ela mui despegada. 7

Já os exemplos em (51) abaixo mostram que palavras com sibilantes grafadas com <c, ç, z> podem rimar entre si, porém não rimam com palavras grafadas com <s, ss> - cf. exemplo (49). Este fato comprova que, muito provavelmente, esses grafemas representam uma fricativa diferente de /s/, talvez uma dental /θ/.

(51)

Cantiga 28

Onde daquesta **razon** 5
 un miragre vos quero 6
 contar mui de **coraçon** 7

que fez mui grand'e fero 8
 a Virgen que nin á par, 9
 que nin quis me perdudo 10
 foss'ó poboo qu eguardar 11
 avia, nen vençudo. 12
 Todo logar mui ben pode | seer deffendudo... 13

Cantiga 65

Respos a Virgen con paravoas **doces**; 170
 “Vay ora mui quedo e non t' **alvoroçes**; 171
 e o que t' escomungou, se o **connoçes**, 172
 chama-o ante mi, e serás soltado.” 173
 A creer devemos que todo pecado... 174

5.4 Fricativas sibilantes sob a perspectiva da Geometria de Traços.

Nesta subseção, iremos especificar os traços distintivos das consoantes fricativas e, posteriormente, utilizando a geometria de traços, faremos a representação da oposição desses segmentos na posição de *onset* e na posição de coda.

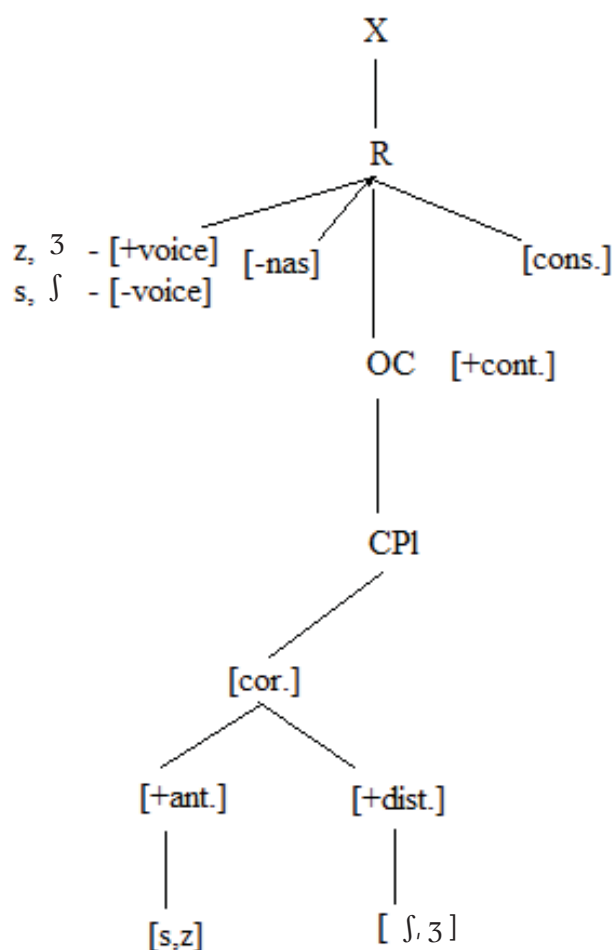
Como foi mostrado anteriormente, na subseção 5.3 desta dissertação, na posição de *onset*, há oposição fonêmica entre /s/ e /z/, entre /ʃ/ e /ʒ/ e entre /s, z/ e /θ/. Apresentamos a seguir o quadro da matriz dos traços dessas consoantes.

Traços	s	z	ʃ	ʒ	θ
Consonantal	+	+	+	+	+
Sonoro	-	+	-	+	-
Nasal	-	-	-	-	-
Contínua	+	+	+	+	+
Labial	-	-	-	-	-
Coronal	+	+	+	+	+
Anterior	+	+	-	-	+
Distribuído	-	-	+	+	+
Dorsal	-	-	-	-	-

Quadro 14. Matriz de traços das consoantes.

Todas essas consoantes são plenamente especificadas na posição de *onset*. Na matriz e na árvore que definem os segmentos, os traços distintivos são apresentados com os valores + ou -. Os cinco segmentos são consonantais, contínuos e coronais. Três deles são anteriores e três são distribuídos. Dois deles são sonoros e três deles são surdos. Desse modo, todos os segmentos são plenamente especificados uns em oposição aos outros. A representação na forma de árvore, abaixo, mostra as oposições desses segmentos:⁴²

(52)



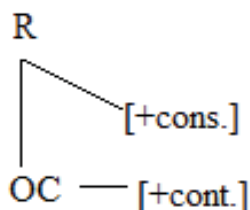
⁴² No Português atual, “diante de consoante fricativa só é permitido uma consoante nasal que esteja condicionada pela vogal anterior” (CAGLIARI, 1997, p. 47). Dessa forma, se a vogal que precede a nasal for anterior, a nasal será palatal, caso contrário, será velar. “Foneticamente, é comum não ocorrer consoante nasal entre uma vogal nasalizada e uma fricativa”, como em *onça*, *infeliz*, *enviesado*, etc. (CAGLIARI, 1997, p.47). Com relação ao PA, há a necessidade de se desenvolver pesquisas detalhadas a respeito desta questão.

Assim como ocorre no PB atual, as fricativas do português arcaico são apenas seis: /s/, /z/, /ʃ/, /ʒ/, /f/ e /v/⁴³. Em termos da geometria de traços, as fricativas da coda do português medieval são quatro ([s], [z], [ʃ], [ʒ]), definidas como [+cons], [+cont], [+cor], [-nas] e [-lab]. Essas quatro fricativas se distribuem em dois grupos, um [cor] [ant] ([s] e [z]) e outro [cor] [dist] ([ʃ] e [ʒ]). As fricativas também se opõem quanto ao vozeamento [+sonoro]: [z] e [ʒ]; [-sonoro]: [s] e [ʃ].

Na posição de coda, não há oposição entre os quatro segmentos fricativos apresentados anteriormente. Temos então, um caso de neutralização da oposição verificada na posição de *onset*, que, na abordagem da geometria de traços, pode corresponder a um caso de subespecificação. Os valores negativos ficam de fora, ou seja, ficam subespecificados, por serem redundantes, uma vez que a fonologia da geometria de traços trabalha com o limite máximo de eliminação das redundâncias próprio do modelo de subespecificação (CAGLIARI, 1997, p.18).

Portanto, a árvore que define a posição de coda é simplificada, porque os traços relativos ao vozeamento e ao ponto de articulação são neutralizados. No lugar das quatro fricativas surge um arquifonema, cuja especificação fonológica é ser apenas [+cons], [+cont], como podemos ver na representação abaixo:

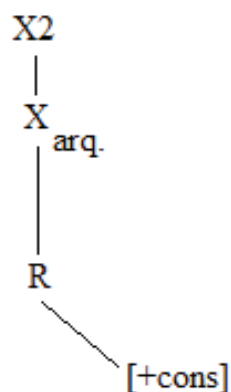
(53)



⁴³ Como foi visto na seção 2 desta dissertação, considera-se que as fricativas dentais e alveolares (ou apicoalveolares, conforme classificam Lindley Cintra (1984), Gonçalves (1985) e Maia (1997[1986])), não se encontram em oposição no PA, sendo, portanto, realizações fonéticas de dois fonemas fricativo, desvozeado e vozeado, que, nesta dissertação, são representados por /s, z/.

Na posição de coda, a consoante já é simplificada na forma de base, como pode ser visto no exemplo (54) abaixo, com a representação da consoante [s]. Vale lembrar que, nas demais consoantes, isso ocorre de forma semelhante.

(54)

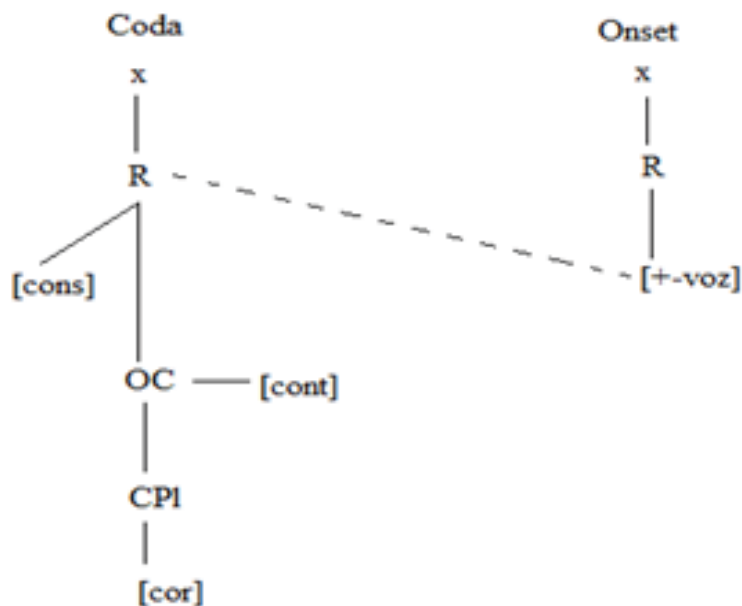


Portanto, verifica-se que, no PA, acontece com as fricativas em posição de coda o mesmo que Cagliari (1997, p. 60) já verificara para o PB:

No Português, a fricativa alveolar, que ocupa a posição de Coda, é um arquifonema não especificado quanto à sonoridade e ao traço [\pm ant]. A sonoridade depende da consoante que ocupa a posição de Onset na sílaba imediatamente seguinte. O traço anterior é definido em função do dialeto. Assim, no dialeto carioca, e em alguns outros ocorre o alofone palatoalveolar e nos demais, ocorre o alofone alveolar.

Dependendo do dialeto do português brasileiro, o arquifonema /S/ se realizará foneticamente como uma fricativa alveolar ([+cor] [+ant]) ou palatoalveolar ([+cor] [+dist]). A sonoridade virá através do espriamento do segmento seguinte (CAGLIARI, 1997, p. 33), como podemos ver abaixo:

(55)



Dado o fato de que ocorria no PA o mesmo tipo de neutralização entre as fricativas na coda que se verifica em PB, pode ser que, já naquela época, se verificasse o processo de espraçamento do vozeamento descrito acima.

No PB atual, a posição consonantal final de sílaba, ou seja, a coda, é preenchida não apenas pelas fricativas indicadas acima, mas também por outras consoantes. A esse respeito, Cagliari (1997, p. 34) diz que:

É importante constatar que os elementos /N, L, R, S/ representam grandes classes de modo de articulação de uma consoante: nasal, lateral, vibrante, fricativa. Há líquidas: /L, R/, sonorantes (vozeamento intrínseco): /N, L, R/ e um segmento tipicamente surdo /S/. Além disto, todos são coronais (em princípio, embora não estejam definidos quanto ao lugar de articulação na forma básica). Neste quadro, pode-se entender melhor porque, na Geometria de Traços, é preferível interpretar as laterais como [+cont] e as vibrantes como [-cont]. Estas últimas seriam uma espécie de oclusivas múltiplas que se realizam na mesma duração de uma consoante qualquer da língua (embora, no caso do tepe, o que se encontra é um segmento muito mais breve do que qualquer outra consoante).

Enfim, ao final desta análise, pode-se concluir que, embora haja dúvidas quanto às possibilidades de realizações fonéticas das fricativas em posição de *onset* (cf.

dentais, apicoalveolares ou alveolares) e em posição de coda no PA, do ponto de vista fonológico, pode-se verificar que o sistema consonantal da época, no que concerne às fricativas, já se encontrava estabilizado da mesma maneira que se apresenta até os dias de hoje no PB, ou seja, com oposições no início da sílaba, que se neutralizam, a partir de segmentos subespecificados, no travamento silábico.

CONCLUSÃO

No final da análise das fricativas sibilantes nas CSM empreendida nesta Dissertação, constatamos que a pesquisa mostrou resultados importantes para o desenvolvimento do assunto proposto, com base na descrição da relação entre letras e sons com relação às grafias possíveis da lírica medieval.

Foram encontrados, primeiramente, 9 tipos de grafemas representativos de sons fricativos nas cinquenta primeiras CSM, divididos em posição de *onset* e na posição de coda, apresentados no quadro 15, abaixo:

	Sibilantes em posição de <i>onset</i>	Sibilantes em posição de coda
Grafemas encontrados	<s> <sc> <ç> <z> <x> <c>	<s> <z> <x>

Quadro 15. Levantamento dos grafemas encontrados em posição de *onset* e em posição de coda nas CSM.

A partir do quadro 15, que focou os grafemas encontrados em posição de *onset* e coda, foi possível verificar que o inventário de grafemas possíveis na posição de coda é bem menor do que na posição de *onset*.

Para as fricativas sibilantes encontradas nas CSM, foi possível estabelecer as relações entre letras e sons possíveis no *corpus* analisado, o que é mostrado no quadro 16:

Grafemas	Sons	Exemplos de palavras encontrada nas CSM
<s>	/s/ /S/	Sei Deus, mas
<ss>	/s/	subesse, canssada, sse
<ç>	/s/	começei, coraçõn
<z>	/z/ /S/	donzel, razon faz, cruz
<x>	/ʃ/ /S/	Leixar, xe fix
<c>	/s/ /k/	arcebispo, mercee como

Quadro 16. Relação entre letras e sons nas CSM.

No que diz respeito à existência ou não dos processos de neutralização das fricativas no português, foi possível identificar se esses grafemas representavam sons de caráter distintivo ou não no contexto de início e de travamento silábico, respectivamente.

Dada a presença de variação dos grafemas focalizados na coleta dos dados na posição de *onset*, encontramos dois sons que ocorrem no mesmo contexto e produzem significados diferentes, como nas palavras *pesa* [CSM 38, v.7] : *peça* [CSM 11, v.83]. Ou seja, dois sons estão em oposição quando a presença de um som ou de um outro implica mudança de significado das palavras, formando, assim, pares mínimos que indicam um caráter distintivo do som focalizado.

A partir de nossa análise, pudemos constatar que os grafemas <s> e <ss> na posição de *onset* inicial aparecem seguidos de vogal e apresentam o som de /s/, como em *Santa* [CSM 2, v. 4], *ssa* [CSM 11, v. 64]; os grafemas <c, ç> muito provavelmente correspondem a um som dental /θ/, como em *cidade* [CSM 5, v.162]; o grafema <x> apresenta o som de /ʃ/, como em *xe* [CSM 4, v. 5]. Vale ressaltar que nessa posição não foi coletado qualquer caso em que o grafema <ç> apresente um som fricativo; o único caso encontrado com o grafema <ç> em posição de *onset* inicial foi *çopos* [CSM 37, v.18], que apresenta som de /k/.

Constatamos também que os grafemas <ss>, <s>, <ç>, <c>, <x> e <z> na posição de *onset* medial aparecem em contexto intervocálico, sendo que os grafemas <ss> apresenta o som de /s/, como em *missa* [CSM 12, v.11]; o grafema <x> provavelmente representa [ʃ], como em *trouxe* [CSM 2, v. 12]; os grafemas <c, ç> correspondem ao som de /θ/, como em *coração* [CSM 5, v. 35], *parecer* [CSM 10 v. 4]; os grafemas <s> e <z> apresentam o som de /z/, como em *quiser* [CSM B, v. 39] e *dizer* [CSM B, v. 6]. Já os grafemas <s>, <ss>, <ç>, <z> e <c> em posição medial estão presentes em contexto entre consoante e vogal. Os dois primeiros apresentam o som de /s/, o grafema <z> apresenta o som de /z/ e os grafemas <c, ç> correspondem a sons dentais, como nas palavras *Affonso* [CSM A, v. 1], *canssada* [CSM 1, v. 24], *merçee* [CSM B, v. 37], *arcebispo* [CSM 2, v.60], *donzel* [CSM 4, v. 95].

Os grafemas <s>, <x> e <z>, encontrados em posição de travamento silábico, correspondem provavelmente a um arquifonema fricativo, ou seja, a um som especificado apenas com o traço fricativo, sem especificação necessária quanto ao traço de vozeamento, porque, apesar de haver a certeza de que se trata de um segmento

fricativo, não é possível saber com certeza qual a sua realização fonética exata, neste contexto, dada a ausência de evidências de oposição. O arquifonema representa a neutralização de uma oposição fonológica estabelecida em outros contextos, ou seja, a oposição fonológica que ocorre num contexto se neutraliza em outro contexto.

Através do estudo das rimas das CSM obtivemos informações importantes referentes às fricativas sibilantes do PA, no que diz respeito à realização fonética da época. Pudemos concluir que, na posição de *onset*, os segmentos representados pelos grafemas <s>, <z>, <c>, <ç> e <ss> podem ou não estar em oposição fonológica. Notamos também que o grafema <ss> está em oposição com <s> quando aparecem em contexto intervocálico, e que os grafemas <c> e <ç> representam o mesmo som, não correspondendo a sons em oposição, mas ao mesmo fonema.

Em posição de coda, encontramos os grafemas <s>, <x> e <z>, como nos exemplos *quis*, *quix*. Verificamos que ocorreram diferentes realizações gráficas da mesma palavra, dependendo do contexto em que estão inseridas, e não foi verificada oposição fonológica entre os sons que representam, uma vez que o significado permaneceu inalterado. Essas diferenças de escrita talvez pressuponham apenas variantes fonéticas. Além disso, na coleta de dados foram encontradas palavras que trazem grafemas relativos a fricativas sibilantes grafados da mesma forma e rimando entre si, o que nos leva a afirmar que soavam da mesma forma no PA.

Observamos também que, apesar de haver dúvidas sobre as realizações fonéticas das fricativas sibilantes no PA, o sistema consonantal, no que se refere às fricativas sibilantes, já apresentava as mesmas características que encontramos hoje no PB, com exceção do possível aparecimento de uma fricativa dental.

É importante ressaltar que este trabalho, além de trazer informações sobre a realização das sibilantes, no PA, traz reflexões sobre a relação que se pode estabelecer entre a forma fonética, a fonológica e a ortográfica. Além disso, mostra como é possível obter resultados satisfatórios a partir da relação entre letras e sons com relação às grafias possíveis da lírica medieval.

Para finalizar, podemos afirmar que este estudo contribuiu para compreendermos parte da história do português, partindo da análise da descrição fonológica das fricativas sibilantes do PA. Constatamos que, através de estudos do passado linguístico da língua portuguesa, podemos ter um maior entendimento da estrutura do português atual e da identidade dos falantes desta língua.

Referências

- ABAURRE, M. B. Fernão de Oliveira: As “Reflexões Fonológicas” de um Autor do Século XVI. In: ABAURRE, M. B., PFEIFFER, C.; AVELAR, J. *Fernão de Oliveira - um gramático na história*. Campinas, Pontes Editores, 2009, p. 59-70.
- _____. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: LAMPRECHT, R.R. *Aquisição da Linguagem: questões e análises*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999, p.167-186.
- AFONSO X O SABIO. *Cantigas de Santa María*: edición facsímile do Códice de Toledo (To). Biblioteca Nacional de Madrid (Ms. 10.069). Vigo: Consello da Cultura Galega, Galáxia, 2003.
- ALI, M. S. *Vocabulario Orthographico* Precedido das Regras Concernentes as principaes dificuldades orthographicas da nossa lingua. São Paulo: Laemmert, 1905.
- ALVARENGA, D; OLIVEIRA, M.A. Canonicidade silábica e aprendizagem da escrita. *Revista de Estudos Lingüísticos*. Belo Horizonte, ano 6, n.5, v.1, p.127-158. 1997.
- ANGLÉS, H. *La música de las Cantigas de Santa María del Rey Alfonso el sabio*: facsímil, transcripción y estudio crítico por Higinio Anglés. Barcelona: Diputación Provincial de Barcelona; Biblioteca Central; Publicaciones de la Sección de Música, 1943-1964.
- BARROS, J. de. *Grammatica da lingua portuguesa com os mandamentos da santa madre igreja*. Lisboa: Luís Rodrigues. Reprodução fac-similada e introdução de Maria Leonor Carvalhão Buescu, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971. [1ª edição: 1540]
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª edição, revista e aumentada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BERTOLUCCI PIZZORUSSO, V. Afonso X. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Org.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2002a, p. 36-41.
- _____. Afonso X. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Org.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2002b, p. 142-146.
- BETTI, M. P. *Rimario e Lessico in Rima delle Cantigas de Santa Maria di Alfonso X di Castiglia*. Pacini Editore, 1997.
- BLEVINS, J. The syllable in Phonological Theory. In: J. Goldsmith (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Blackwell, 1995. p. 207-243.

- BIAGIONI, A. B. *A sílaba em português arcaico*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - FCL/ UNESP, Araraquara, 2002.
- BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp, 1999. v. VII. p. 701-742.
- BORGES NETO, J. A teoria da linguagem de Fernão de Oliveira. In: ABAURRE, M. B.; PFEIFFER, C.; AVELAR, J. *Fernão de Oliveira- um gramático na história*. Campinas: Pontes Editores, 2009, p. 43-52.
- CAGLIARI, L.C. Fonética e Ortografia na Gramática de Fernão de Oliveira (1536). In: ABAURRE, M. B.; PFEIFFER, C.; AVELAR, J. *Fernão de Oliveira - um gramático na história*. Campinas, Pontes Editores, 2009, p. 71-86.
- _____. *Elementos de Fonética do Português Brasileiro*. São Paulo: Paulistana, 2007.
- _____. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- _____. *Acento em português*. Campinas. Edição do autor, 1999.
- _____. *Fonologia do Português: análise pela Geometria de Traços*. Campinas: Edição do Autor, 1998a.
- _____. A escrita do português arcaico e a falsa noção de ortografia fonética. In: EARLE, T. F. (Org.). *Actas do V Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*. Coimbra: AIL, 1998b, p. 57-69.
- _____. *Fonologia do Português: análise pela Geometria de Traços e Traços e pela Fonologia Lexical*. Campinas: Edição do autor, 1997.
- _____. A Produção da Fala. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Campinas: UNICAMP. Tese de Livre Docência, 1981, p. 5-54; 99-114.
- CÂMARA JR, J. Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 19. ed. Petrópolis, Vozes, 1989. [1ª edição: 1970.]
- _____. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1985. [1ª edição brasileira: 1975.]
- _____. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977. [1ª edição: 1953.]
- CARDEIRA, E. Alguns dados sobre o sistema de sibilantes do português. In: CASTRO, I.; DUARTE, I (eds.), *Razões e emoção. Miscelânea de estudos oferecida a Maria Helena Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003, vol. I, p. 129-145.
- CASTRO, B. M. *As Cantigas de Santa Maria: um estilo gótico na lírica ibérica medieval*. Niterói: EdUFF, 2006.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

_____. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

CLEMENTS, G. N. The Geometry of Phonological Features. *Phonology Yearbook*, London, n.2, 1985, p. 225-252.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A. *The handbook of Phonological Theory*. Cambridge MA, Oxford UK: Blackwell, 1995. p. 245-306.

COLLISCHONN, G. A sílaba em Português. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 95-164.

COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

CRYSTAL, D. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FALCÃO, F. S. *O vervo satírico: provérbio e proverbialização na sátira galego-portuguesa*. Vitória: Edufes, 2010.

FERREIRA, M. P. The stemma of the marian cantigas: Philological and musical evidence. *Bulletin of the cantigueiros de Santa Maria*, Cincinnati, n.6, p. 58-98, 1994.

FIDALGO, E. *As Cantigas de Santa Maria*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 2002.

FILGUEIRA VALVERDE, J. Introducción. In: ALFONSO X EL SABIO. *Cantigas de Santa María: Códice Rico de El Escorial*. Madrid: Castalia, 1985. p. XI-LXIII.

FREITAS, M.; SANTOS, A. *Contar (histórias de) sílabas: descrição e implicações para o Ensino do Português como Língua Materna*. Lisboa: Edições Colibri, 2001. p. 15-55.

FUDGE, E. Syllable. *Journal of Linguistics*, 5, 1969. p. 254-287

GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental and metrical phonology*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

_____. *Autosegmental Phonology*. Doctoral Dissertation (Department of Linguistics) - MIT, Cambridge, MA, 1976.

GONÇALVES, E. Apresentação crítica. In: GONÇALVES, E.; RAMOS, M.A. *A Lírica Galego-Portuguesa (Textos Escolhidos)*. 2ª edição. Lisboa: J. A. Rosado Flores, 1985, p. 13-125.

GRANUCCI, P. M. F. *O sistema vocálico do português arcaico: um estudo a partir das rimas das cantigas de amigo*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – FCL/UNESP, Araraquara, 2001.

HARRIS, J. H. *Syllable structure and stress in spanish*. Cambridge: MIT Press, 1983.

HAUY, A. B. *História da língua portuguesa I: séculos XII, XIII, XIV*. São Paulo: Ática, 1989.

HAYES, B. Compensatory lengthening in Moraic Phonology. *Linguistic Inquiry*. v. 20, Number 2, Spring 1989, p. 253-306.

_____. Inalterability in CV phonology. *Language*. Baltimore MD. v. 62, 1986, p. 321-352

HERNANDORENA, C. L. M. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 09-94

HOGG, R.; McCULLY, C. B. *Metrical phonology: a coursebook*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.S.; FRANCO, F. M. de M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1ª reimpressão com alterações. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente*. São Paulo: Contexto, 2007.

JAKOBSON, R. Fonema e fonologia. In: SAUSSURE, F. *et al. Textos selecionados*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985, p. 65-73.

LADEFOGED, P. *A course in Phonetics*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1975.

LEÃO, Â. V. *Cantigas de Santa Maria, de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

_____. Questões de linguagem nas *Cantigas de Santa Maria, de Afonso X*. Ensaios – Associação Internacional de Lusitanistas (AIL), 2002. Disponível em: <www.pucrs.br/fale/pos/ail/leao/01.htm>. Acesso em: 17/01/2005.

LINDLEY CINTRA, F. F. *A Linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

MAIA, C. *História do Galego-Português*. 2ª edição. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian/Junta de Investigação Científica e Tecnológica, 1997. [Reimpressão da edição do INIC, 1986.]

MASSINI-CAGLIARI, G. *Cancioneiros medievais galego-portugueses*. São Paulo: Martins Fontes, 2007a.

_____. Legitimidade e identidade: da pertinência da consideração das *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X como corpus da diacronia do Português. In: MURAKAWA, C.; GONÇALVES, M. F. (Org.) *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa*. Araraquara: Laboratório Editorial da FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007b, p. 101-126

_____. *A música da fala dos trovadores: estudos de prosódia do português arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. Tese (Livre docência em Linguística). Faculdade de Ciências e Letras-UNESP, Araraquara, 2005a.

_____. Questões de silabação: comparações entre o português arcaico e o português brasileiro. IN: MASSINI-CAGLIARI, G.; MURAKAWA, C. A. A.; BERLINCK, R. A.; GUEDES, M. (Orgs.) *Estudos de Lingüística Histórica do Português*. Araraquara: Laboratório Editorial da FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2005b, p. 179-192.

_____. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

_____. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico*. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português. Tese de doutorado. Campinas. UNICAMP, 1995.

_____. *Acento e ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. Fonética. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (org.) *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez. 2001.v. 1, p. 105-146.

_____. Quantidade e duração silábicas em português. *D.E.L.T.A.* vol 14, 1998, p. 47-59.

MATEUS, M. H. M. Estudando a melodia da fala – traços prosódicos e constituintes prosódicos. *Palavras – Revista da Associação de Professores de Português*, n.28, p.79-98, 2005. Disponível em: <<http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2004-mhmateus-prosodia.pdf>>. Acesso em: 14/06/2012.

MATEUS, M. H.; d'ANDRADE, E. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989.

MESSNER, D. Conjecturas sobre a periodização da língua portuguesa. In: MASSINI-CAGLIARI, G. et. al. (Org.). *Descrição do português: linguística histórica e historiografia linguística*. Araraquara: Laboratório Editorial de FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, série Trilhas Linguísticas nº 3, 2002, p. 97- 117.

METTMANN, W (Ed.). *Cantigas de Santa Maria (Cantigas 261 a 427): Alfonso X, el Sabio*. Madrid: Castalia, 1989.

_____. (Ed.) Alfonso X, el Sabio. *Cantigas de Santa Maria* (Cantigas 101 a 260). Madrid: Castalia, 1988.

_____. (Ed.). *Cantigas de Santa Maria* (Cantigas 1 a 100): Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1986a.

_____. (Ed.). Introducción. In: ALFONSO X, EL SABIO. *Cantigas de Santa Maria* (Cantiga 1 a 100). Madrid: Castalia, 1986b, p. 7-42.

_____. Glossário. In: AFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Universidade, 1972. v. IV, p. 1-324.

MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. *Lições de filologia portuguesa (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13)* seguidas das lições práticas de português arcaico. Rio de Janeiro: Martins Fontes, [19--]. Referida como 1912-1913.

MONARETTO, V; QUEDNAU, L.; HORA, D. As consoantes do português. In: BISSOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 205-246.

MONGELLI, L. M. *Fremosos cantares: antologia da lírica medieval galego-portuguesa*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MORI, A. C. Fonologia. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (org.) *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez. 2001. v. 1, p. 147-179.

NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: (fonética e morfologia)*. Lisboa: Clássica, 1960.

OLIVEIRA, F. de. *A gramática da linguagem portuguesa*. Introdução, leitura actualizada e notas de M.L. Buesco. Lisboa, 1975. [1ª edição: 1536]

_____. *Gramática da Linguagem Portuguesa* (Ed. Crítica de TORRES, A; ASSUNÇÃO, C). Lisboa: Barbosa & Xavier Artes Gráficas, 2000. [1ª edição: 1536]

PARKINSON, S. R. Layout and Structure of the Toledo Manuscript of the *Cantigas de Santa Maria*. In: PARKINSON, S. (Ed.). *Cobras e Son: Papers on the Text Music and Manuscripts of the "Cantigas de Santa Maria"*. Oxford: Legenda, University of Oxford, 2000. p. 133-153.

_____. As Cantigas de Santa Maria: estado das cuestións textuais. In: *Anuário de Estudos Literarios Galegos*, Vigo, 1998, p. 179-2005.

PERLMUTTER, D. Phonological Quantity and Multiple Association. In: GOLDSMITH, J. A. (ed.) *The handbook of Phonological Theory*. Cambridge MA, Oxford UK: Blackwell, 1995, p. 307-317.

PESSOA, F. *Mensagem*. À memória do Presidente-Rei Sidónio Pais. Quinto Império. Cancioneiro; anotações de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

PINHEIRO, M. H. D. *O sistema consonantal do português arcaico visto através das cantigas profanas*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua portuguesa)- FCL/UNESP, Araraquara, 2004.

PIKE, K. *Phonemics: A technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1947.

PIKE, K; PIKE, E. Immediate constituents of Mazateco syllables. *International Journal of Applied Linguistics*, 13, 1947, p. 78-91.

RÜBECAMP, Rudolf. A antiga linguagem galega das Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio. *Boletim de Filologia*. Lisboa, 1932, Tomo I, p. 273-354.

SAUSURRE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

SCHAFFER, M.E. The “Evolution” of the *Cantigas de Santa Maria*: The Relationships between Manuscripts T, F and E. In: PARKINSON, S. (Ed.). *Cobras e Son: Papers on the Text Music and Manuscripts of the “Cantigas de Santa Maria”*. Oxford: Legenda, University of Oxford, 2000, p. 186-213.

SCHULTZ, B. S; BACCIN, P. G. Brasileirismos e portuguesismos incorporados do léxico da língua italiana: análise de campos léxico-conceptuais. In: BARROS, L. A.; SQUERDO, N. A. (Orgs.) *O léxico em foco: múltiplos olhares* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/946ch/pdf/barros-9788579831256-07.pdf>. Acesso: 20/04/2013.

SELKIRK, E. O. The Syllable. In: HULST, H.V.D; SMITH, N. (eds.). *The Structure of Phonological Representations* (part II). Dordrecht Foris, 1982, p. 337-383.

_____. *On prosodic structure and its relation to syntactic structure*. Indiana: IULC, 1980.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português*. 10. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

_____. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA NETO, S. *História da língua portuguesa*. 2ed. Rio de Janeiro: Livro de Portugal, 1970. [1ª edição: 1957].

SNOW, J. T. Current Status of Cantigas Studies. In: KATZ, I. J.; KELLER, J. E. (Ed.). *Studies on the Cantigas de Santa Maria: Art, Music and Poetry*. Madison: The Hispanic Seminary of Medieval Studies, Ltd., 1987, p. 475-486.

SOMENZARI, T. *Estudo da Possibilidade de Geminação em Português Arcaico*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - FCL/UNESP, Araraquara, 2006.

STETSON, R. H. *Motor phonetics*. Amsterdã: North Holland Public., 1928.

TAVANI, G. *Ensaio português; filologia e lingüística*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1988.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. 3. ed. portuguesa. Lisboa: Sá da Costa 1987.

TOLEDO NETO, S. de A. *Varição Grafemática Consonantal no Livro de José de Arimatéia (Cód.ANTT 643)*. 1996. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa – USP, FFLCH, São Paulo, 1996.

TRASK. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

WILLIAMS, E.B. *Do latim ao português: fonologia, morfologia históricas da língua portuguesa*. Trad. Antônio Houaiss. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973. [1ª edição: 1938]